



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**MÁRCIA MARIA DOS SANTOS**

**NOVAS CRÔNICAS, VELHAS PALAVRAS:  
EM BUSCA DO BOROGODÓ PERDIDO**

Salvador  
2010

**MÁRCIA MARIA DOS SANTOS**

**NOVAS CRÔNICAS, VELHAS PALAVRAS:  
EM BUSCA DO BOROGODÓ PERDIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Serafina Pondé.

Salvador  
2010

Santos, Márcia Maria dos.

Novas crônicas, velhas palavras : Em busca do borogodó perdido / Márcia Maria dos Santos. - 2010.

213 f. : il.

Incluem anexos e apêndices.

Orientadora : Profª. Drª. Serafina Pondé.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

1. Semântica. 2. Crônicas brasileiras. 3. Lexicologia. 4. Palavras e expressões. I. Pondé, Serafina. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 412  
CDU - 81'37



**MÁRCIA MARIA DOS SANTOS**

**NOVAS CRÔNICAS, VELHAS PALAVRAS:  
EM BUSCA DO BOROGODÓ PERDIDO**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Data de Aprovação: 07/12/2010

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Serafina Pondé (Orientadora)  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

---

Prof. Dr. João Santana Neto  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Prof. Dra. Lícia Heine  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador, 07 de dezembro de 2010.

*Ao Supremo Criador*

## **AGRADECIMENTOS**

Ninguém é tão autossuficiente que não tenha recebido ajuda, de quem quer que seja, na elaboração de um empreendimento. Com esta pesquisa não foi diferente. Do Ser Supremo, doador da inteligência e da livre capacidade de pensar, ao indispensável auxiliar da informática, todos foram imprescindíveis para a construção deste trabalho.

Sendo assim, jamais poderia deixar de dizer “obrigada”:

Ao meu Deus, que me deu propósito na vida.

A Serafina Pondé, minha querida professora orientadora. Mais que isso.

Aos meus familiares, pela torcida pelo meu sucesso.

A minha amiga Cristiane Moreira, Cris, fiel colega na árdua jornada acadêmica.

Aos meus queridos amigos, dispostos informantes nas entrevistas.

Aos não tão amigos, mas colaboradores comprometidos com a pesquisa.

A todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

*Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala.*

HORÁCIO, *Ars poetica*, vv. 70 et seq.



## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo descrever o comportamento de falantes de um determinado perfil no processo de resgate e compreensão de itens lexicais em desuso, retirados de um gênero literário. A metodologia apoia-se, basicamente, em entrevistas de cunho informal, com o texto escrito, com informantes na faixa etária entre 25 e 40 anos e nível escolar entre 2º grau e pós-graduação incompletos. Léxico e semântica partilham da mesma dificuldade nos estudos linguísticos; o primeiro por não poder ser apreendido nem descrito na sua totalidade e a segunda por seu caráter vulnerável, de valor interpretativo e conseqüentemente imprevisível. As palavras são a chave para a compreensão de um texto qualquer, por isso a utilização de crônicas como *corpus*, retiradas do livro *Em busca do borogodó perdido*, do cronista brasileiro Joaquim Ferreira dos Santos, servir à análise desta pesquisa, visto a pertinência do tema dessas crônicas – a retomada de vocábulos na perspectiva da temporalidade. A especial relação entre as palavras, defendida por alguns linguistas, seja no som, no sentido, ou nos dois ao mesmo tempo, possui efetiva relevância conforme se pôde comprovar durante a pesquisa. Dessa forma, foi possível observar o uso de estratégias, retiradas de pistas textuais e das próprias palavras, utilizadas pelos informantes, para apreensão de um significado outrora perdido.

**Palavras-chave:** Crônica. Léxico. Significado. Resgate. Estratégias.

## ABSTRACT

This main objective of this thesis is to describe the behavior of speakers of a specific profile in the process of redemption and understanding of misuse of lexical items drawn from a literary genre. The methodology relies primarily on interviews of informal nature, with the written text of informants aged between 25 and 40 years and with educational qualification of between second grade and incomplete postgraduate studies. Lexis and semantics share the same difficulty in language studies, the former because it can not be understood or described in its entirety and the latter for its vulnerable character of interpretive value which makes it unpredictable. Words are the key to understanding any text, so the chronic use of a corpus, from the book *Em busca do borogodó perdido*, of the chronicler Joaquim Ferreira dos Santos, serve the analysis of this research, showing the relevance of the theme of these chronicles - the resumption of words from the perspective of temporality. The special relationship between the words, held by some linguists, is the sound, sense, or both at the same time; it has actual relevance as was demonstrated during the research. Thus, it was possible to use strategies, drawn from textual clues and their own words, used by the informants, to comprehend the meaning that is once lost.

**Keywords:** Chronicle. Thesaurus. Meaning. Rescue. Strategies.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Triângulo básico da Semântica, de Ogden e Richards.....	33
Figura 2: Triângulo básico da Semântica, de Ullman .....	34
Figura 3: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 1 .....	67
Figura 4: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 2.....	68
Figura 5: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 3.....	69
Figura 6: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 1.....	70
Figura 7: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 2.....	71
Figura 8: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 3.....	72
Figura 9: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 1 .....	73
Figura 10: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 2.....	74
Figura 11: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 3.....	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Índices dos percentuais obtidos na pesquisa em relação aos resultados encontrados .....	66
Quadro 2: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).....	76
Quadro 3: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B).....	77
Quadro 4: Crônica 1 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C). ....	78
Quadro 5: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (D).....	79
Quadro 6: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).....	80
Quadro 7: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B). ....	81
Quadro 8: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C). ....	82
Quadro 9: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (D).....	83
Quadro 10: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).....	84
Quadro 11: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B). ....	85
Quadro 12: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C). ....	86
Quadro 13: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (D).....	87

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CRÔNICA, ESTILO E OUTRAS ARRELIAS .....</b>	<b>15</b>
2.1	BREVE HISTÓRICO SOBRE A CRÔNICA .....	15
2.2	SOBRE A ESTILÍSTICA LITERÁRIA .....	21
2.3	A ANÁLISE DO ESTILO.....	22
2.4	O ESTILO DE JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS .....	26
2.5	AS SUBJETIVIDADES DA LINGUÍSTICA.....	31
2.5.1	A Semântica .....	31
2.5.2	O Significado .....	32
2.5.3	O Léxico.....	40
2.5.4	A Polissemia .....	44
2.5.5	A Categorização.....	49
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>54</b>
3.1	COMENTÁRIOS DOS LEITORES .....	59
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>64</b>
4.1	ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO DE SIGNIFICADO .....	88
4.1.1	Estratégia fonética .....	88
4.1.2	Estratégia morfológica .....	90
4.1.3	Estratégia sintática .....	91
4.1.4	Conhecimento prévio.....	94
4.1.5	Estratégia contextual.....	95
4.1.6	Estratégia intuitiva .....	98
4.2	O BOROGODÓ PERDIDO .....	102
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>211</b>
	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>206</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A estreita ligação mantida entre a língua e a literatura por vezes suscita questões que convidam a uma investigação científica. Por isso, entender como funciona um dos mecanismos da linguagem – o significado –, amparado no léxico de um gênero literário, constitui um dos objetivos deste trabalho.

Nesta investigação, o texto literário escrito, aliado à indispensável colaboração do informante, serviu de base para compreensão de como o indivíduo age para recuperar o significado de um vocábulo em desuso tido como desconhecido. Dessa forma, a presente pesquisa adotou a perspectiva de análise de determinados significados, por ser este a base de todo entendimento comunicativo, em qualquer língua, tanto no nível de sentença quanto no nível de discurso. Desse ponto de vista, o léxico será abordado segundo teorias de alguns linguistas até chegar à proposta de análise construída neste trabalho.

As mudanças culturais sofridas ao longo das gerações acometem também a linguagem, principalmente o léxico, provocando uma ininterrupta instabilidade. Essa mobilidade, por sua vez, influencia um outro importante aspecto da língua – a Semântica. Pensando nisso, escolheu-se a crônica para amparar esta investigação, por se tratar de um gênero literário capaz de acompanhar o dinamismo do léxico ao longo do tempo, bem como suas alterações semânticas, além de retratar o caráter espontâneo da língua.

O autor de um texto literário tende a criar sua linguagem peculiar e ser reconhecido através dela. Daí a importância de se considerar, neste estudo, aspectos sobre a estilística, a fim de melhor conhecer o estilo do autor das crônicas aqui utilizadas.

A escolha do cronista Joaquim Ferreira dos Santos para este trabalho justifica-se pelo jogo que este faz com o léxico do passado e do presente, podendo-se falar até de um nível intermediário, isto é, nem totalmente ultrapassado nem atual, partindo, como é natural, de seu léxico específico, para resgatar e ao mesmo tempo homenagear vocábulos em desuso. O autor combina uma série de recursos extralinguísticos, como crítica, humor, saudosismo, a outros elementos linguísticos e lexicais – gírias, clichês, neologismos, termos coloquiais etc., para criar crônicas de valor interpretativo impreciso, estabelecendo, nesse universo, uma relação entre palavras, pautadas basicamente entre o novo e o velho, isto é, associando o uso do passado ao uso do presente.

O estudo do léxico junto à Semântica tem sido, para a Linguística, um desafio de muitas perguntas e poucas respostas. Porém, isso não quer dizer que progressos não tenham sido feitos. As correntes semanticistas têm contribuído com suas ideias, divergindo entre si, sem, contudo, conseguir afirmar-se como a mais completa e a mais aceita. Sendo assim, nesta pesquisa, foram levadas em consideração as contribuições dos principais linguistas para os estudos da linguagem, sem, entretanto, abraçar uma só teoria para explicar os fenômenos aqui observados.

Entender como o indivíduo se comporta na relação de uso e desuso de vocábulos tido como desconhecidos foi o principal ponto a ser investigado na pesquisa. Para explicar como o informante faz para compreender o significado desses vocábulos, a metodologia utilizada consistiu de entrevistas informais pautadas na leitura das crônicas, a fim de se observar os mecanismos usados pelos informantes na apreensão do significado. Dessa forma, observaram-se estratégias de recuperação de significado, as quais se encontram descritas na análise dos dados.

Duas hipóteses foram levantadas para responder às questões da pesquisa: a primeira delas seria de que, através de um mecanismo mental, o falante faria relações com outras palavras para descobrir seu significado. A outra hipótese previa uma possível categorização semântica que permitiria ao falante separar ou hierarquizar vocábulos ou expressões em níveis distintos, para lhe servirem ao uso.

A partir dos resultados mais objetivos da pesquisa, visualizados nos quadros elucidativos e gráficos, foi possível descrever, resumidamente, o comportamento dos informantes frente aos vocábulos encontrados nas crônicas.

No que tange à análise subjetiva desses resultados, espera-se ter contribuído com os estudos linguísticos, especificamente nas áreas de léxico e semântica, ou quem sabe ainda abrir um caminho para o desenvolvimento de uma nova perspectiva dentro dos estudos da linguagem.

O trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos assim organizados: no primeiro capítulo são considerados aspectos históricos além de teóricos sobre a crônica; a partir de uma perspectiva também teórica, faz-se uma revisão sobre a estilística para chegar ao estudo do estilo do cronista Joaquim Ferreira dos Santos; no segundo capítulo, estão as principais ideias desenvolvidas na Linguística acerca da Semântica, do significado, do léxico e da polissemia; no capítulo 3, referente à metodologia, primeiramente busca-se contextualizar a escolha do método propriamente dito, em seguida descrevem-se os parâmetros estabelecidos para o

recolhimento dos dados, finalizando com os comentários de alguns informantes, fundamentais para a confirmação das suposições levantadas; no quarto capítulo está a análise dos dados, complementada por gráficos e quadros elucidativos, acrescida de uma pequena referência à grande motivação desta pesquisa – *o borogodó perdido*. Por fim, no quinto capítulo, apresenta-se a conclusão, em que são consideradas as abrangências e limitações da pesquisa.

As crônicas utilizadas para as entrevistas encontram-se no anexo; no apêndice, a entrevista de cada informante. Por fim, consta ao final do trabalho um glossário das principais palavras - e seus significados como constam no Houaiss - destacadas como desconhecidas pelos informantes.

Em suma, faz-se necessário dizer que a presente pesquisa pauta-se numa interface entre a Linguística e a Literatura, por reconhecer nestas uma indissociável relação, como a do próprio homem e a linguagem. Objetivismo e subjetivismo, assim, partilham uma mesma importância nesta abordagem acerca do léxico e da semântica, valendo-se de uma observação e análise flexíveis como o é o significado das palavras.



## 2 CRÔNICA, ESTILO E OUTRAS ARRELIAS

### 2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A CRÔNICA

De acordo com Benjamin (1994), o cronista exerce um importante papel como o narrador da história, sempre fiel a uma época. Confirmando essa ideia, Lopez (*apud* CANDIDO, 1992, p. 209) declara que “a crônica do passado tinha a função de historiar, de procurar transmitir com fidelidade um tempo que estava sendo vivido ou que se mostrava em documentos presentes.” O presente assim se consolida como marca essencial da crônica, ele é a base para a observação e o trabalho. Como os jornais seriam criados muitos anos mais tarde, cabia a um rei zelar pela sua história e registrar através do cronista os fatos importantes do seu reinado.

Conforme Sá (1999, p. 5), pode-se considerar a Carta de Caminha como a primeira crônica escrita no nosso país, já que o autor registra de modo artístico o contato dos portugueses com os indígenas, recriando, como só um cronista sabe fazer, um fato pitoresco repleto de detalhes típicos de uma crônica.

Desde a Carta de Caminha até os dias atuais, a literatura brasileira atravessou longos processos até alcançar o perfil tipicamente brasileiro. A vida comum se funde com a literatura e é assim que a crônica – esse gênero ainda pouco valorizado – ganha importância. Claro que não se tem mais a mesma extensão da Carta de Caminha, mas a marca de registro do circunstancial feita pelo narrador-repórter pretende não só relatar um fato, mas apresentá-lo de forma a descontrair um público. Dessa maneira, pode-se dizer que esse gênero é a soma de jornalismo e literatura, de informação e lazer.

Nos anos de 1881-1921, o gênero conhecido hoje como crônica ganhava um pequeno espaço no jornal, conhecido por *le feuilleton* (o folhetim). Era um lugar específico do jornal, o *rez-de-chaussée*, ou seja, o rés-do-chão, o rodapé, onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, breves ensaios, poemas em prosa, tudo que pudesse informar e /ou divertir os leitores sobre acontecimentos do dia ou da semana. De caráter transitório, o conteúdo ali publicado não tinha a pretensão de durar, assim como as demais informações contidas no jornal (CANDIDO, 1992).

Por volta de 1930, a crônica moderna se definiu e consolidou-se no Brasil como gênero caracteristicamente brasileiro, ganhando cada vez mais escritores e jornalistas, firmando-se com Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga – aquele que se dedicou exclusivamente ao gênero.

João do Rio, considerado o primeiro cronista brasileiro, percebeu as transformações da cidade do Rio de Janeiro, e com elas também a necessidade de mudança de comportamento de quem escrevia sobre sua história diária. Sendo assim, o cronista passa a frequentar lugares, visitar locais, investigar fatos a fim de dar mais vida ao seu texto. Consequentemente, foi ele quem mudou o enfoque, a linguagem e também a estrutura do folhetim, deixando gradativamente a intenção de informar e comentar para, sobretudo, divertir, dando-lhe assim uma roupagem mais literária, enriquecida mais tarde por Rubem Braga, aquele que é reconhecido como um dos maiores, senão o maior, cronista brasileiro.

Nas considerações de Sá (1999) sobre a crônica, o gênero é construído pelo imaginário de seu criador, conferindo-lhe uma interpretação subjetiva, sob o ângulo recriativo do real. João do Rio acreditava tanto nisso que chegava a criar personagens e dava a seus relatos um enfoque ficcional. Contudo, seu trabalho fica apenas na superfície dos acontecimentos, sem se deter nos pormenores de um narrador contista, por exemplo. Seu objetivo é relatar o acontecido de fato, como se os leitores estivessem diante de uma reportagem.

O caráter de liberdade criacionista da crônica, da simplicidade da linguagem, não significa que seu criador desconheça as artimanhas artísticas necessárias para a sua produção, pois ele precisa prender a atenção do leitor, que está sempre apressado e que lê nos pequenos intervalos do seu dia. É nesse contexto que a crônica assume um caráter transitório, exigindo também a elaboração de um certo caráter de urgência. Daí a necessidade de uma linguagem mais solta, mais próxima do diálogo entre amigos do que da tensão do texto escrito. Esse diálogo geralmente é feito com certa sensibilidade, a qual vê relevância no irrelevante, interesse no desprezado.

A crônica está voltada para capturar o instante, e ninguém fez isso tão bem como Rubem Braga. Valorizando a importância dos pequenos momentos, ele mesmo chegou a declarar que “A verdade não é o tempo que passa, a verdade é o instante” (SÁ, 1999, p. 12). Rubem Braga possui a sensibilidade diferenciada de quem não deixa escapar detalhes da vida que geralmente passam despercebidos da maioria. Sendo assim, o cronista surge para o público como narrador, o intérprete da realidade, aquele que a toma e recria, devolvendo-a com uma expressão reflexiva apenas sua.

Apesar do caráter efêmero da crônica, seu autor tem o desejo de cristalizá-la. Quem a escreve tende a achar, como Sá (1999), que constrói uma casa, mesmo sendo ela uma tenda. É por isso que as crônicas têm saído dos jornais para os livros, na tentativa de congelar um ou mesmo vários episódios da vida.

No que diz respeito aos assuntos que uma crônica permite, Fernando Sabino (1965) explica com maestria esse assunto em seu texto “A última crônica”. Através da metalinguagem, o cronista explica como surge a inspiração que registra do insignificante botequim à comemoração de um aniversário, tendo, então, um fato que merece uma crônica, ou seja, qualquer coisa, desde que agrade ao seu autor. Obviamente, este escolhe o acidental que cumpra o antigo propósito regente da literatura: “ensinar, comover e deleitar” (SÁ, 1999, p. 22), seja através de um flagrante na esquina, seja por meio da observação a incidentes domésticos.

A crônica serve-se, também, de recursos característicos de outros gêneros, como o diálogo, a anedota, a narrativa típica do conto, a estrutura ficcional, a exposição poética ou mesmo a biografia lírica, fato que a torna particularmente híbrida. Tal heterogeneidade caminha para um confluência literária, tornando-a própria e inconfundível. Consciente dessa característica, Fernando Sabino fez amplo uso de outros gêneros para criar suas obras que não chegam a ser nem puramente jornalísticas, nem literárias, mas uma espécie de prosa do cotidiano, marcada pelo lirismo reflexivo ou o delicado humor, como definida por Sá (1999).

Esse gênero emergente está voltado para o registro do acontecimento em si, deixando em segundo plano os personagens. Sua preocupação está na banalidade da cena repetida no dia a dia. Como um repórter que junta os retalhos das informações até construir a notícia, assim o faz o cronista quando costura com uma linha invisível o relato verossímil. Certamente, isso não é feito de forma simples ou de qualquer maneira, mas há, por parte do escritor, uma busca da exploração polissêmica das palavras, tornando o discurso único. Mesmo parecendo banal, o que o cronista pretende é fazer o leitor perceber o que está além da banalidade.

Todo cronista, em busca de sua inspiração, percorre a cidade, observando pessoas, conversas, situações – tudo enfim que lhe desperte um olhar mais curioso de quem deseja ultrapassar a realidade. A cidade funciona como um grande palco cênico, onde são representados papéis, a partir dos quais se é possível reviver. É nessa perspectiva que os personagens deixam de ter maior relevância para se valorizar o fato. Quem escreve uma crônica não tem o sonho de permanecer para sempre na lembrança de quem lê sua obra, nem

procura admiradores de sua literatura, mas, antes, tem a intenção de sedimentar um momento. Talvez por essa despreziosa intenção é que o gênero tem ganhado uma durabilidade inesperada.

É na banalidade que o cronista Paulo Mendes Campos vê as forças secretas da vida, quando busca nas imagens o extermínio do tédio urbano sufocante, procurando sempre ir além da mera descrição, antes, captando a essência do objeto sem se ater ao real. É nesse sentido que sua crônica está muito próxima da poesia em prosa, resultado do acúmulo de suas experiências pessoais repletas de emoções, fruto de quem busca um outro espaço, uma fuga da cidade grande para a cidadezinha do interior, onde é possível voltar à infância. Claro que sua crônica não é apresentada como um produto definitivo e acabado, pois o leitor também pode recriar e atribuir significados que comporão as imagens poéticas. Porém isso não quer dizer que o real é afastado por causa do imaginário, pelo contrário, é esse imaginário que permite suportar a dureza do mundo, fazendo com que cada pessoa reaprenda a verdade através da própria experiência pessoal. A doce linguagem de Paulo Mendes Campos traduz o lirismo de quem observa com a alma as coisas que se passam nas ruas, de uma personalidade que não se acostuma ao rápido crescimento da tecnologia e preserva nostalgicamente o sentimento de sua poesia (SÁ, 1999).

A Humanidade vive atualmente em uma imensa aldeia global, onde é necessário estar atento aos acontecimentos por toda a volta. A crônica, ocupante de um espaço jornalístico, tem por sua vez a função de fazer com que o leitor veja além do acontecido. Isto é feito com a soma do fato, dos personagens com uma preocupação estética que, juntos, produzem, ou pelo menos procuram, uma empatia com o leitor. Portanto, a crônica visa a aprofundar uma notícia e provocar uma visão da relação das pessoas com os fatos ocorridos entre cada indivíduo e os outros no mundo ao redor, fazendo com que a existência de cada um se torne um pouco mais gratificante. Para isso, há um empenho em transformar uma coisa séria em conversa descontraída. Por outro lado, as descrições alegres da vida podem ser feitas de maneira séria, em que tudo é muito vivo, é motivo para reflexão ou simplesmente para divertimento, chegando, assim, até o desligamento momentâneo da realidade. A transposição de um mundo imaginário se dá pelo cronista-poeta, que não fantasia sensações, mas as registra com recursos estilísticos próprios que oscilam entre o visto e o imaginado.

A crítica lírica da crônica só é possível quando há o distanciamento necessário que permite ao ser perceber suas próprias fragilidades. Confrontar o passado com o presente é um

caminho de revelar quem as pessoas de fato são. Tornar ficção fatos e pessoas reais também é um meio de encontrar a realidade.

A crônica é considerada um gênero literário de menor importância, e como declara Candido (1992, p. 13): “graças a Deus”, porque sendo assim ela está ao alcance de todos. Porém, isso não a faz insignificante e de todo desprezível, pois o seu valor é o mesmo de qualquer outro gênero da literatura.

Na virada do século XIX para o século XX, muitas foram as invenções que povoaram o dia a dia dos cariocas, e a crônica foi uma delas. Esse gênero literário teve sua intensa difusão no Rio de Janeiro, que no início de séc. XIX celebrava a capital da “ordem e progresso”, onde os cronistas tinham o papel de narradores do tempo vivido em um momento de rupturas e transformações. O registro da crônica está intimamente ligada ao tempo, e não é à toa que a etimologia da palavra – *chronus*/crônica – remete ao seu significado em grego, *tempo*. A origem dos fatos relatados tem uma relação direta com o tempo vivido, como se fosse uma espécie de relato histórico, sob a percepção, pode-se dizer, do historiador-cronista.

Paulo Barreto (1956, *apud* CANDIDO, 1992) explica como via aquela época de transformações, na qual suas crônicas podiam ser definidas “pela preocupação do momento”:

Este livro, como quantos venho publicando, tem a preocupação do momento. Talvez mais que os outros. O seu desejo ou a sua vaidade é trazer uma contribuição de analyse (sic) à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse histórico sob o mais curioso período de nossa vida social que é o da transformação actual de usos, costumes e ideias (BARRETO, 1956, p. 83, *apud* CANDIDO, 1992, p. 84).

Dessa forma, a narrativa de uma crônica está presa aos fatos na sua ordem cronológica, daí a ideia de uma crônica perder sua graça depois de algum tempo, quando lida fora do contexto temporal em que foi escrita.

Segundo Cardoso (*apud* CANDIDO, 1992), a assinatura semanal de uma crônica, na coluna jornalística, deve estar na moda e tratar da moda, para chamar atenção e ser ao mesmo tempo atual. Como a crônica assume esse caráter transitório e modista, seu valor será equiparado ao de uma mercadoria que, quando utilizada, cumpre seu papel e pronto! A cada postagem semanal, o cronista deve apresentar aos leitores um artefato cheio de atrações. Não há como negar a difícil tarefa que exige do cronista ideias contínuas, sejam suas ou tomadas de empréstimo, e abuso da criatividade para tentar manter o leitor sempre interessado no seu texto.

Cardoso (*apud* Candido, 1992, p. 142) compara a crônica a uma bala: “Doce, alegre, dissolve-se rápido”, mas, como o açúcar, vicia, e se quer mais, e “quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel, no chão, descartado”. Ela ressalta que a ‘crônica-bala’ não tem pretensões nutritivas, nunca foi considerada artigo de primeira necessidade. É um luxo suplementar de prazer fugaz e, talvez, perigoso, pois ao desfrutar da satisfação momentânea logo se esquece o que se leu.

Dentre as inovações da escrita literária ao longo dos anos, a crônica também ganha inflexões, que a transformaram no que Cardoso (*apud* CANDIDO, 1992) chamou de “heterogênero literário”. Dessa forma, ela concebe a crônica como volúvel e heterogênea, que, enquanto gênero, não deve ser vista como um repertório de invariantes formais ou temáticas, mas como um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas.

Até aqui muito se falou sobre a crônica e suas definições, mas o que constitui esse gênero sob a visão dos próprios cronistas?

Em reportagem sobre esse gênero, Antonio Prata, João Paulo Cuenca, Arnaldo Jabor, Tutty Vasques e Martha Medeiros (*apud* CONDE, 2007) apresentam definições que, como a própria crônica, são bastante flexíveis e particulares:

A crônica é um passeio literário. Uma volta pela cidade, pelo pensamento, ao redor do quarto ou do próprio umbigo. É um gênero vira-latas: pode nascer de uma notícia engravidada por um conto, de um ensaio apaixonado por uma poesia ou ser filha de uma piada com pai desconhecido. (*Antonio Prata*)

A crônica, gênero essencialmente literário e não jornalístico, é o pingente do jornal. Se o pingente é uma joia ou não, depende do estilo do cronista. Crônica não é notícia, embora possa refletir sobre o noticiário. Pode também criar sua própria realidade e ser livremente ficcional. A crônica revela um único e soberano ponto de vista: o do cronista. (*João Paulo Cuenca*)

A crônica já foi considerada um gênero menor, mas, no tempo atual, onde tudo é muito mutante, muito transiente e impermanente, é sua proximidade como o efêmero que a torna tão importante. A crônica pode ser muito mais profunda do que a obra solene, que busca eternidade, ou uma resposta definitiva. (*Arnaldo Jabor*)

Crônica, na definição precisa de Fernando Sabino, ‘é tudo aquilo que chamamos de crônica’. Coisa, em geral, de jornalista preguiçoso – ô, raça! – que pega um atalho para chegar ao leitor, cortando o caminho da apuração. Como dizia Rubem Braga, outro mestre do gênero, ‘o cronista é um desajustado emocional que desabafa com os leitores’...Sobrevivem só os que têm o dom de iludir, salvando o noticiário de uma chatice total. (*Tutty Vasques*)

Difícil definir este gênero. A crônica é uma esponja: pode absorver um pouco de ficção, um pouco de poesia, um pouco de reportagem. Mas tem que ser ligeira.

Se fôssemos comparar com o cinema, o romance seria um longa, o conto seria um curta e a crônica, um trailer. A crônica é híbrida: mistura jornalismo, literatura, blog. (*Martha Medeiros*)

Joaquim Ferreira dos Santos (2007) também oferece a sua definição, retirada do texto *Cumequié!?*, uma de suas crônicas: “A crônica fica ali no meio do caminho entre o artigo, a pensata, o ensaio, a reportagem e o conto. Mas tem uma levada subjetiva, uma despreensão, um ar de quem não se leva muito a sério”.

Os conceitos apresentados para a crônica, sob a ótica dos próprios cronistas, demonstram como o gênero tem mesmo um valor diferenciado dos demais. Híbrida tanto na sua forma como nas ideias que a definem, a crônica passou por tantas mudanças que não é possível conferir-lhe um único conceito, pois são diversas as suas características.

Consolidada como um gênero tipicamente brasileiro, a crônica tem adquirido uma vital importância na literatura nacional, servindo de base para inúmeros trabalhos na Linguística e Literatura.

## 2.2 SOBRE A ESTILÍSTICA LITERÁRIA

Riffaterre (1973) conceitua estilo como uma ruptura, um “desvio” em relação a uma norma, que se encontra na correção, de acordo com a gramática normativa, ou no uso, ou seja, no individual, no não-frequente. Nessa mesma linha, Aristóteles (*apud* COMPAGNON, 1999, p. 168) considerava o estilo como efeito e ornamento, afirmando que: “a substituição de uma palavra por uma outra dá à elocução uma forma mais elevada”. Já para Compagnon (1999), estilo é a relação do texto com a língua, concordando nesse aspecto com Riffaterre (1973), quando afirma que a língua literária se caracteriza por seu estilo, em contraste com a língua de todos os dias, que carece dele. Nesse ponto, para Compagnon (1999), o estilo figura como um meio-termo entre a língua e a literatura.

O traço estilístico pode ser identificado, segundo Delas (1973), pela unidade linguística do texto codificada estilisticamente, cuja análise não deve ser feita palavra por palavra, frase por frase, isto é, de um ponto de vista estritamente linguístico. Através dessa percepção, é possível identificar a originalidade sistemática, baseada nos traços contrastivos, de pouca variação, gerando um padrão artístico que assim será sentido pelo leitor.

Existe, dentro do padrão estilístico, um questionamento de Delas (1973) nada fácil de responder: como identificar o limite da perceptibilidade que faz com que o leitor reconheça esta ou aquela frase isolada como sendo deste ou daquele escritor? Para alguns pesquisadores ou críticos, a análise de um texto deve ser feita com o distanciamento de seu objeto para permitir justamente que o objeto seja analisado como tal.

Ainda consoante à obra de Riffaterre (1973), Delas (1973, p. 22) apresenta as seguintes ideias quanto à análise estilística do texto:

[...] quanto mais conotado for um texto, menos denotado e mais desviante ele será; ou também que, quanto mais conotado, mais ele remete para a época e arquétipos, mais ligado estará ao segundo plano psico-sociocultural; quanto mais representativo de outra coisa, menos rico ele é.

Já para Bakhtin (2000[1979], p. 202-203), é a palavra, unida ao desígnio artístico, quem revela o estilo:

O desígnio artístico fundamental se efetua com base no material que é a palavra (que se torna artística na medida em que é governada por esse desígnio) através de determinadas formas da obra de criação verbal e de determinados procedimentos condicionados não só pelo desígnio artístico inicial, mas também pela natureza do material dado: a palavra; (é aí que começam os domínios de uma estética especializada que leva em conta particularidades do material de uma dada arte).

Bakhtin (2000[1979]) acredita que, quando o autor busca a palavra pessoal, na verdade está em busca de um gênero e um estilo, procurando definir, dessa forma, sua postura de autor. Assim, por trás do estilo estaria o ponto de vista global de uma individualização total.

### 2.3 A ANÁLISE DO ESTILO

Para Riffaterre (1973), a Linguística e a Estilística estão intimamente ligadas, e espera-se uma utilização dos métodos linguísticos para a descrição exata e objetiva do uso literário da linguagem. Pois, nas palavras do autor, “os fatos estilísticos só podem ser apreendidos na linguagem, já que esta é seu veículo; de outro lado, devem ter um caráter específico, pois do contrário não se poderia distingui-los dos fatos linguísticos” (RIFFATERRE, 1973, p. 29).



A fim de se obter uma análise do estilo, é preciso reunir, primeiramente, todos os elementos de apresentação de traços estilísticos, para depois, então, submetê-los à análise linguística, desprezando os demais elementos, aqueles que não são estilisticamente pertinentes. Dessa forma, evita-se confundir linguagem e estilo. Contudo, do que trata exatamente o estilo? Riffaterre (1973, p. 31) assim o define: “Por *estilo literário, entendendo toda escrita individual com intenção literária*” (grifo nosso). Mas esta definição ainda não o satisfaz, levando-o a concluir com a seguinte ideia:

É mais claro e econômico dizer que estilo é o realce que impõe à atenção do leitor certos elementos da sequência verbal, de maneira que este não pode omiti-los sem mutilar o texto e não pode decifrá-los sem achá-los significativos e característicos (o que ele racionaliza reconhecendo uma forma de arte, uma personalidade, uma intenção, etc.) (RIFFATERRE, 1973, p. 31).

Diante de tal conceituação, é importante registrar que, para Riffaterre (1973), a linguagem tem como finalidade exprimir uma ideia, e o estilo, realçar. Nessa mesma concepção, Compagnon (1999) entende o estilo como um arsenal de procedimentos expressivos, de recursos a escolher. O estilo, para ele, remete ao mesmo tempo a uma necessidade e a uma liberdade.

Os estilos individuais falados e escritos possuem, igualmente, um difícil grau de descrição. Porém, os primeiros, facilmente estereotipados, são menos diferenciados entre si e não recorrem à linguagem padrão. Por outro lado, os estilos escritos literários são mais complexos, e, por isso mesmo, possuem traços que permitem uma diferenciação mais clara, mesmo porque, na escrita literária, estão combinadas conotações dependentes da personalidade do autor e de suas intenções.

Riffaterre (1973) diferencia a escrita comum, indiferente ao modo de decodificação, da escrita literária através da intenção do autor, consciente do que faz, preocupado com a maneira pela qual ele quer que sua mensagem seja decodificada. O leitor, por sua vez, é forçado a compreender a mensagem, além de aprovar as intenções do autor quanto ao que é, e o que não é importante na mensagem. Nesse sentido, Riffaterre (1973, p. 37) aponta para o que chama de “mecanismo específico do estilo individual”.

Depois de fazer algumas considerações a respeito da percepção e do processo da análise do estilo, Riffaterre (1973) apresenta o objeto desta análise: a ilusão no espírito do leitor, criada a partir da leitura do texto, a qual não é puramente imaginária e fantasiosa, mas condicionada pelas estruturas do texto e pela mitologia ou ideologia da geração e da classe social do leitor. Como declarou Aristóteles (*apud* DISCINI, 2003, p. 11), “importa dar ao

estilo um ar estrangeiro, uma vez que os homens admiram o que vem de longe e que a admiração causa prazer”. Nesse sentido, o estilo é marcado pela diferença, uma diferença que, por ser ‘estrangeira’, desperta curiosidade e veneração.

Nessa perspectiva, nota-se que o estilo não parte puramente do psicoemocional do autor para o leitor/ouvinte, mas está inserido em um emaranhado de influências histórico-sociais que atingem tanto um como outro. O texto literário contém unidades estilísticas que não constituem um traço eventual e alheio, mas estão vinculadas a um conjunto de valores, sejam eles estáveis ou instáveis, e serão essas unidades estilísticas as representantes destes valores. A unidade Linguística é um conjunto de comportamentos que representa uma visão de mundo, num determinado momento histórico, e este momento deve abranger todas as formas de arte. Dessa forma, o produto artístico é formado e ajustado pelo estilo, o que Bakhtin (1979, p. 215) chama de grande estilo: “Um grande estilo abrange todos os campos da arte ou então não o é, pois representa acima de tudo uma visão do mundo e somente depois é meio de elaborar um material”.

Bakhtin (1979, p. 204-205) comenta o papel do artista no que diz respeito à caracterização do estilo:

O artista é precisamente aquele que sabe situar sua atividade fora da vida cotidiana, aquele que não se limita a participar da vida (prática, social, política, moral, religiosa) e a compreendê-la apenas do seu interior, mas aquele que também a ama do seu exterior – no ponto em que ela não existe para si mesma, em que está voltada para fora e requer uma atividade situada fora de si mesma e do sentido. [...] Encontrar o meio de se aproximar da vida pelo lado de fora, é esta a tarefa do artista.

Aos artistas cabe perceber as manifestações linguísticas que não causam impressões nos falantes/ouvintes e dar a esta simples linguagem um valor diferenciado – artístico. Dentro desta perspectiva, o estilo é compreendido por Bakhtin (1979, p. 215) como uma “individualização da língua geral”. É justamente a individualidade do locutor que é reconhecida como o fator que forma o estilo e que transforma o fenômeno linguístico e verbal em unidade estilística.

Pode-se notar aqui a indissociação entre o estilo e a condição ideológica ou sócio-histórica. O reconhecimento de estilos é um produto da consciência histórica e a percepção do estilo de uma obra de arte refere-se à historicidade do trabalho e à sua cronologia.

Os traços estilísticos podem ser, assim, analisados sob dois ângulos: sob a perspectiva histórica, do ponto de vista “exterior” – quando as opções estão ligadas aos movimentos da

história e sob uma perspectiva individual, do ponto de vista “interior” – uma vez que toda decisão estilística contém um elemento de arbitrariedade.

Pensando nessa perspectiva individual, Compagnon (1999) apresenta a máxima do estilo: há várias maneiras de dizer a mesma coisa, maneiras que o estilo distinguirá. Então, aqui começará, no sentido de ornamento e desvio, o pressuposto da sinonímia. Para Compagnon (1999), rejeitar o princípio semântico da sinonímia significa contestar e desacreditar o estilo, implicando conseqüentemente em refutar a dualidade da linguagem e do pensamento. Porém, não se pretende aqui colocar em cheque a questão da sinonímia, da dúvida que se tem quando dizer algo de maneira diferente é de fato dizer outra coisa.

A concepção moderna de estilo é herdeira de um novo conceito oriundo do Romantismo, a ideia de que o estilo está associado ao gênio e não ao gênero, ou seja, como registrou Flaubert (*apud* COMPAGNON, 1999, p. 170), “o estilo para o escritor, tanto quanto a cor para o pintor, é uma questão não de técnica, mas de visão”.

Percebe-se que conceituar o estilo não tem sido fácil, por isso Compagnon (1999, p. 170) diz que:

O estilo, pois, está longe de ser um conceito puro; é uma noção complexa, rica, ambígua e múltipla. Em vez de ser despojada de suas acepções anteriores à medida que adquiria outras, a palavra acumulou-se e hoje pode comportá-las todas: norma, ornamento, desvio, tipo, sintoma, cultura, é tudo isso que queremos dizer, separadamente ou simultaneamente, quando falamos de um estilo.

Diante de toda essa reflexão sobre o estilo, não se pode negar os conceitos polissêmicos assumidos pela palavra. Mesmo assim, pode-se chegar à conclusão de que o estilo está avesso ao comum, ao normal, sendo antes caracterizado pela singularidade delimitada por traços exclusivos do autor.

Na opinião de Discini (2003, p. 7):

Para reconhecer um estilo, o olhar analítico identificará a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura [...] A análise do estilo observará então, para aquém da expressão textual, mecanismos de construção do sentido, os quais acabam por dar indicações de quem é o próprio sujeito pressuposto; esse sujeito, ao mesmo tempo único e duplo.

Dessa forma, pode-se concluir que o estilo de um autor imprime uma marca singular e recorrente, notável por meio das leituras do interlocutor. Perceber um estilo depende de uma habilidade atenta que reconhece a voz do autor no conteúdo e na forma, como é o caso do

cronista Joaquim Ferreira dos Santos, que facilmente pode ser caracterizado, como é possível perceber nas crônicas aqui apresentadas, especialmente pelo seu apreço nostálgico pelas palavras muito utilizadas de outrora.

#### 2.4 O ESTILO DE JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Depois de realizar uma análise teórica do estilo, parte-se para a compreensão deste na narrativa de Joaquim Ferreira dos Santos na obra *Em busca do borogodó perdido* (2005), uma compilação de suas crônicas, anteriormente publicadas em jornal.

Apesar do caráter efêmero normalmente atribuído à crônica, muitos cronistas conseguiram imprimir sua marca pessoal através de um estilo, seja o subjetivismo de Rubem Braga, o humor de Fernando Veríssimo, o trivial de Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino e o saudosismo de Joaquim Ferreira dos Santos. Certamente, quando um escritor se propõe a escrever um texto, o faz motivado por algo de seu interesse. Monta, através da exploração de palavras, um discurso único, caracterizado por um traço estilístico muito peculiar. É o estilo do autor que vai lhe permitir ser lembrado.

Como o registro da crônica está intimamente ligado ao tempo, assim também está o tema recorrente do cronista Joaquim Ferreira dos Santos – um tempo vivido. Pensando em uma época, em um momento que passou, Joaquim Ferreira dos Santos recorre sempre ao passado, ou a algo ligado a ele, para tecer suas crônicas. Na verdade, sua nostalgia está voltada para os vocábulos que marcaram uma época e que hoje estão perdidos no tempo.

Para identificar superficialmente o estilo do jornalista e cronista carioca Joaquim Ferreira dos Santos basta conhecer o conjunto de suas publicações; boa parte dele são de referência ao passado, como *Feliz 1958: o ano que não devia terminar* (Record, 1998 - reconstituição do glorioso ano em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo na Suécia, lançamento do primeiro disco da bossa nova...); *O que as mulheres procuram na bolsa* (Record, 2003), seu primeiro livro de crônicas; *Seja feliz e faça os outros felizes* (Civilização Brasileira, 2005 – tratamento humorístico dado aos textos de Antônio Maria, com elegante ironia); *Em busca do borogodó perdido* (Objetiva, 2005 – seleção de suas melhores crônicas, com ênfase no resgate de expressões e vocábulos em desuso). *Um homem chamado Maria* (Objetiva, 2006 – biografia do compositor, cronista e jornalista Antônio Maria, revista e

ampliada); *Leila Diniz: uma revelação na praia* (Companhia das Letras, 2008 – trajetória de vida da irreverente e bela atriz brasileira, morta tragicamente aos 27 anos); além das organizações de *Benditas sejam as moças: crônicas de humor de Antônio Maria* (Civilização Brasileira, 2002) e, recentemente, *As cem melhores crônicas brasileiras* (Objetiva, 2006).

É possível encontrar nesses oito livros publicados traços que evidenciam o estilo do autor. Porém, objetivou-se focar, neste estudo, apenas uma obra, *Em Busca do borogodó perdido* (SANTOS, 2005). Nele é possível encontrar, das 32 crônicas presentes, várias que fazem referência ao passado, como nos trechos a seguir: “...eu não sabia que aquela balada triste me ficaria velha amiga e companheira como a primeira, a mais antiga memória de um texto cantado em minha vida” (*Canções para ouvir na hora do recreio*, p. 131); “Que a todos a saudade seja imortal. Vivo da minha, e graças a Deus essa saudade me vem com duas polegadas a mais e na cor mais linda do mundo, a azul da pedra do anil Rickett” (*A memória mente muito mas não faz por mal*, p. 162); “Deve ter sido por isso, saudade e medo, só pode ter sido, que me veio a lembrança de um tempo em que meu pavor infantil era não o de ladrões na esquina, mas o de morrer de corrente de ar...” (*Do pai herói, no pulso esquerdo*, p. 179).

Joaquim Ferreira é um jornalista carioca, nascido em 15 de agosto de 1951. Trabalhou muitos anos como repórter, mais de dez anos como crítico de música e show na revista *Veja*, e atualmente assina uma coluna diária, *Gente Boa*, e uma crônica semanal, também no Segundo Caderno do jornal *O Globo*.

Mas, o que falar do estilo de Joaquim Ferreira dos Santos, esse cronista contemporâneo de caráter saudosista? Onde encontrar o tão intrigante “Borogodó Perdido”?

Assim como Marcel Proust (2004), na obra *Em busca do tempo perdido*, tem como centro do seu romance o papel da memória, assim também Joaquim Ferreira dos Santos procura trazer de volta, no seu livro mais famoso, itens lexicais que saíram do vocabulário de muitos brasileiros, porém que ainda permanecem muito presentes na memória e no texto do autor.

Em uma entrevista concedida a Paulo Lima, em dezembro de 2005 (SANTOS, 2006), Joaquim Ferreira dos Santos fala sobre o título do seu livro e da ideia de relacioná-lo ao de Marcel Proust. Ele declarou que sua primeira intenção era causar um choque por meio da ligação do que é culto à mais “depreciada” das manifestações culturais brasileiras – o linguajar coloquial. E ainda continua: “É também uma apresentação de intenções formais do

que virá pela frente. O coloquialismo, o cotidiano, o humor, a despreensão, o jeito à vontade que deve ter uma crônica”.

A obra *Em Busca do borogodó perdido* traz em si um irresistível convite de conhecer o que há por trás deste intrigante livro de folhas amarelas. Que crônicas são essas que *ligam o culto às mais depreciadas manifestações culturais?* Joaquim Santos, certamente, consegue envolver o leitor através da maneira particular de ver o cotidiano brincando com os fatos e as palavras. Na crônica *Cumequié!?* (SANTOS, 2007), ele fala da tendência moderna que também o atingiu: “A moda é escrever crônicas, roteirizar o cotidiano e tentar dar grandeza literária à banalidade dos dias. O mundo pesou, é hora de pegar leve.”

Italo Calvino, depois de quarenta anos de trabalho ficcional, resolveu compilar sua obra baseando-se nas ideias que as compõem, e começou fazendo isso com a subtração do peso, ou melhor, valorizou a leveza de sua produção literária. Pode-se dizer que, sem dúvida, é essa a proposta primordial da crônica. Como disse Joaquim, “pegar leve”. É justamente essa tendência de cronicar a vida que Italo Calvino, no seu livro *Seis propostas para o terceiro milênio* (CALVINO e BARROSO, 1997) – ou melhor cinco, pois ele faleceu antes de terminar a sexta –, traça, involuntariamente, as características de uma crônica: a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade e a leveza. Esses elementos podem ser chamados de tecedores da crônica, porém, não necessariamente todos presentes de uma só vez.

Desde sua estreia nos jornais, a crônica recebeu página fixa e nobre, e a partir daí multiplicaram-se os cronistas, porém, poucos conseguiram deixar seus nomes registrados na lembrança dos leitores. Apesar de Joaquim Ferreira dos Santos escrever para um jornal de circulação nacional, seu nome ainda não consta entre os dos grandes cronistas, no entanto, acredita-se que quando suas crônicas estiverem largamente difundidas e conhecidas, todos os bons apreciadores desse gênero irão reconhecer nele um talento nato.

Joaquim Santos, utilizando-se da perspectiva estilística individual, consegue dialogar com o leitor como alguém que se sente muito à vontade para fazer isso. O grande cenário de sua inspiração ainda é o Rio de Janeiro, antiga capital da República. Diga-se ‘ainda’ porque o Rio sempre serviu de morada dos cronistas, a citar dois grandes representantes, João do Rio e Antonio Maria, que descreveram as noites de Copacabana sob uma perspectiva boêmia-jornalística. É lá onde surgem as tendências da moda, acontecem os grandes eventos, são levantadas as maiores polêmicas, é alvo da impune violência. Como diz a canção de Fernanda Abreu – é a “*cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos*” (FAWCET, LAUFER, e ABREU, 1992).

Joaquim Santos retoma o passado com certo saudosismo, um passado que às vezes parece ser apenas dele, como explica em suas próprias palavras: “Gosto de brincar com o passado, principalmente porque todas as pessoas já se esqueceram dele e acham que eu estou inventando tudo, que eu sou um craque da imaginação” (SANTOS, 2006).

Antes mesmo de remeter a alguma ideia sobre o passado, tempo ao qual o autor está intimamente ligado por meio de lembranças, faz-se necessário um esclarecimento acerca do papel da memória, pois a nossa relação com o tempo se dá através dela. Para o filósofo e teólogo Agostinho (*apud* OLIVEIRA, 2009), o tempo existe na nossa mente sob duas dimensões diferentes: como memória (passado) ou expectativa (futuro). O presente, por sua vez, só pode ser medido no momento em que decorre. Fora disso, o nosso acesso ao que já passou ou ao que ainda não existe é fragmentado e falho.

No que diz respeito ao papel da narrativa, tipologia textual intimamente ligada ao tempo, Benjamin (1994), após falar da fonte a qual recorrem os narradores, a experiência passada de pessoa a pessoa, aponta a natureza da verdadeira narrativa – a dimensão utilitária. Tal utilidade pode ser constituída de um ensinamento moral, seja por meio de uma sugestão prática, de um provérbio ou mesmo de uma norma de vida. Nessa perspectiva, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Embora esta proposta não esteja tão explícita na crônica, percebe-se, por meio da constante recorrência a um tema, como é o caso de Joaquim Ferreira dos Santos, o objetivo de se fazer convencer com uma opinião própria, com a sutil intenção apenas de recordar não só sua experiência, mas também as alheias. A retomada constante dos vocábulos em “desuso” tenta incutir na mente e no vocabulário dos leitores a ideia de que tanto se pode e como se deve resgatá-las do passado.

Ducrot (1972, p. 22) chamou de manobras estilísticas a manifestação do conteúdo implícito focada no que chamou de *astúcia do locutor*. Este procura trazer o destinatário para o seu próprio jogo e dirigir à distância seus raciocínios. Para isso, o locutor fornece ao destinatário os dados suscetíveis de levá-lo a esta ou àquela conclusão. Pode ocorrer que a manobra do locutor seja totalmente refletida, entendendo-se por isso que ele decide primeiro o efeito que quer obter no destinatário, e em seguida busca as palavras capazes de provocá-lo.

Retomando a questão do trabalho de Joaquim Santos cabe a pergunta: seria sua produção realmente uma crônica, uma reportagem ou um exemplo do *New Journalism*?

Como a maioria dos cronistas, Joaquim Ferreira dos Santos tem suas raízes no jornalismo. Seu estilo para produzir crônicas é claramente inspirado no *New Journalism* do americano Gay Talese, nascido em 1932, em Ocean City, Nova Jersey. Este autor se

consagrou por suas obras e reportagens em que mistura conto e não-ficção. Uma delas, *Aos olhos da multidão*, lançada nos EUA, nos anos 60, mas chegada ao Brasil apenas em 1973, se tornou uma verdadeira relíquia nas escolas de jornalismo e nas redações brasileiras.

Surgido nos anos 60, o *New Journalism* tem como seu precursor Truman Capote, que publica em 1966 o livro “A Sangue Frio”, obra marco que mistura jornalismo e literatura. Esse gênero foi amplamente difundido nos Estados Unidos e disseminado pelo mundo, reinventado por diversos autores, sob o nome de jornalismo literário. Trata-se de uma narrativa ficcional mesclada à realidade, em que a sensibilidade do autor, aliada à sua criatividade, gera um produto emocionante, comparado a um romance (LEITE et al., 2010). O próprio Joaquim Ferreira dos Santos (2007) quando indagado através de e-mail a respeito do seu trabalho, afirmou que, enquanto trabalhou como repórter, aplicou o novo jornalismo nas suas reportagens, misturando ficção e realidade “num grande caldeirão”. Seu produto final não fica muito claro, ou seja, não se sabe se é uma reportagem, uma crônica ou um conto. Quanto a esse resultado ele afirma: “gosto disso”.

Outros nomes que se tornaram importantes referências do *New Journalism* são: Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Norman Mailer e Gay Talese. Gay Talese é um repórter que se autodefine como um “serendipitoso”, ou seja, alguém capaz de fazer, sem intenção, descobertas felizes ou úteis. Talese (2004) relata sua jornada de serendipitoso, observando coisas que passam despercebidas na cidade de Nova York, pequenas curiosidades como, por exemplo, todo dia os nova-iorquinos enxugam 1,74 milhão de litros de cerveja derramados, devoram 1,5 mil toneladas de carne e passam 34 quilômetros de fio dental entre os dentes. Todos os dias, morrem cerca de 250 pessoas em Nova York, nascem 460, e 150 mil andam pela cidade com olhos de vidro. Alguns dos homens mais bem informados de Nova York são ascensoristas, que raramente falam, mas sempre escutam – da mesma forma que os porteiros.

Há quem não concorde que essas descobertas sejam tão úteis assim, mas quem lê Talese e o *New Journalism* experimenta uma leitura em que é possível perceber vida e realidade em seus relatos, tornando-os imperecíveis.

No que diz respeito às crônicas de Joaquim Ferreira dos Santos, ele continua aplicando as mesmas técnicas do *New Journalism*, misturando verdade e fantasia, influenciado pelas técnicas da literatura e da reportagem, tendo sempre em vista o não compromisso da crônica com a realidade. Frente a essa liberdade, tem-se uma série de crônicas inusitadas, criadas a partir de simples fatos que ganham um acento bem particularizado ao estilo Joaquim Santos. Sua brincadeira com as palavras antigas, que caíram em desuso, e com as expressões e gírias



que não saíam da boca do povo de outrora são resgatadas perfeitamente nas suas crônicas. Como ele próprio sugere em *Meter a língua onde não é chamado* (SANTOS, 2005, p. 118), quando diz: “Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia...”.

## 2.5 AS SUBJETIVIDADES DA LINGUÍSTICA

### 2.5.1 A Semântica

O termo semântica surgiu nos fins do séc. XIX, proposto pelo linguista Michel Bréal. No artigo onde apareceu pela primeira vez o termo, na revista “*Les Lois Intellectuelles du Langage*”, em 1925, Bréal propunha uma nova vertente na Linguística, ainda sem nome. Diferente da ênfase dada sobre o corpo e a forma das palavras pelos demais linguistas, o francês se volta para as leis que presidem a transformação dos sentidos, para a escolha de expressões novas, para o nascimento e a morte das locuções, deixadas até então na sombra ou só indicadas de passagem. O termo para esse novo estudo – semântica – vem do verbo *sêmeinein*, isto é, a ciência das significações (MARQUES, 2003, p. 33).

Há um consenso entre os linguistas de que a Semântica é a área da Linguística que estuda o significado. Porém, a definição de significado ainda não é consensual. Isto acontece porque diferentes semanticistas possuem diferentes visões a respeito do que seja o significado e a significação. Daí conseqüentemente existirem os diversos tipos de semântica: textual, cognitiva, lexical, argumentativa, discursiva e assim por diante, cada uma estudando o significado do seu ponto de vista.

A depender de que ângulo se observe o significado, pode-se investigar a relação entre expressões linguísticas e representações mentais. O que as diversas teorias semânticas fazem é recortar o objeto de estudo de formas diferentes, privilegiando o estudo de alguns aspectos envolvidos pela análise do significado. Todas elas, conseqüentemente, encontram limites em seu alcance de pesquisa.

Apesar da contribuição que os estudos semânticos têm recebido da psicolinguística e de outras áreas afins, os resultados obtidos ainda não conseguiram satisfazer aos questionamentos da Semântica. Saber, por exemplo, conforme aponta Silva (2006), como

estão armazenados e representados na mente dos falantes os vários usos de uma palavra ou outra expressão linguística; e saber, em linguística computacional, como conseguir a identificação, a desambiguação automática dos sentidos de uma forma linguística, são perguntas ainda não respondidas.

Na visão de Silva (2006), o significado é *perspectivista*, ou seja, não reflete objetivamente o mundo, mas modela-o, constrói de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes; é *enciclopédico*, o que significa dizer que está intimamente associado ao conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não autônomo nem separado de outras capacidades cognitivas; *flexível* (dinâmico e adaptável às mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias); e *baseado na experiência e no uso* (na experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência coletiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso atual da língua).

Sendo assim, a proposta para que haja uma compreensão do significado e suas extensões deve estar voltada para além da linguagem, para um estudo interdisciplinar que abarque também a cognição e a cultura. Entretanto, os estudos cognitivos têm se demonstrado bastante complexos e não há ainda teorias bem aceitas entre os linguistas acerca do significado.

### **2.5.2 O Significado**

O estudo do significado tem sido, para a Linguística, o aspecto mais vulnerável das propostas teóricas, pois, até agora, nem mesmo os linguistas conseguiram chegar a um consenso acerca da própria definição do termo, sem falar nas diversas perspectivas assumidas pelos semanticistas, tornando o objeto de estudo impreciso. Como já foi dito, até hoje não existe uma teoria semântica satisfatória e unanimemente aceita.

Desde a antiga filosofia grega tem-se especulado acerca do significado das palavras, sendo Aristóteles o primeiro a atribuir o referente ao significado de um termo. Duas correntes de pensamentos marcaram essa época: a dos naturalistas e a dos convencionalistas. A primeira defendia a relação intrínseca entre o som e o sentido, enquanto a segunda acreditava ser essa relação puramente arbitrária.

O problema da flexibilidade e mudança do significado já despertava interesse na Antiguidade Clássica, sendo atribuída a essa mobilidade o reflexo das próprias mudanças na mentalidade pública, segundo observou Ullman (1964). Ideias como essas exerceram certa

influência sobre a Semântica moderna, porém a origem da ciência do significado propriamente dita surgiu no século XIX com o francês Michel Bréal.

O pai da Semântica, Michel Bréal, considerou, em seus estudos, o aspecto puramente histórico acerca do significado das palavras. O objetivo que orientava essa fase dos estudos semânticos era estudar as variações de significado, explorar as suas causas, classificá-las de acordo com os critérios lógicos, psicológicos ou quaisquer outros, e, se possível, formular leis gerais e investigar as tendências subjacentes.

Posteriormente, por volta das três primeiras décadas do séc. XX, houve grande avanço no estudo das mudanças de significado. Os semanticistas voltam-se, agora, para disciplinas afins como a filosofia, psicologia, sociologia e antropologia para obter uma visão mais ampla acerca dos processos semânticos.

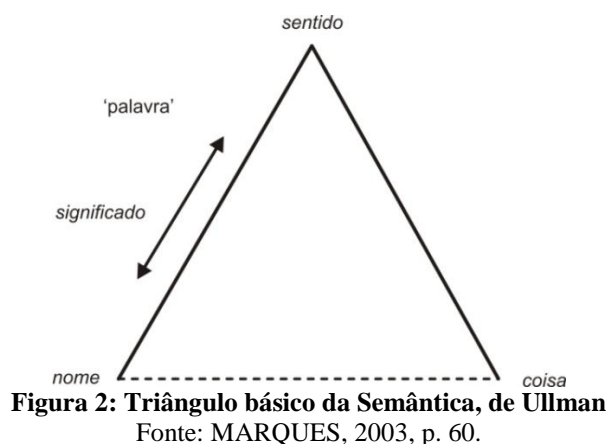
Até hoje não tem sido fácil estudar o significado, esteja ele relacionado às palavras, às sentenças ou ao texto. E é a partir da perspectiva conceitual de cada um destes objetos que depende toda uma teoria semântica. Um consenso, porém, é aceito quanto aos elementos do significado, ou seja, nome, sentido e coisa. Pode-se dizer que a proposta de representação e simbolismo é o mais conhecido modelo analítico do significado. O triângulo básico criado por Ogden e Richards (1923, *apud* MACHADO, 2003) mostra como o significado é percebido com base em três elementos: nome, sentido e coisa.



**Figura 1: Triângulo básico da Semântica, de Ogden e Richards**

Fonte: MACHADO, 2003, p. 60.

Esse triângulo foi adaptado à concepção de signo saussuriano por Ullmann (1977, p. 119, *apud* MACHADO, 2003, p. 60) da seguinte maneira:



A característica essencial deste diagrama é a distinção de três componentes do significado. Segundo esta interpretação, não há relação direta entre as palavras e as coisas que elas representam: a palavra simboliza um pensamento ou referência que, por sua vez, se refere ao aspecto ou acontecimento de que se está a falar.

Tal concepção está implícita na teoria do signo linguístico de Saussure (2006[1916]) e nos vários desenvolvimentos da sua doutrina. Conforme essa concepção, um enunciado acerca de um vocábulo qualquer só pode ser compreendido se as palavras corresponderem a alguma coisa na memória do ouvinte. Assim, o significado estaria pautado numa relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido: ao ouvir a palavra, o indivíduo pensará na coisa, e se pensar na coisa, dirá a palavra.

Ullman (1964) acreditava em uma relação especial entre as palavras, que vai além do nome e sentido. Para este semanticista, as palavras estão também associadas a outras palavras, com as quais têm qualquer coisa em comum, seja no som, no sentido ou os dois ao mesmo tempo. Os exemplos usados para ilustrar esta ideia são o da palavra *light* (luz), que estaria ligada a *darkness* (escuridão), e a *day* (dia), *sun* (sol), etc., por associações entre os sentidos. Esta ideia remete ao princípio holístico, também chamado pelos filósofos da linguagem de teorias contextuais. Um holista acredita que o significado de uma palavra é fundamentalmente relacional, o que quer dizer que é uma questão de relações com outras palavras na língua.

É importante mencionar a questão da natureza motivacional e arbitrária das palavras proposta por Ullman (1964). O significado das palavras não teria qualquer conexão entre o som e o sentido, ou estaria motivado nos próprios sons, na estrutura morfológica das palavras ou no seu fundo semântico. Esta motivação abrangeria uma proporção significativa do vocabulário: entre eles as onomatopeias, os derivados, os compostos e as expressões figuradas

da linguagem. Se não motivadas por nenhum destes processos, as palavras podem ser classificadas como convencionais.

De acordo com Ullmann (1964), as palavras simples têm significados mais ou menos permanentes, que se referem efetivamente a certos referentes, e não a outros - esta característica é a base indispensável de toda a comunicação. Ao mesmo tempo, o contexto é fundamental na determinação do significado das palavras, principalmente nos casos de palavras vagas ou ambíguas, sem um sentido por si próprias. No entanto, nem sempre o contexto será eficaz na determinação do significado, sua influência pode variar de uma palavra para outra, como também de uma para outra língua.

Nem tudo sobre o significado, entretanto, é impreciso. Algumas questões acerca das palavras, bem como dos seus significados, já estão solidificadas. Do ponto de vista convencionalista, os significados das palavras são determinados pelas convenções sociais e não pela vontade particular de cada falante. Esse pensamento, então, condena a arbitrariedade das palavras (OLIVEIRA, 2008).

Os estudos em semântica têm se concentrado em pelo menos 4 grandes áreas: no significado das palavras, nas condições de verdade das sentenças, nas mudanças de significado e nos atos de fala. Tal separação dos estudos semânticos desenvolve-se nas correntes estruturalista, gerativista, cognitivista e pragmática. Porém, o significado é ainda, epistemologicamente falando, o fator de grande desafio dos estudos semânticos.

De um ponto de vista mais flexível, não é possível tratar dos estudos do significado com o mesmo rigor científico com que se tem tratado outras áreas da ciência, como as exatas, por exemplo. Um campo bastante subjetivo como o da Semântica, sem mencionar seu envolvimento com outras áreas além da linguagem, como psicologia, sociologia, antropologia, etc., requer um olhar diferenciado.

Desde o seu surgimento no Séc. XX, enquanto ciência, a Semântica se desenvolveu sob diversas abordagens. Entre elas estão a Semântica Histórica, Estrutural, Formal e Cognitiva. A Semântica Histórica tem como um dos seus ícones o linguista francês Michel Bréal, que adotou pela primeira vez o termo '*semantics*', em 1883 (OLIVEIRA, 2008), para fazer referência aos estudos da mudança de significado na língua, no seu aspecto diacrônico. Assim, nesta época, a Semântica sofre forte influência de Bréal, atendo-se às mudanças ocorridas nas línguas naturais ao longo do tempo, mais especificamente às mudanças fonéticas. Os estudos sobre mudanças semânticas, propostos por Ullman (1964), concentram-se em palavras isoladas. A semântica histórica foi então criticada por sua natureza atomística.

Essa crítica partiu dos linguistas de concepção estruturalista, já que para estes o significado de uma palavra deve ser observado a partir das relações que mantém com os significados das outras palavras da língua.

A Semântica Estrutural tem Ferdinand de Saussure (2006[1916]) como seu grande representante. Foram as suas ideias que fundamentaram o marco da Linguística como ciência, delimitando o objeto de estudo da Linguística, o qual deveria ser homogêneo e concreto para, assim, dar a esse ramo do conhecimento um caráter científico, submetendo-a às exigências positivistas da época. Afinal, por comportar fatos heterogêneos, a linguagem humana sempre fora estudada por ciências diversas, como a Antropologia, a Psicologia e a Filosofia. Assim, Saussure demarcou a linguagem para ser estudada pela Linguística a partir da dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*): esta é a parte individual da linguagem, dependente da vontade do indivíduo; a língua é a parte social da linguagem, a qual está acima da vontade do indivíduo. E, na visão de Saussure (2006[1916]), exatamente por não depender da vontade do indivíduo, a língua é o que existe de homogêneo e concreto no conjunto de fatos da linguagem, devendo ser o objeto de estudo da Linguística.

Na concepção saussuriana, a língua constitui um sistema em que cada elemento tem um valor linguístico, existindo em função dos outros elementos do sistema. Assim, o valor que um termo tem em relação aos outros do mesmo sistema linguístico é essencial para o estudo do significado. Cada palavra de uma língua tem seu conteúdo semântico influenciado pelo conteúdo das outras palavras, que, por se relacionarem entre si, fazem da língua um sistema estruturado.

Outro conceito importante do estruturalismo linguístico cunhado por Saussure (2006[1916]) foi o de *signo linguístico* – uma entidade psíquica que une um conceito a uma imagem acústica, e não uma coisa a uma palavra. O referido linguista alertou para o problema terminológico que os termos conceito e imagem acústica poderiam causar e propôs os conceitos de significado e significante. Dessa forma, tem-se uma definição conceitualista ou mentalista de significado: o significado de uma palavra é o conceito, ou a ideia, a ela associado pelo falante ouvinte (OLIVEIRA, 2008).

Uma das características do signo frequentemente evocadas pela linguística de filiação saussuriana é o fato de as diversas línguas naturais estabelecerem, cada qual para uso próprio, diferentes estruturas do mundo por elas concebido. Nessa perspectiva, tanto o polo da palavra quanto o do conceito são variáveis segundo a inserção sócio-histórica das expressões

que estejam em pauta; consequência disso, entre outras coisas, é ter de admitir que não existem jamais traduções exatas entre duas línguas.

À medida que a visão estruturalista ia dominando os linguistas, na segunda metade do século XX, e estes linguistas começavam a adotar o ponto de vista sincrônico em suas pesquisas, gradativamente os estudos semânticos de cunho historicista começaram a perder força. A análise de elementos isolados passa a focar apenas aqueles que estejam dentro de um sistema na semântica estrutural, o que por sua vez, mais tarde, dará lugar ao estudo das sentenças, na semântica formal.

Influenciada pelas ideias da antiga filosofia grega, a Semântica Formal se atém à logicidade da linguagem, aos procedimentos lógicos-matemáticos, ao raciocínio verdadeiro ou falso da sentença, independente do conteúdo. Lida também com os valores de premissas e com a conclusão. Porém, essas questões ainda não satisfazem ao estudo do significado, pois o que a Semântica Formal investiga, as condições de verdade da sentença, deixa de lado um fator fundamental nos estudos semânticos – os aspectos de sentido e significado. Alguns dos fenômenos linguísticos com os quais a Semântica formal se ocupa são: determinantes; anáfora; elipse; correferência; modalidade; quantificação; foco; pressuposição; pluralidade; negação (OLIVEIRA, 2008).

A Semântica Formal considera, ainda, como uma propriedade central das línguas humanas, o ser sobre algo, isto é, o fato de que as línguas humanas são utilizadas para estabelecer uma referencialidade, para falar sobre objetos, indivíduos, fatos, eventos, propriedades, descritos como externos à própria língua. Assim, a referencialidade é tomada como uma das propriedades fundamentais das línguas humanas. Por isso, na semântica formal, o significado é entendido como uma relação entre a linguagem por um lado, e, por outro, aquilo sobre o qual a linguagem fala. Esse “mundo” sobre o qual se fala ao se fazer uso da linguagem pode ser tomado como o mundo real, parte dele ou mesmo outros mundos ficcionais ou hipotéticos.

Conhecer o significado de uma sentença, dentro desse paradigma, é, em parte, conhecer suas condições de verdade. Conhecer as condições de verdade de uma sentença significa saber em que circunstâncias, no mundo, aquela sentença pode ser considerada verdadeira ou falsa.

Há uma proposta do gerativista Frege (*apud* OLIVEIRA, 2008) que distingue dois elementos no significado de uma palavra ou de uma sentença, os quais são necessários para a atribuição de seu significado: a *denotação* e o *sentido*. A denotação é a referência ao

fenômeno ou ao objeto do mundo real feita pela palavra ou pela sentença; sentido é a maneira cognitiva pela qual uma pessoa concebe essa denotação.

Os estudos gerativistas deram ênfase apenas ao âmbito da sintaxe, considerando o significado e, portanto, em consequência, a Semântica independente do estudo da sentença. Assim, a análise gerativista é realizada sem o amparo de um contexto. Os estudiosos dessa área argumentam que o contexto incorpora um elemento extralinguístico, o que interfere na análise puramente linguística a que a ciência gerativa se propõe.

Porém, apesar de deixar à parte a questão primordial do estudo do significado, o gerativismo mostrou interesse em formular não só uma teoria da linguagem que descrevesse e explicasse a capacidade de um falante-ouvinte de qualquer língua natural de construir sentenças gramaticais, mas também interpretar o significado dessas sentenças.

De fato, para Pietroforte (*apud* FIORIN, 2003), fazer das coisas do mundo a pedra angular da Semântica, tal como é o caso na tradição lógica, é instaurar a Semântica como base em certos pressupostos filosóficos.

Se as expressões das línguas humanas apontam para conceitos situados fora delas e concebidos como independentes desta ou daquela língua natural, isso quer dizer que tais conceitos são universais, logo imutáveis para todo e qualquer ser humano, pouco importando em que cultura este tenha nascido e sido criado (PIETROFORTE, *apud* FIORIN, 2003, p. 115).

Consoante Oliveira (2008), alguns grupos de gerativistas desligaram-se dessa primeira ideia da corrente, dando início a novas teorias, como a de Katz e Fodor, os quais são contrários à Semântica interpretativa, pois não aceitam a autonomia da sintaxe em relação à Semântica. Outro grupo de grande destaque foi o de G. Lakoff, J. McCawley e Ross, gerativistas divergentes que propuseram um novo rumo para a Semântica, dando relevância ao pensamento humano e à cultura.

Ainda segundo Oliveira (2008:91), é a partir do final do séc. XX que a separação entre sintaxe, semântica e pragmática começa a ser questionada dentro da corrente gerativista, trazendo à tona o debate a respeito da inclusão do uso da língua nos estudos essencialmente linguísticos, que havia sido excluído por Saussure (2006[1916]) mais de meia década antes.

George Lakoff e Mark Johnson tomam um posicionamento teórico contrário às ideias gerativistas. Com a publicação de *Methafors we live by*, em 1977, expõem a ideia de que nosso sistema cognitivo é fundamentalmente metafórico. Em contato com as ciências cognitivas, Lakoff abandona de vez a gramática transformacional e, junto com R. Langacker e Mark Johnson, assume a corrente teórica chamada hoje de Semântica Cognitiva, dando novos



rumos à ciência do significado. A cognição humana é a base dos estudos da Semântica Cognitiva, que está voltada para os fenômenos do significado tendo em conta as experiências do falante-ouvinte e o ambiente sociocultural em que se encontra. A prototipicidade e a metáfora são alguns dos importantes objetos tratados por esta corrente.

A Pragmática também tem dado sua colaboração para a Semântica. Ela é chamada de “a ciência do uso linguístico” e estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística. A enunciação exige a introdução de uma dimensão pragmática nos estudos linguísticos, ou seja, o ato de produzir enunciados, que vem a ser as realizações linguísticas concretas, sendo um dos domínios de fatos linguísticos. A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. Em outras palavras, a Pragmática deve mostrar como se fazem as inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados.

Intimamente relacionada ao significado está a ideia de conceito. Apesar de muito se falar em sentido, significado, e este muitas vezes ser entendido por alguns como ‘conceito’, o termo ainda continua sem definição sólida nos manuais de semântica.

Muitos semanticistas, entre eles Lyons (1987), preferiram centrar seus estudos sem a interferência dos conceitos, pois pouco se sabia sobre estes. Com o surgimento da psicologia cognitiva, os conceitos passaram a ser mais estudados, destacando-se, conseqüentemente, sua importância, ao mesmo tempo em que se tornaram respeitáveis. O debate agora, como apontou Cruse (2001), volta-se para outro grau de extensão, o significado pode ser relacionado a conceitos: as palavras mapeiam diretamente os conceitos ou há um nível intermediário de estrutura semântica onde o significado das palavras pode estar localizado, captando os conceitos de maneira indireta? Cruse (2001) simpatiza com o recorte conceitual, ou cognitivista, o qual argumenta que não existe um trabalho teórico assumindo um nível semântico autônomo que pressuponha não existir uma performance do nível conceitual. Para um semanticista conceitual, a conexão entre palavras e o mundo lá fora é mediada por conceitos e, além disso, verifica-se que as relações mundo-palavra não é o recorte mais útil em se tratando do significado das palavras.

Portanto, não é fácil encontrar, nos livros de semântica, uma definição clara e consensual para o que se poderia entender por ‘conceito’. Por esta razão, adotou-se, aqui, uma definição simples para o termo, desvincilhada de qualquer corrente teórica, retirada do dicionário Houaiss (2001):

“**Conceito:** produto da faculdade de conceber **1 p. ext.** faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano; mente, espírito, pensamento **2** compreensão que alguém tem de uma palavra; noção; concepção, ideia **3 p. ext.** opinião, ponto de vista, convicção”.

A concepção de Silva (2006) leva em consideração a visão do significado como processual e experiencial, como processo de criação de sentido fundamentado na experiência humana, o que, através de um processo cognitivo, torna eficiente a comunicação. Por outro lado, são descartados os pensamentos estruturalista e gerativista, defensores do significado como propriedades fixas, bem definidas e determinadas.

As ideias da Semântica Cognitiva representam um regresso às questões e interesses da Semântica Histórica pré-estruturalista: ambas partilham de uma concepção psicológica do significado e de uma concepção enciclopédica do mesmo, no sentido de que este é considerado, não como autônomo, mas como intrinsecamente conectado com a experiência individual, cultural, social e histórica dos falantes.

Apesar de o embate entre sentido e significado até agora tratar-se, aqui, do significado de um ponto de vista linguístico, existe uma ideia bastante pertinente de Hich (*apud* COMPAGNON, 1999, p. 26) acerca do sentido e da significação, já que a proposta deste trabalho é, também, tomar em consideração aspectos da Literatura. Assim, o autor define sentido e significação da seguinte forma:

O sentido é singular; a significação, que coloca o sentido em relação a uma situação, é variável, plural, aberta e, talvez, infinita. Quando lemos um texto, seja ele contemporâneo ou antigo, ligamos seu sentido à nossa experiência, damos-lhe um valor fora de seu contexto de origem. O sentido é o objeto da interpretação do texto; a significação é o objeto da aplicação do texto ao contexto de sua recepção (primeira ou ulterior) e, portanto, de sua avaliação (HICH, *apud* COMPAGNON, 1999, p. 86).

Em suma, o sentido, para Hich (*apud* COMPAGNON, 1999), designa aquilo que permanece estável na recepção de um texto, e diga-se também da palavra, enquanto a significação designa o que muda na recepção de um texto, bem como da palavra.

### 2.5.3 O Léxico

Na comunicação natural do mundo, é necessário identificar as coisas, designar pessoas, lugares, acontecimentos, etc. Pensando assim, o léxico está diretamente ligado à dupla função de classificar e comunicar para que a interação aconteça de fato. Ele funciona como uma

espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados.

Basílio (1999, p. 25) define o léxico como “um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais, além de um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua”. No léxico, como em outros componentes da estrutura linguística, o impossível não acontece, conforme declara Basílio (1999). É na morfologia derivacional, na formação e no reconhecimento de palavras novas que se encontra a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua.

Sabe-se que todo falante nativo possui o conhecimento e a capacidade de atribuir descrições estruturais a sentenças. Segundo Basílio (1980), o mesmo pode acontecer com o léxico. Afinal, os falantes nativos de uma língua podem formar palavras novas, assim como analisar a estrutura de palavras já existentes e estabelecer relações de vários tipos entre elas. Para Basílio (1980, p. 9):

[...] qualquer modelo de competência lexical de uma falante nativo deve incluir tanto uma lista de itens lexicais como um sistema de regras que dê conta de sua capacidade de relacionar itens lexicais uns aos outros, analisar a estrutura interna desses itens, e naturalmente formar novas palavras.

A competência lexical, assim, não se resume apenas ao conhecimento da lista de entradas lexicais e ao sistema de regras, ela inclui também o conhecimento de restrições ao uso de regras, restrições que decorrem, pelo menos parcialmente, da lista de itens lexicais e suas interrelações.

Sobre a discussão dos morfemas e seu significado, Basílio (1980) admite a ideia de que a presença de algum significado não é o que caracteriza os morfemas, mas, por outro lado, também não nega que a maior parte dos morfemas, na realidade, apresentam significados específicos. Para Basílio (1980), “o fracasso dos estruturalistas a este respeito provinha da afirmação extremada de que morfemas sempre têm significados. A afirmação oposta a dos gerativistas é igualmente fadada ao fracasso.” Em seu trabalho, Basílio (1980) expõe, com detalhes, alguns exemplos paradigmáticos, partindo de substantivos, adjetivos e verbos, de como o falante utiliza as regras de formação de palavras e de análise morfológica para lidar com o léxico na sua produtividade e compreensão.

Na aquisição do léxico, como aponta Basílio (1980), realizam-se associações de acréscimo semântico para captar e guardar formas diferentes, pois o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de flexibilidade, em termos de expressão, simultaneamente

a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que permite ao falante contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem ter que sobrecarregar a memória com esses elementos.

O estudo do léxico, talvez, seja o aspecto mais rico da linguagem a ser explorado, pois permite inúmeras abordagens de investigação e, conseqüentemente, muita imprecisão. Estudar uma parte que seja do universo das palavras, de uma língua qualquer, não tem sido muito fácil para os linguistas, devido à ininterrupta mobilidade desse aspecto da língua, em que uma constante entrada e saída de vocábulos, além das mudanças semânticas, provoca resultados instáveis. Dessa forma, por ser um sistema aberto, o léxico não pode ser apreendido nem descrito em sua totalidade.

Como bem observou Basílio (1999), quase sempre faz-se uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. Como já é sabido, todo falante nativo possui o conhecimento e a capacidade de atribuir descrições estruturais a sentenças. Entretanto, segundo Basílio (1980), o mesmo não acontece com o léxico. Os falantes nativos de uma língua podem formar palavras novas, assim como analisar a estrutura de palavras já existentes e estabelecer relações de vários tipos entre elas.

Neste trabalho, utiliza-se, muitas vezes, os termos vocábulo, item e palavra. Sabe-se que esta última não possui uma definição universal, porém, como se pode comprovar nos estudos linguísticos estruturalistas, um falante de uma língua qualquer é capaz, intuitivamente, de separar ou identificar uma palavra. Biderman (2001, p. 100) definiu a ‘palavra’ como uma realidade psicolinguística; ainda mais, se as primeiras manifestações de uma linguagem articulada significativa são sempre palavras isoladas, com valor de sentenças, então a palavra é uma entidade psicolinguística primordial, a primeira a articular o discurso humano.

Para Basílio (1999), um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Já a palavra é definida por ela como “qualquer seqüência que ocorra entre espaços e ou sinais de pontuação”, ou melhor, “palavra é uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa” (BASÍLIO, 1999, p. 11). Isso refere-se, naturalmente, a seqüências possíveis na língua.

A Semântica Formal adotou o termo item lexical para esclarecer a ambigüidade, na sua visão, do termo palavra. Assim, Kempson (1980, p. 85) considera uma palavra como *banco*, que dá origem a dois itens lexicais, um descrevendo um móvel usado para sentar, e outro a instituição financeira, ambos referidos pela mesma palavra fonológica. Esse fenômeno de ambigüidade fonológica diz respeito ao que se conhece por homonímia. Esta refere-se às

palavras cujos significados não estão relacionados. Por conseguinte, o que se encontra listado no léxico, o que Kempson (1980, p. 86) chama de “dicionário teórico”, são itens lexicais, e não palavras.

Com base no que afirma Biderman (2001, p. 181), a incorporação paulatina do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo léxico. A forma como se dá tal armazenamento é ainda indefinida. É certo, porém, que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical.

Para Pinker (2008, p. 22), seja como for a apreensão de uma palavra,

[...] ela tem de deixar alguma marca no cérebro. O significado de uma palavra, portanto, parece consistir em informação armazenada na cabeça das pessoas que conhecem a palavra: os conceitos elementares que a definem e, para uma palavra concreta, a imagem daquilo a que ela se refere.

O léxico mental de cada pessoa é, em princípio, diferente do léxico mental de todas as outras pessoas; mas, de um modo geral, há algum esforço por parte dos falantes para entender uns aos outros; isso, presumivelmente, indica um grau avançado de sobreposição entre os léxicos individuais.

Segundo Cruse (2001), as relações de sentido entre as palavras estão divididas em duas grandes classes: paradigmática e sintagmática. A primeira estabelece relações entre significados de palavras que podem ocupar o mesmo rastro sintático e servem para uma amplitude dos significados lexicais disponíveis num ponto particular na sentença, dentro de uma maior ou menor estrutura coerente. Observa-se, assim, que as palavras preveem uma articulação como uma experiência de mundo.

Nas relações sintagmáticas, o sentido entre palavras é sustentado numa mesma sentença ou num mesmo sintagma. Intuitivamente, algumas palavras estão encadeadas semanticamente enquanto outras estão em total conflito ou desacordo. As relações de sentido sintagmáticas estão, portanto, envolvidas com a coerência semântica de sequências gramaticais.

Dentro da relação de sentido paradigmática, a qual tem recebido maior atenção por parte dos linguistas, Cruse (2001) aponta a convencionalizada divisão dos dois grandes grupos: o primeiro, relações de identidade e inclusão (hiponímia, metonímia, sinonímia) e o segundo,

relações de oposição e exclusão (incompatibilidade e cometonímia; pares opositivos – antônimos).

Ainda segundo Cruse (2001), as relações de sentido sintagmáticas, em resumo, podem ser divididas em dois planos; primeiramente, há as relações em que itens não são gramaticalmente relacionados e, em segundo plano, estão as relações de itens relacionados fechadamente numa mesma construção gramatical.

Cruse (2001) enfatiza que o vocabulário de uma língua não é simplesmente uma coleção de palavras dispersas a esmo por um espaço semântico; é, para ele, ao menos parcialmente, estruturado por relações de sentido recorrentes. Em algumas áreas do vocabulário, as relações de sentido unem grupos de palavras em estruturas mais amplas, conhecidas como campos lexicais ou campos de palavras.

#### 2.5.4 A Polissemia

Pode-se entender por polissemia o sentido múltiplo de uma expressão linguística. Desde a antiguidade esse fenômeno já fora observado por Aristóteles, tendo seu uso justificado da seguinte forma:

Os nomes são em número limitado, bem como a pluralidade dos enunciados, ao passo que as coisas são infinitas em número. É, por conseguinte, inevitável que o mesmo enunciado e que uma única e mesma palavra signifiquem várias coisas (ARISTÓTELES, *apud* SILVA 2006, p. 16).

Não há como realizar um estudo semântico sem fazer algumas considerações acerca da polissemia, a qual, como atestou Silva (2006), tem causado uma série de problemas para os linguistas mas nenhum para o falante, uma vez que este usa e compreende, perfeitamente, os diversos sentidos de um vocábulo sem se confundir em seus contextos. Por seu lado, os linguistas ainda não podem explicar uma série de problemas em volta desse fenômeno. Silva (2006, p. 37) aponta algumas questões acerca da polissemia que continuam sem resposta, como: qual a realidade psicológica da polissemia, como é que os diferentes usos de uma palavra são armazenados ou representados na mente dos falantes, qual o papel do contexto, qual a relação entre léxico, mente e interpretação textual, qual o melhor nível de análise semântica e em que nível se encontra a polissemia?

Para Silva (2006) não existe uma dicotomia entre polissemia e monossemia, mas sim um *continuum* impreciso quanto aos sentidos que uma palavra polissêmica pode ter. Por isso,

a flexibilidade e a economia na eficiência comunicativa são impressionantes. O falante consegue lidar com os múltiplos sentidos das palavras, sem cometer enganos, graças ao amparo do contexto. É sabido que a polissemia é um recurso da língua utilizado para não sobrecarregar a memória dos usuários. Sem ela, o sistema funcional da língua estaria seriamente comprometido.

Ao cunhar o termo polissemia em 1897, no *Essai de Sémantique* (apud SILVA, 2006:15), Michel Bréal reconheceu que, do ponto de vista diacrônico, o fenômeno é o resultado da inovação semântica – o novo significado e o antigo coexistem paralelamente – e, do ponto de vista sincrônico, ou seja, no uso linguístico, a polissemia propriamente não existe – no discurso, a palavra apresenta, geralmente, um único significado. Deste modo, o semanticista francês vê no contexto o fator mais importante que, diacronicamente, reduz a multiplicidade de significados, permitindo selecionar um entre os vários sentidos de uma palavra.

Dentre as várias mudanças às quais está sujeita a língua, seja no aspecto fonético, morfológico ou sintático, o elemento linguístico mais exposto a variações é ainda o significado. As mudanças sofridas por este aspecto da língua podem ser condicionados, segundo Ullmann (1964), por alguns fatores, dentre os quais, os mais importantes são:

- 1) a língua é transmitida de um modo descontínuo de geração em geração: a criança aprende de um jeito diferente do que seus pais aprenderam.
- 2) a imprecisão do significado quanto à natureza genérica das palavras, a multiplicidade dos seus aspectos, a falta de familiaridade, a ausência de fronteiras bem definidas promovem as alterações no uso.
- 3) a perda de motivação – enquanto uma palavra permanece firmemente ligada à sua raiz e a outros membros da mesma família, dentro de certos limites, conservará seu significado. Quebrados esses laços, o sentido pode desenvolver-se sem freios e afastar-se das suas origens.
- 4) a existência da polissemia – uma palavra pode adquirir um sentido, ou um grande número de sentidos novos, sem perder o seu significado original.
- 5) muitas mudanças de significado surgem primeiramente em contextos ambíguos em que uma palavra particular pode ser tomada em dois sentidos diferentes enquanto que o significado da expressão no seu conjunto permanece inalterado.
- 6) por fim, o maior fator condicionante da mudança semântica é a estrutura do vocabulário, uma vez que este constitui uma agregado frouxo de um número quase

infinito de unidades, sendo desta forma muito mais flexível, recebendo a todo momento novas palavras ou significados, enquanto os já existentes podem cair com a mesma facilidade do acréscimo.

Além da fundação da Semântica, Michel Bréal lançou ao mesmo tempo as bases teóricas de investigação que considerava não só o campo linguístico, mas também o aspecto histórico e cognitivo para o estudo da polissemia. Assim, concentrou sua análise no domínio da linguagem e mente e linguagem e sociedade, num processo interativo a fim de compreender as questões em torno do significado. Segundo Silva (2006), sua ideia pode ser representada da seguinte forma:



Dentre as principais teorias semânticas, diacrônica pré-estruturalista, estrutural, gerativa, formal e cognitiva, esta última tem sido a mais considerada ultimamente devido a seu caráter interdisciplinar e principalmente mentalista. A polissemia tem sido considerada por muitos semanticistas como resultado de capacidades cognitivas da mente humana.

Sobre as inquietações causadas nos linguistas pela polissemia, Silva (2006) analisa longamente os problemas e as possíveis respostas para essa incógnita da Linguística. Cruse (*apud* SILVA, 2006), por exemplo, distinguiu entre seus critérios de polissemia dois efeitos do contexto na variação semântica de um item lexical: a *seleção contextual de significados* e a *modulação contextual* de um único significado. Isto quer dizer que o contexto ora seleciona um significado dentre outros que um item possui, ora modela determinado significado, promovendo ou desprovendo determinados aspectos. Entretanto, para Silva (2006, p. 42), essa concepção acaba num impasse, na medida em que pressupõe uma separação estável entre polissemia e vaguidade.

O critério sincrônico da polissemia, como atestou Cruse (2006), é potencialmente subjetivo: o reconhecimento de uma relação entre dois ou mais significados pode ser influenciado pela imaginação e/ou pela formação do indivíduo, sendo possível variar de indivíduo para indivíduo, de contexto para contexto.

A polissemia, conforme constatou-se durante a pesquisa, não compreende significados permanentemente armazenados e nem pode ser derivada desses significados, através de princípios gerais. É, sem dúvida, muito difícil a tarefa de fazer a equivalência entre a abstração do linguista e a representação mental dos falantes, por isso torna-se ainda mais



difícil construir uma tese que esclareça, de forma precisa, o que se passa na esfera cognitiva dos falantes, na construção do significado enquanto estes estão diante de palavras desconhecidas.

A representação mental tem sido um grande problema a ser desvendado pela Linguística. A forma como são armazenados os possíveis significados de uma palavra tem sido bastante discutida nos últimos anos pela linguística cognitiva, porém os resultados são ainda inconclusivos.

Como bem observou Silva (2006), é fato inegável que a polissemia existe em abundância e pode ser vista como uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança, de impossível diferenciação precisa. Conseqüentemente, na sua concepção:

O significado não é estático, não é dado, mas construído no conhecimento enciclopédico e configurado em feixes de conhecimento ou domínios, não é platônico mas corporizado, encarnado nas necessidades, nos interesses e experiências dos indivíduos e das culturas. Mas esta flexibilidade inerente do significado não significa caos; tem seus limites e as suas restrições; não é incompatível, ou melhor, até exige uma certa estabilidade. Isto significa que ambas as características contribuem para a eficiência cognitiva e comunicativa da linguagem (SILVA, 2006, p. 60-61).

Deste modo, pode-se concluir que se o significado é flexível e a polissemia é instável, então mais fácil se torna defender a ideia de que quase todas as palavras, e até mesmo outras unidades linguísticas, são mais ou menos polissêmicas, com sentidos ligados entre si. Pois, conforme acreditam Lakoff e Johnson (1987), as verdades absolutas objetivas sobre o mundo e os seus aspectos, bem como sobre a linguagem, tornam-se relativas devido ao nosso sistema conceitual particular conceber de forma diferente do outro o mesmo objeto. Entretanto, isso não significa que não existam verdades, elas apenas são compreendidas distintamente pelas culturas, que, por sua vez, dividem essa concepção em interações diárias com outras pessoas e com os ambientes físico e cultural de cada pessoa (LAKOFF e JOHNSON, 1987).

Benveniste (1989, p. 221) declarou que o estudo do significado – “*meaning*” – escapa à competência do linguista. Ele acredita que é dos psicólogos e dos psicofisiólogos que se espera alguma luz sobre a natureza e sobre o funcionamento do sentido na língua. Por outro lado, ao linguista cabe o que pode ser apreendido, estudado, analisado por técnicas cada vez mais precisas e cada vez mais concretas.

Entretanto, sem a pretensão de se valer de técnicas tão precisas quanto declarou Benveniste (1989), o método aqui utilizado objetivou o maior comprometimento com a

ciência da linguagem quanto possível no recolhimento e análise dos dados, ao mesmo tempo que viabilizou a naturalidade dos informantes frente ao uso efetivo da língua. Consonante a esta ideia, mantem-se a tese do sistema conceitual experiencialista de Lakoff e Johnson (1987).

Em volta de toda a existência humana está a busca pela compreensão, e não podia ser diferente, afinal, este tem sido o principal objetivo da ciência e das pseudociências. Considerando essa questão fundamental, particularmente como os chamados mitos objetivista e subjetivista perseguem a compreensão, Lakoff e Johnson (1987, p. 347) fazem a seguinte assertiva:

O mito do objetivismo reflete a necessidade humana de compreender o mundo exterior a fim de poder agir eficientemente nele. O mito do subjetivismo está centrado em aspectos interiores da compreensão – o que o indivíduo acha significativo e o que faz com que sua vida valha a pena.

Do ponto de vista da proposta experiencialista, “essas não são preocupações opostas; ele (o mito experiencialista) oferece uma perspectiva na qual os dois tipos de preocupação podem se unir simultaneamente” (LAKOFF e JOHNSON, 1978, p. 347). Isso significa dizer que é possível tomar como parâmetros, dentro de uma análise linguística, tanto a perspectiva objetivista como subjetivista, pois estas se complementam, assim como a parte objetiva da língua, descrita pelos aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos, e subjetiva, a organização das palavras e o significado delas.

Seguindo este raciocínio, pode-se pensar na indissociação do homem com o seu meio, na vivência em constante interação com o ambiente físico e com as outras pessoas, transformando e sendo transformado ao mesmo tempo. Em defesa do mito experiencialista, Lakoff e Johnson (1987) acreditam que a compreensão emerge da seguinte forma: “a natureza de nossos corpos e de nosso ambiente físico e cultural impõe uma estrutura sobre nossa experiência em funções de dimensões naturais”.

Diante de todas as considerações feitas acerca do sistema conceitual metafórico, Lakoff e Johnson (1987) ressaltaram a importância de perceber que a maneira como as pessoas aprendem a ver o mundo não é a única maneira, e que é possível ver além das ‘verdades’ da cultura.

De acordo com uma metodologia mais flexível, tem-se a tese do sistema conceitual experiencialista de Lakoff e Johnson (1987), que toma em consideração parte da perspectiva

objetivista e parte da subjetivista em relação à observação dos dados, por meio de um método ‘ideal’, em se tratando do estudo do significado.

### **2.5.5 A Categorização**

O primeiro ponto a ser considerado na categorização é sua ligação com a memória. É incontestável o papel que esta realiza nas associações estabelecidas entre informações dadas e armazenadas para apreender o significado, quando este já não está fixado na memória.

O próprio autor das crônicas, Joaquim Ferreira dos Santos, parece saber do papel da memória e da sua importância na relação com as palavras: “A memória mente muito, mas não faz isso por mal. A subjetividade lhe é da índole. [...] Já a memória afetiva não tem autentificação passada em cartório, não registra assinatura” (SANTOS, 2005, p. 159 e 162).

De acordo com estudos em psicolinguística, todos os seres humanos passam por um processo de memorização baseado em estímulos externos. Cada um desses estímulos terá uma maior ou menor influência em cada indivíduo. A partir daí, haverá um registro temporário na memória que poderá tornar-se permanente ou não, a depender dos interesses particulares de quem o recebeu. Quando um novo item é filtrado para a memória permanente ou semipermanente, sempre que o indivíduo se coloca em um contexto que lhe propicia a lembrança desse item, há resgate tanto da forma quanto do significado. Entretanto, esse resgate poderá acontecer apenas de maneira superficial, ou falha, conforme a experiência do indivíduo com o vocábulo, como foi possível notar com os informantes desta pesquisa. Nenhum informante destacou as mesmas palavras e sugeriu os mesmos significados do mesmo modo. Além disso, algumas sugestões foram instantâneas, outras não, dependendo da palavra e do indivíduo. Essa perspectiva a respeito da estrutura conceitual encontra respaldo em Svorou (1994), que defende que o conjunto de crenças dos indivíduos é formado pela experiência com o mundo físico e o ambiente cultural.

Como os significados são armazenados na mente dos falantes é uma importante questão ainda não esclarecida pelas teorias semânticas. O princípio da prototipicidade, por exemplo, é um dos meios pelos quais a Semântica Cognitiva encontrou para explicar uma das funções básicas da linguagem – a categorização.

Segundo a teoria semântico-cognitivista de Svorou (1994), a linguagem possui estrita ligação com o conhecimento do mundo físico. Para ela, a noção da existência física tem influência direta na forma como se concebe o mundo. Este, apesar de ser ordenado por leis

físicas, é experimentado de forma diferente. Assim, a ciência atestou a existência de átomos, embora ninguém jamais os tenha visto. Acredita-se na força da gravidade, mas percebe-se apenas maçãs caindo das árvores. As pessoas sabem que a Terra é redonda e regida pelos movimentos de rotação e translação, mas a impressão é a de pisar num plano estável. Aprende-se que a Terra se move ao redor do Sol, mas ao acordar de manhã, o que se vê é o Sol nascendo no horizonte e se pondo quando a noite chega. Também de acordo com esta ideia, para Pinker (2008), as pessoas pensam por meio da noção de espaço, tempo e causalidade e sem estes elementos não seria possível raciocinar. Mesmo assim, não existe uma facilidade em entender muito bem como esses elementos funcionam na mente.

Como atesta Svorou (1994), mesmo tendo conhecimento científico sobre o mundo, este não faz parte do conjunto de crenças de todos e, se fizer, isso exige a passagem de séculos. Sendo assim, o conjunto de crenças compartilhado pela humanidade é formado pela experiência com o mundo físico e pelo ambiente cultural no momento em que se vive. A linguagem, por sua vez estaria também dependente das crenças que as pessoas têm, revelando como o mundo é concebido.

Em um regresso às questões e interesses da Semântica histórica pré-estruturalista, a Semântica cognitiva partilha com a primeira uma concepção psicológica do significado, bem como uma concepção enciclopédica. Nesse sentido, é considerado aqui um significado não autônomo, mas intrinsecamente conectado com a experiência individual, cultural, social e histórica dos falantes.

Para os cognitivistas, o aparato neurofisiológico do homem, preparado desde a tenra idade, o predispõe para o aprendizado numa relação de interdependência. Seu processo de aquisição de conhecimento envolve recorrente exposição às situações com objetos físicos, seres humanos e suas interações, além da capacidade linguística. Atrelado a esses aspectos, está o conjunto de valores que a comunidade cultural lega ao indivíduo. A experiência com o ambiente e a cultura, juntos, criam a psicologia e o caminho que o ser visualiza, fazendo com que as pessoas falem a respeito de todos os aspectos do mundo.

Apesar das discordâncias acerca da natureza do significado, linguistas, psicólogos e cientistas afins já concordam com a existência de um nível intermediário entre língua e mundo físico – a cognição. Essa conteria representações ainda indefinidas, porque não há um consenso definitivo quanto aos estudos semânticos e cognitivos, uma vez que, para alguns, semântica e cognição estão separadas em duas esferas distintas.

Considerando os estudos de Lakoff e Johnson (1987) acerca da estrita ligação entre língua e cognição, Svorou (1994) defende a ideia de que o nível entre o mundo físico e a língua, a cognição, é apenas um caminho pra se falar a respeito da fascinante habilidade que as pessoas têm para receber sensações pelos canais de do aparato perceptual e manipular a combinação desses aparatos de maneira que eles criem outras sensações ou façam a pessoa responder a elas de maneira física. Para a cientista, o mais fascinante, entretanto, é a habilidade para relembrar esses eventos de percepção, manipulação e resposta. Memórias armazenadas são ativadas por situações similares. Quanto mais essas memórias são ativadas, melhor as chances de se tornar parte do estoque, ou parte conjunto de crenças individuais. Dessa maneira, a memória contém o conhecimento sobre os efeitos do mundo físico sobre o homem, e vice-versa, o conhecimento do conjunto de valores que a cultura ensina e o conhecimento sobre as interações sociais entre os membros da cultura, além de, claro, o conhecimento da própria língua.

Neste momento, é válido ressaltar aqui importantes observações feitas por Lakoff e Johnson (1987) acerca do método científico.

Como já se sabe, qualquer pesquisa científica tem o compromisso de fornecer resultados satisfatórios obtidos por meio de uma metodologia adequada. Porém, a revelação da verdade, tendo em meta o objetivismo a que se propõe o método científico, conforme constataram Lakoff e Johnson (1987), pode ser relativa.

Os dois cientistas acreditam que há um grande comprometimento dos estudos que buscam comprovar a verdade por conta do que chamaram “mito” do objetivismo e do subjetivismo. Conforme observam, a cultura, tradicionalmente, tende a posicionar-se de maneira estanque, excluindo um ponto de vista ou outro sem tentar ponderar, na balança, a relevância de ambas as visões para os estudos a que se propõem. Lakoff e Johnson (1987) indicam que, ao se estar inserido em uma cultura de base conceitual, a verdade é sempre relativa a esse sistema e, em grande parte, metafórica por natureza, não existindo uma verdade inteiramente objetiva, incondicional ou absoluta, sobretudo quando esta verdade trata do significado. Os cognitivistas não querem dizer com isso que a imaginação deva se sobrepor à ciência, como se a realidade se baseasse apenas na visão do indivíduo, visão essa muito particular.

Como Lakoff e Johnson (1987), Pinker (2008) concorda que a língua está repleta de metáforas. Para ele, a metáfora está tão disseminada na língua que é difícil encontrar expressões para ideias abstratas que não sejam metafóricas. Segundo Pinker (2008), talvez as

peessoas não tenham consciência de como a linguagem e o léxico são utilizados para dar sentido às coisas cotidianas. É possível que só haja consciência das coisas tangíveis, concretas, enquanto as abstratas perpassam por um outro ponto, desconhecido para a maioria dos indivíduos. Seria, então, o caso do uso das metáforas que expressam essa parte subjetiva, quando se toma uma coisa por outra.

Após relacionar dez mitos objetivistas e cinco subjetivistas, Lakoff e Johnson (1987, p. 295-298) propõem uma terceira visão, não suplantando nem um nem outro aspecto, mas tendo em conta a experiência dos indivíduos no mundo, a qual corresponde e melhor situa-se com a realidade cotidiana.

A síntese experiencialista proposta pelos semanticistas rejeita a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, como também a alternativa subjetivista de verdade obtida apenas por meio da imaginação, não restringida por circunstâncias externas. Por isso, focam seu trabalho na metáfora, pois ela é capaz de unir a razão e a imaginação – considerada como uma racionalidade imaginativa. Esta racionalidade, em muitos aspectos, propicia o pensamento metafórico, o que implica em tornar um tipo de coisa em termos de um outro tipo, sendo um exemplo que ampara o desenvolvimento desta ideia a expressão “DISCUSSÃO É GUERRA”, proposta por Lakoff e Johnson (1987, p. 46). A razão, por sua vez, envolve, no mínimo, a categorização, a implicação e a inferência.

Deste modo, a abordagem experiencialista proposta por Lakoff e Johnson (1987) torna-se mais coerente porque leva em conta dois aspectos muito importante da mente: a razão e a imaginação. Renegando os dois mitos unilaterais, eles acreditam que o sentido não é descorporificado ou objetivo e está sempre fundamentado na aquisição e utilização de um sistema conceitual. “A verdade, portanto, não é absoluta nem objetiva, mas baseada na compreensão. Assim sendo, as frases não têm sentido inerente e objetivamente dados e a comunicação não pode ser a mera transmissão de tais sentidos” (LAKOFF e JOHNSON, 1987, p. 307).

A proposta de Lakoff e Johnson (1987, p. 303) é estabelecer uma ponte entre os mitos objetivista e subjetivista no que se refere à imparcialidade e à possibilidade de ser justo e objetivo. As duas escolhas oferecidas pelos mitos são a objetividade absoluta por um lado, e a intuição puramente subjetiva por outro.

A categorização lexical, juntamente com o sistema de significação, está inserida justamente entre esses dois planos: objetivo e intuitivo. Visto que o significado de um vocábulo não é único e estável, tem-se, no léxico, um sistema organizado e estruturado,

sistematicamente, em categorias linguísticas, relacionado a um outro mecanismo cognitivo que permite estabelecer uma interrelação a fim de encontrar um ou o sentido. E a polissemia é a prova real de que a interrelação entre o léxico e a cognição é altamente flexível e vulnerável.

Sem dúvida, é difícil estabelecer uma verdade absoluta na experimentação científica quando esta se relaciona com a linguagem, sobretudo sobre a organização mental do significado. Mas, se for levado em conta que o sistema conceitual padrão permite uma compreensão imaginativa bem fundamentada em qualquer ambiente físico e cultural, pode-se chegar a uma conclusão aceitável e coerente (LAKOFF e JOHNSON, 1987).

Do ponto de vista experiencialista, Lakoff e Johnson (1987) acreditam que as ideias chamadas por eles de “mitos” trazem conseqüências negativas para uma teoria do sentido. Uma delas é afirmar que o sentido é objetivo. Entretanto, é no mito do experiencialismo que consideram uma possível base metodológica e filosófica adequada para as ciências humanas. Segundo eles, as bases subjetivistas para a compreensão pressupõem que a experiência não tem estrutura natural e, portanto, não pode haver qualquer restrição externa natural sobre o sentido e a verdade. Antes, argumentam:

[...] nossa experiência é estruturada holisticamente em termos de *gestalts* experienciais. Elas têm uma estrutura que não é arbitrária. Pelo contrário, as dimensões que caracterizam a estrutura dessas *gestalts* emergem naturalmente de nossa experiência (LAKOFF e JOHNSON, 1987, p. 341).

O experiencialismo tem se tornado bastante relevante porque preserva uma questão subjetivista importante acerca do sentido:

[...] a consciência de que o sentido é sempre sentido *para* uma pessoa. O que tem sentido para mim é uma questão do que é importante para mim. E o que é importante para mim não dependerá somente de meu conhecimento racional, mas também de minhas experiências passadas, de meus valores, de meus sentimentos *insights* intuitivos. O sentido não é pré-determinado; é uma questão de imaginação e uma questão de coerência construtiva (LAKOFF e JOHNSON, p. 345).

Em suma, o mito do experiencialismo é capaz de satisfazer as preocupações reais e razoáveis que têm motivado tanto o mito do objetivismo como o do subjetivismo, mas sem obsessão objetivista com a verdade absoluta, nem a insistência subjetivista de que a imaginação é livre de qualquer restrição.

### 3 METODOLOGIA

Estudar o léxico constitui-se em uma das mais interessantes tarefas da Linguística e, assim sendo, não há dúvida de que um dos melhores contextos para isso é o da Literatura. É nela que se encontram retratadas as experiências, desejos, verdades e fantasias das pessoas, traduzidos numa linguagem particular, em que o elemento principal são as palavras.

Um gênero literário em especial foi escolhido para amparar a pesquisa – a crônica. Por se caracterizar, geralmente, por uma linguagem bastante informal, sendo, por isso, de fácil acesso, a crônica é composta por vocábulos comuns da linguagem cotidiana. Contudo, isso não significa inferioridade aos demais gêneros literários. Também com o intuito de destacar o valor desse gênero, buscou-se trabalhar com textos adequados ao objetivo da pesquisa, - o estudo da relação semântico-lexical de vocábulos em desuso – retirados do livro *Em Busca do Borogodó Perdido*, do cronista carioca Joaquim Ferreira dos Santos (2005).

Foram selecionadas, do livro, três crônicas para esta investigação. A escolha se deu pelo critério do tema, ou seja, todas as três crônicas abordam o resgate de palavras, geralmente de uso popular, que caíram em desuso. Nas demais crônicas do livro é também possível encontrar, vez por outra, esses itens que Joaquim Ferreira dos Santos exalta, porém, é nas três crônicas selecionadas que o autor trata do tema diretamente, com mais ênfase, com uso maior desses vocábulos.

Em *As palavras emperiquitadas, sirigaitas deliciosas, Gosto que me enrosco de botar os bofes pra fora e Meter a língua onde não é chamado*, Joaquim Ferreira dos Santos trata do seu saudosismo com um jogo que vai além da apresentação das palavras; é uma mistura entre o velho, o novo e o intermediário, que muitas vezes necessita de releituras para melhor compreensão do texto. Foi justamente o incômodo e a curiosidade que a leitura das crônicas provocou por conta de alguns vocábulos desconhecidos e/ou mais ou menos conhecidos que impulsionou a utilização de entrevistas com 29 leitores para saber como eles reagiriam frente aos referidos vocábulos.

Os itens vocabulares sugeridos pela autor, nas três crônicas mencionadas anteriormente, são característicos da linguagem coloquial, conforme se pôde comprovar pelo dicionário Houaiss (2001). A princípio foi estabelecido o critério de grau escolar médio completo ou incompleto para os informantes da entrevista, supondo-se que tais informantes seriam capazes



de compreender claramente o tema da crônica, mas teriam dificuldades nos significados de algumas palavras. Acreditava-se, também, que informantes muito jovens, abaixo de 25 anos, teriam mais dificuldade com uma quantidade maior de itens do que jovens um pouco mais maduros, acima de 25 anos. Por isso, estabeleceu-se inicialmente um grau de escolaridade de nível médio completo ou incompleto e uma faixa etária de jovens entre 25-35 anos de ambos os gêneros, pois imaginava-se que estes estariam num nível intermediário de compreensão de leitura, bem como de experiência de vida, não tendo, portanto, tantas dificuldades com o entendimento dos vocábulos. No caso de leitores acima de 35 anos, talvez houvesse uma maior facilidade na compreensão dos itens lexicais.

Não se pretendeu, em momento algum, basear-se nos critérios da sociolinguística ou dialectologia para coleta dos dados, por isso não foram levados em consideração os critérios de naturalidade, filiação, etc.

Sendo assim, a amostra estabelecida para as primeiras 10 entrevistas foi de indivíduos entre 25 e 35 anos, divididos em duas faixas etárias, 25-30 e 30-35, com grau de instrução de ensino médio (antigo 2º grau) completo ou incompleto, de ambos os gêneros.

Depois de realizadas cinco entrevistas com os primeiros informantes dentro dos critérios estabelecidos, foram feitas, a nível de teste, porém com a intenção de aproveitar todos os dados, oito entrevistas com leitores de nível de escolaridade maior, graduação completa ou incompleta, e também com maior faixa etária, sendo que estas duas características não precisavam estar no mesmo informante simultaneamente. Adotou-se essa decisão porque as duas ideias iniciais de que a idade e a escolaridade influenciariam na compreensão dos vocábulos foram negadas já nas primeiras doze entrevistas, uma vez que houve certa homogeneidade nos resultados. Decidiu-se, então, expandir os critérios selecionadores dos informantes, para testar os resultados em relação à faixa etária e ao grau de escolaridade. Dessa forma, foi estabelecido um limite de idade de 40 anos e nível escolar até a pós-graduação.

Quanto ao critério metodológico em relação a gênero, faixa etária e escolaridade, adotou-se uma postura um tanto flexível, porém não aleatória, à medida em que se ia fazendo novos experimentos, pois a partir da realização das entrevistas com informantes de 30 e 35 anos, notou-se uma regularidade nos resultados em relação às demais entrevistas com leitores mais jovens (25 a 30 anos), diferente do que se imaginava. Quanto ao fator número de informantes, relacionado ao critério gênero, a quantidade não seguiu uma igual proporção homem/mulher, ou seja, não se estabeleceu X quantidade de informantes do sexo masculino

nem X quantidade do sexo feminino, porém, mesmo assim, houve um equilíbrio nesse aspecto, 14 homens e 15 mulheres totalizaram 36 entrevistas; dos 29 entrevistados, sete pessoas foram informantes em mais de uma crônica,

Alguns leitores serviram de informantes em duas crônicas, porém se observou certo cansaço mental por parte deles, uma vez que as crônicas são um tanto extensas (cerca de duas páginas e meia de folha A4) e de interpretação não tão fácil. Porém, por conta da dificuldade em realizar as entrevistas, nenhum dado foi desprezado.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e setembro de 2009. Os procedimentos foram feitos conforme relatados a seguir. Inicialmente, solicitou-se do informante a leitura individual de toda a crônica, ao mesmo tempo que deveria sublinhar as palavras cujos significados eram desconhecidos e / ou aquelas mais ou menos conhecidas, de alguma lembrança.

Com o término da leitura, com duração de cerca de 10 a 15 minutos, dependendo do leitor, algumas perguntas eram direcionadas aos leitores referente à crônica e aos itens selecionados, tais como: Você entendeu o tema da crônica? Sobre o que o autor fala? Depois, à medida em que se lia a crônica, outras perguntas eram feitas: Você conhece tal palavra? Imagina algum significado para ela? O que você imagina que tal palavra significa quando lê...(relia-se o trecho onde aparece a palavra); Quando você lê tal palavra a sua mente sugere algo, algum significado para compreendê-la ou você simplesmente passa por cima, ignora a palavra?

Nessa etapa, a crônica foi lida mais uma vez juntamente com o informante, com pausa nos itens apontados por este, para questioná-lo sobre seu significado. Uma nova cópia da crônica foi entregue ao leitor, enquanto o entrevistador ficava com a cópia na qual ele havia marcado os itens, anotando as sugestões de significado que iam sendo dadas ou colocando interrogação quando não havia sugestões.

O fator escolaridade, restrito, a princípio, somente ao nível médio, também sofreu bastante variação ao longo das entrevistas, pois, diferentemente do que se imaginava, o grau de instrução não apontou diferenças significativas quanto ao resultado. Ou melhor, imaginava-se que um leitor com nível de escolaridade superior, por acumular uma maior quantidade de leitura, conheceria um número maior de palavras. Mas não foi o que se constatou nos resultados da pesquisa. Leitores com terceiro grau incompleto, completo e até pós-graduados conheciam um número de palavras equivalente aos de nível médio. Isso pode ter acontecido porque as palavras citadas nas crônicas estão num nível de popularidade que

independe do grau de instrução de quem as lê, já que grande parte delas aparece registrada no dicionário como palavras de cunho popular ou de valor expressivo. Dadas essas informações, não se pretende adiantar aqui a análise dos dados, porém se achou por bem explicar o porquê da expansão do critério grau de instrução.

As entrevistas originais foram feitas em folha à parte, não apresentadas aqui por estarem rabiscadas, tendo sido devidamente passadas a limpo para constarem no anexo. Os grupos de informantes, 12 para cada crônica, foram distribuídos no anexo deste trabalho pela ordem dos quadros elucidativos. Os vocábulos em negrito representam os itens destacados pelos informantes, considerados como desconhecidos ou em desuso, enquanto que as palavras sublinhadas dizem respeito a outros itens desconhecidos, mas não dentro do critério em desuso.

Cada entrevista levava cerca de 40 a 50 minutos, variando de acordo com a rapidez com que os informantes liam as crônicas e respondiam às perguntas referentes a cada item. Ao responder às questões, a maioria dos leitores levava algum tempo pensando, como se procurasse alguma coisa em sua memória para chegar a uma conclusão que fizesse sentido. Alguns vocábulos, quando não marcados pelo leitor, foram apontados pelo entrevistador para certificar-se do real conhecimento por parte do informante, já que na primeira leitura poderia ter ocorrido uma natural desatenção quanto a algum item.

Quando indagados sobre o tema do texto que acabaram de ler, a maioria dos entrevistados ficava receosa e não respondia imediatamente. Somente com um pouco mais de insistência, eles arriscavam dizer alguma coisa. Mesmo sem ser precisos, conseguiram fazer algum tipo de referência às palavras das quais Joaquim Ferreira dos Santos se utiliza nas três crônicas. Todos os leitores conseguiram dizer algo com relação a esses vocábulos, caracterizando-os como gírias, palavra popular, linguagem coloquial, etc.

Visto que pesquisas científicas podem causar receio nos informantes, buscou-se realizar as entrevistas com pessoas próximas em grau de amizade, para que elas se sentissem à vontade quando questionadas acerca do texto e não tivessem tanta preocupação com o fato de estarem sendo entrevistadas, tanto que cerca de 70% das entrevistas foram realizadas em ambiente doméstico. Ainda assim, houve certa preocupação, por parte de alguns, em responder “corretamente”, pois quando indagados acerca dos itens apontados, imaginavam que deveriam acertar seu significado. Isto tem um lado positivo, o da real disposição dos informantes em colaborar com a pesquisa científica.

Após a realização das 36 entrevistas, fez-se o levantamento de todos os vocábulos destacados pelos leitores e organizaram-se estes itens em 3 quadros elucidativos, subdivididos em outros 03, referentes às três crônicas. Cada planilha comportou 12 informantes, com o total de palavras apontadas por eles. Mesmo quando o item foi apontado por apenas 1 leitor, o registro foi realizado para que se pudesse quantificar quais itens foram mais apontados, bem como atestar o nível de desuso dos vocábulos sugeridos.

Dos 29 entrevistados, 18 possuem 2º grau completo; 01, 2º grau incompleto; 01, graduação completa; 06 graduação incompleta; e 03, pós-graduação incompleta. Os informantes estão identificados nas planilhas por um número de ordem, pelas iniciais dos seus nomes e respectivas idades.

Algumas anotações foram utilizadas no quadro para nortear a interpretação dos dados: o 'x' funciona como indicador de que o item foi destacado pelo leitor, o sinal '-' indica que o item não foi destacado pelo leitor; os sinais '+' ou '-' são indicadores de que os leitores tinham uma intuição acerca de determinado vocábulo, mas não conseguiam expressar; o sinal '?' foi utilizado para indicar que o leitor não conhecia o vocábulo e não conseguiu dar uma sugestão de significado.

Os critérios das entrevistas com os informantes foram modificados porque desejava-se expandir ao máximo as características deles, a fim de se testarem os resultados. Estes apontaram uma linearidade quanto aos vocábulos destacados e as sugestões de significado dadas. Os itens sugeridos como em desuso foram selecionados pelo próprio autor das crônicas, conforme se pode comprovar por sua leitura. Ele utiliza mecanismos no texto que por vezes indicam uma familiaridade maior ou menor com estes vocábulos, por parte de quem lê. Em sua maioria, os mesmos itens foram apontados tanto pelo informante de nível escolar médio como pelo pós-graduado.

O relativo grau de intimidade entre o entrevistador – a autora desta Dissertação – e o informante constituiu-se em um ponto a favor para que o leitor se sentisse mais à vontade para dizer o que se passava em sua mente. Isto foi perceptível durante quase todas as entrevistas, pois os comentários feitos indicavam que o informante sentia-se bastante confortável para mencionar qualquer coisa sobre as crônicas, as palavras e até mesmo sobre a pesquisa em si. Esses comentários poderão ser lidos numa sessão especial da metodologia dedicadas a eles.

É importante ressaltar que os dados recolhidos são de inteira seriedade, pois antes de se realizar a entrevista foi explicado ao informante o motivo e o objetivo da mesma, a fim de que o leitor contribuísse de forma consciente.

### 3.1 COMENTÁRIOS DOS LEITORES

Muitos comentários foram feitos durante as entrevistas, os quais ajudaram a responder algumas questões acerca da sugestão dos significados, de como, por que e quando o leitor era capaz de significar um item desconhecido ou mais ou menos conhecido. Isto porque muitos dos vocábulos apontados não eram totalmente estranhos aos ouvidos dos leitores, segundo o próprio relato. Nos rascunhos das crônicas lidas, existem várias anotações do tipo: já ouviu, mas não lembra – para sinalizar a informação dada pelo informante, quando mencionava já ter ouvido a palavra.

Quando os informantes terminavam de ler as crônicas, perguntava-se-lhes sobre o tema do texto que tinham acabado de ler. A resposta quase nunca vinha prontamente, houve até quem respondesse que não sabia, mas com um pouco mais de insistência todos faziam algum tipo de referência às palavras “estranhas”.

Cerca de três leitores acharam o texto um pouco chato e estenderam essa característica para o autor das crônicas, talvez pela insistência com aquelas palavras e / ou, talvez pelo fato de lerem duas crônicas. Nestas primeiras entrevistas, percebeu-se que a leitura e o questionamento de duas crônicas eram muito cansativos para o leitor. Cerca de 15 entrevistas com sete informantes foram realizadas nestas condições. Três dos sete informantes fizeram as duas entrevistas num só momento. Posteriormente, foram realizadas em duas etapas diferentes, ou melhor, duas crônicas, em dias alternados, até optar-se por uma entrevista por informante.

Como as entrevistas foram realizadas apenas com os textos escritos e com as perguntas feitas oralmente, não foi utilizado gravador. Por isso, os comentários feitos pelos informantes não foram registrados imediatamente, no momento em que aconteceram, mas em forma de um apanhado daqueles considerados mais interessantes para os objetivos da pesquisa. Dessa forma, os comentários relatados aqui estão, predominantemente, em discurso indireto, tendo sido tomado todo o cuidado possível para manter a sua fidelidade.

- As informantes M.R. e E.O. se divertiram muito com a leitura das crônicas. Em uma das leituras, a entrevista foi realizada com as duas ao mesmo tempo, e, quando indagadas acerca dos vocábulos destacados, riam bastante diante de alguns itens, pois achavam interessantes e imaginavam coisas engraçadas sobre eles. Porém, em determinado momento, demonstraram cansaço e disseram só colaborarem em nome da amizade. Percebeu-se que o esforço mental poderia causar alterações nos dados, por isso a entrevista com a segunda crônica foi interrompida para posteriormente ser retomada.
- A informante M.R. envergonhou-se por não ser capaz de sugerir significado para determinados itens, chegando até, por um momento, a fazer sugestões aleatórias. Depois de confortada quanto à não obrigação de ter uma sugestão ou ‘acertar’, como imaginava, ficou mais à vontade e continuou a entrevista. Houve, com ela, um nítido embaraço de deixar o item sem resposta.
- A informante L.B. demonstrou curiosidade quanto ao objetivo da pesquisa, e, depois do esclarecimento, fez o seguinte comentário: “Isso que você quer estudar parece psicologia”. Para ela, a pesquisa possuía um aspecto mais psicológico do que linguístico. Esta informante comentou ainda sobre a dificuldade em obter a resposta que a pesquisa lhe solicitava. Ficou também preocupada em saber se tinha ido bem, se tinha acertado os significados. Esta preocupação foi partilhada por muitos. Desejavam fazer a coisa certa.
- N.S. se preocupou em usar sinônimos para as palavras para as quais imaginava os significados, de cunho menos informal. Notou-se aqui a preocupação em usar uma linguagem um pouco mais formal na hora de sugerir significado para certos itens, pela importância da pesquisa aos olhos dele. Isso pode ser notado no caso de “embusteira”, quando chegou a citar uma palavra coloquial – ‘largada’ – para logo em seguida retificar: “não, essa palavra não. Coloque ‘mal-tratada’; aconteceu também com “basófiás”- quando usou como sugestão ‘palavras banais’ ao invés de besteira.
- Alguns informantes mostraram conhecer ou identificar o significado de uma palavra devido a uma área de interesse própria ou traço de sua personalidade, a exemplo de E.O., M.R., A.J., A.F. e I.T.
- As duas primeiras informantes citadas, E.O. e M.R., foram capazes de inferir o significado da palavra ‘neurastênica’, sugerindo: doença dos sistema nervoso e doença neurológica, respectivamente, pelo fato de ambas terem curso técnico em enfermagem.

- A.J. é uma pessoa pacata, melancólica e um tanto mal-humorada. Foi curioso notar que, dentre os demais informantes, ele foi um dos poucos que conhecia o significado da palavra “banzo” – termo que descreve bem sua personalidade. Esse item foi bastante apontado pelos demais entrevistados e, quando indagado acerca desse vocábulo, para certificar de que esta palavra não passou despercebida, A.J. soube dizer com segurança seu significado – ‘pessoa mole’, continuando a explicação. Curioso notar que esta palavra não é de cunho corriqueiro e coloquial, e mesmo não tendo o 2º grau completo, A.J. a conhecia, diferente dos demais informantes. Certamente quando tomou conhecimento dessa palavra, sua memória a registrou por sentir-se identificado com o termo, pois a característica da sua personalidade contribuiu para ele reconhecer a palavra.
- A ligação com determinada área de interesse pôde ser observada em I.T., único leitor a conhecer o significado de “salsaparrilha”. Sua profissão de cozinheiro permitiu saber o significado da palavra, ignorada por todos os demais. Quando indagado acerca do termo destacado respondeu: “É uma espécie de hortaliça, não é?” – “Como você sabe? Você já utilizou?” – “Sim, no restaurante”.
- Também beneficiado pela ligação com uma particularidade da sua personalidade, o leitor A.F. foi capaz de realizar uma inferência bastante pertinente para apreender o significado da palavra “parlapatões”, por meio da morfologia. Seu interesse em línguas estrangeiras e seu gosto pela leitura o fez lembrar que ‘parla’ significa “fala” em italiano, mais a junção com o sufixo ‘ões’ – ideia de muito, exagero – fazendo-o concluir o significado de parlapatões como quem fala muito, falador.
- A informante M.C., pelo seu caráter ansioso, de não gostar de aguardar, ser rápida em tudo o que faz, demonstrou impaciência em responder às perguntas. Não se demorava pensando nas palavras, num possível significado para elas, se de fato as compreendia ou não. Isso fez com que respondesse, muitas vezes, “não sei”.
- Durante as entrevistas, houve a preocupação de alguns informantes em responder corretamente quando questionados acerca dos significados das palavras, como foi o caso de D.M. Sua inibição fez com que respondesse no início da entrevista muitos “não sei”, e só após ser tranquilizado quanto a não obrigação de dizer um significado “correto” para as palavras foi possível começar a fazer sugestões.
- Talvez essa tenha sido também a preocupação de E.D., tendo a informante se justificado por não conhecer aquelas palavras da crônica. Identificou-as como gírias e

disse não usá-las em seu vocabulário. Nunca se interessou em saber os significados quando ouvia pessoas pronunciando.

- Os comentários feitos por A.M. também foram interessantes. Em determinado trecho da crônica que lia, quando estava com dificuldade em sugerir significados para uma sequência de palavras, comentou: “o autor não dá pista sobre o que é porque ele só faz citar as palavras que foram esquecidas. Em outro momento falou de algumas coisas ditas no texto que não eram para ser levadas a sério, como se fossem uma brincadeira, isso para dizer que “tem bububu no bobobó” não possuiria um significado específico.
- Um informante em especial, C.R., de 36 anos, chamou atenção pelo seu desempenho durante a entrevista. Bem poucas palavras foram apontadas por ele. Numa média de 30 palavras destacadas pelos demais informantes, com C.R. esse número caiu para 10. Quando questionado, acerca do seu real conhecimento dos itens mais destacados pelos demais leitores, respondeu sem titubear, como foi o caso das palavras “pinimba” - “hostilidade entre duas pessoas, disputa” - e “nonsenses” - “é de origem francesa - sem sentido”. Quanto às demais palavras apontadas, arriscou pouco, não fazendo muitas sugestões. Talvez pela impaciência diante do texto, pois achou chato o saudosismo do autor em relação ao linguajar do passado. Ou ainda optou por não sugerir significados pelo risco de errar, porque gosta de falar apenas o que conhece e com segurança. Uma informação importante a ser dada sobre esse informante é seu nível de leitura. Possui duas graduações incompletas, mas bastante conhecimento em algumas áreas das ciências humanas. Aprecia diversos tipos de leitura, e dos entrevistados, é o que possui maior acúmulo de conhecimento. O fato de esse informante ser carioca, causou certa desconfiança acerca da interação dele com as palavras da crônica. Como o autor das crônicas é também carioca, imaginava-se que os termos em desuso pudessem ser típicos do Rio de Janeiro. Porém, o próprio informante, C.R., em Salvador há 12 anos, não concorda que os termos sejam da linguagem tipicamente carioca, pois atribuiu o conhecimento da maioria dos termos trazidos na crônica às suas leituras.

Alguns leitores chegaram a perguntar se aquelas palavras existiam realmente, se foram inventadas pelo entrevistador, ou se foi ele mesmo quem escreveu o texto. Houve aqueles que pareceram fazer um esforço maior para compreender os vocábulos, enquanto outros não. O exercício de pensar requer disposição e nem todos estavam dispostos a isso. Tanto assim que



foram desprezadas três entrevistas, devido ao fato de os leitores não estarem dispostos a sugerir quase significado algum. Sempre que questionados, respondiam prontamente não saber o significado daquele item.

Outro ponto interessante notado durante as entrevistas foi a dificuldade de interpretação dos textos por parte de alguns leitores. No trecho “eu curto às pamparras” da crônica *Meter a língua onde não é chamado*, o não reconhecimento da crase dificultou a inferência da locução adverbial de intensidade. A leitora A.C., por exemplo não foi capaz de reconhecer nomes e locuções adverbiais, como “nefelibata” e “à socapa”, relacionando essas palavras a outros vocábulos como “cupincha” e “capilé” – pensando serem nomes de autores.

Certamente, outros traços da personalidade, ou ligados aos interesses individuais dos informantes, contribuíram para a inferência dos significados, mesmo não se levando a um resultado satisfatório.

Por fim, deixa-se claro que os comentários trazidos aqui, dentro do que foi possível observar e registrar, foram inteiramente relevantes para a análise dos dados a seguir.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A fim de resumir os dados recolhidos durante as entrevistas, foram construídos quadros e gráficos elucidativos para mostrar, panoramicamente, o comportamento dos informantes diante das palavras tidas como em desuso.

As informações estão apresentadas por partes, crônicas 1, 2 e 3, com seus respectivos títulos e número de informantes – 36 ao todo –, sendo 12 para cada crônica. O quadro elucidativo também contém os itens lexicais levantados pelos leitores-informantes, enumerados, em média, de 01 a 45, com indicação ao lado se a palavra foi destacada ou não (através de **x** ou -) e se recebeu alguma sugestão.

Algumas palavras encontram-se em mais de uma crônica, por isso apareceram registradas mais de uma vez nos quadros.

No que diz respeito à sugestão de significados para os itens destacados, o fator escolaridade não exerceu tanta influência como se imaginava. O mesmo se deu em relação ao gênero e à faixa etária, pois não houve significativa oscilação entre os resultados. A motivação do leitor para sugerir um significado para um item que desconhece – ou que não tem uma nítida lembrança –, pareceu mais ligada a um fator de conhecimento, característica extremamente particular, de diferentes níveis de pessoa para pessoa.

Durante as entrevistas, foram notórias algumas estratégias de recuperação desses vocábulos que coincidem com aspectos da língua mencionados por Saussure (2006), no que se refere às relações paradigmáticas e sintagmáticas de relações e combinações entre os elementos linguísticos, como o seu lado psicológico, constituído por impressões de sons, palavras e fatos gramaticais depositados na memória. Por outro lado, o papel do contexto foi de grande importância na determinação dos significados por parte dos informantes. Entretanto, vale ressaltar que não foi exigido deles o significado “correto” dos vocábulos, antes, o objetivo era somente saber se havia algum registro na memória dos leitores ou se eles eram capazes de inferir algum tipo de sentido/significado no momento da leitura.

Tal como a fala é condicionada à passagem do tempo, assim as palavras em desuso trazidas nas crônicas, certamente típicas da linguagem oral, estiveram sujeitas a esta fugacidade, bem como seus significados, o que explica o fato da sua transitoriedade e consequente esquecimento por parte de muitos leitores.

Uma das questões a que a pesquisa se propôs a responder foi como os diferentes sentidos/significados são armazenados na mente do falante; se de forma permanente ou se são gerados simultaneamente, no processo de reprodução e recepção. As respostas para estas questões ainda são uma incógnita, visto que qualquer indagação acerca do que se passa na mente humana dificilmente terá uma resposta precisa. Porém, chegou-se a perceber alguns esclarecimentos acerca da apreensão de significados de um item desconhecido.

De acordo com os dados coletados nas entrevistas, foi possível perceber uma mesma média de itens levantados pelos leitores nas três crônicas escolhidas, conforme pode-se comprovar no quadro elucidativo. Entretanto, houve muitas oscilações quanto aos itens apontados por todos ou quase todos os informantes. Isso se deve ao fato de se tratar de crônicas diferentes, com palavras diferentes, em contextos diferentes, embora haja o tema nostálgico das palavras em comum nos três textos, perceptível, de modo geral, pelos informantes.

Como o número de palavras levantadas pelos leitores nas três crônicas chega, em média, a 130, não foi possível realizar uma análise de cada item apresentado como em desuso. Assim, foram consideradas, primeiramente, as palavras mais apontadas em seus respectivos contextos e, eventualmente, outras menos apontadas, porém em situações significativas para a proposta da pesquisa.

A seguir, apresentam-se os gráficos indicadores dos itens com maior índice de destaque em nível de desconhecimento, assim como dos vocábulos que receberam menor e maior sugestões de significado. Estes gráficos constituem uma proposta de esclarecimento dinâmico dos dados recolhidos e apresentados no quadro elucidativo, no que tange às informações mais relevantes.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, é interessante levantar quais os vocábulos mais e menos apontados como desconhecidos e quais, dentre esses, obtiveram maior e menor sugestão de significado.

Os índices apontados no quadro a seguir mostram em que níveis as palavras denotaram maior e menor grau de dificuldade nos seus significados para os informantes. Abaixo estão relacionados os percentuais obtidos em relação ao número de informantes e vocábulos destacados por eles.

Se um determinado vocábulo, em uma crônica, foi apontado 12 vezes, significa que este vocábulo foi destacado por 100% dos informantes;

Se 11 vezes, isto equivale a 91,6% dos informantes;

Se 10 vezes, isto equivale a 83%; dos informantes

Se 9 vezes, isto equivale a 75% dos informantes;

Se 8 vezes, isto equivale a 66,6% dos informantes;

Se 7 vezes, isto equivale a 58,3% dos informantes;

Se 6 vezes, isto equivale a 50% dos informantes;

Se 5 vezes, isto equivale a 41,6% dos informantes;

Se 4 vezes, isto equivale a 33,3% dos informantes;

Se 3 vezes, isto equivale a 25% dos informantes;

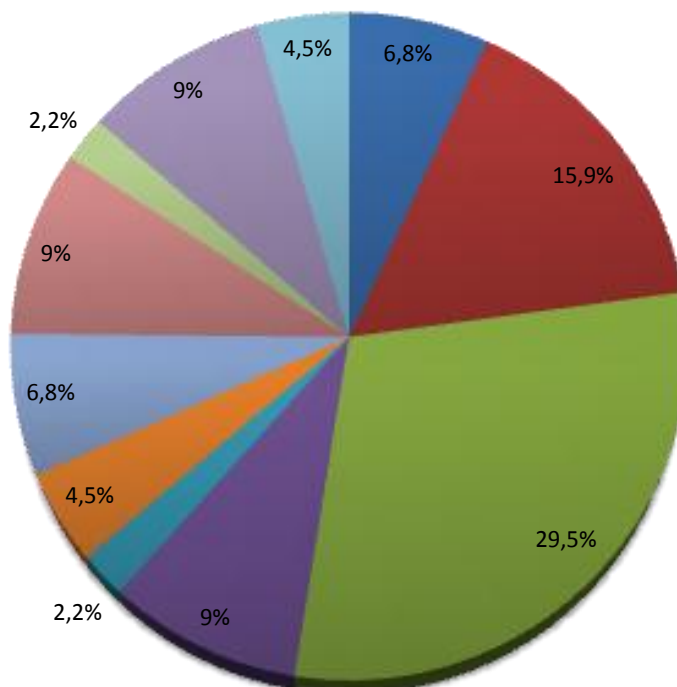
Se 2 vezes, isto equivale a 16,6% dos informantes;

Se 1 vez, isto equivale a 8,3% dos informantes.

**Quadro 1: Índices dos percentuais obtidos na pesquisa em relação aos resultados encontrados**

### Crônica 1: “Meter a língua onde não é chamado”

#### Distribuição de vocábulos desconhecidos - Total 44 ite

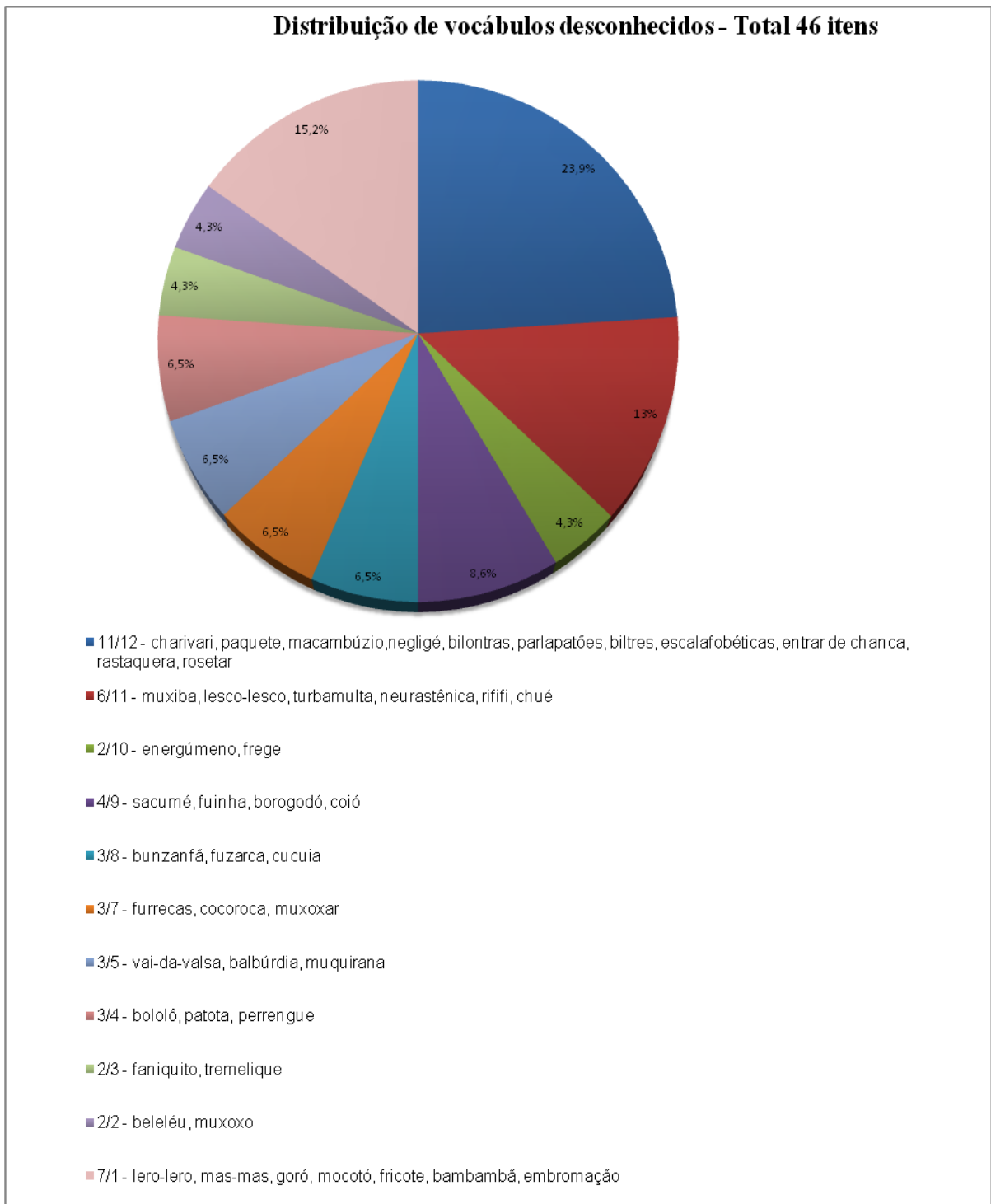


- 3/12 - quizumba, alauza, sarrabulho
- 6/11 - botar (pra)jambar, pinimba, ranheta, batatolina, nonsenses, batuta
- 14/10 - tranchã, devolver (de)chofre, bacurau, chinfra, quedes, papas-finas, ç mequetrefe, galalau, borogodó, macambúzias, carraspana, lambuja, pampari
- 4/9 - escangalhado, catitas, pifão, fazer-se (de) rogado
- 1/7 - espoletas
- 2/6 - mococongo, pimpão
- 3/5 - galocha, chinfrim, songamonga

**Figura 3: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 1**

Este gráfico mostra como o total de vocábulos da crônica foi distribuído em número de desconhecimento por parte dos informantes. O primeiro algarismo representado na legenda indica a quantidade de vocábulos, enquanto que o segundo, após a barra, indica o número de informantes, alinhados do maior para o menor, de 12 a 1, respectivamente, que apontaram o item. Os percentuais, de uma forma geral, indicam o nível de familiaridade dos informantes com os vocábulos. Muitos destes foram vistos pela primeira vez na leitura da crônica, os demais, os menos apontados como desconhecidos, indicam que os informantes já os ouviram antes, tendo um ou outro apenas esquecido seu significado.

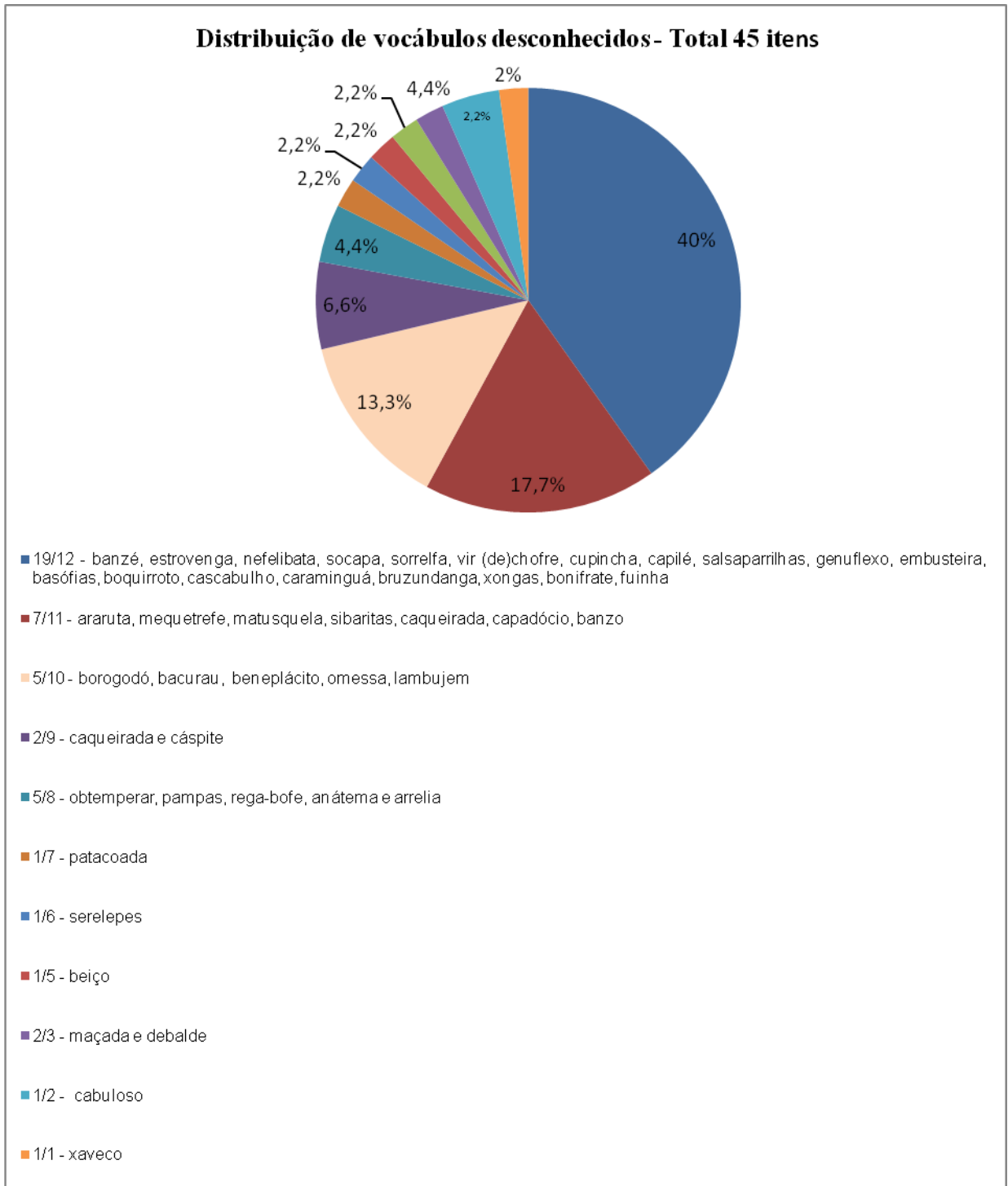
## Crônica 2: “Gosto que me enrosco de botar os bofes para fora”



**Figura 4: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 2**

Na crônica 2, a variação dos itens destacados em relação ao total de informantes foi mais uniforme do que na crônica 1, com exceção do primeiro e último blocos, que apontam os vocábulos menos e mais conhecidos, respectivamente. Os percentuais demonstram um maior nível de familiaridade dos informantes com esses vocábulos, indicando, conseqüentemente, que não houve dificuldade dos informantes para sugerir significados para esses itens, já que os informantes pareciam ter visto muitos desses itens antes.

### Crônica 3: “As palavras emperiquitadas, sirigaitas deliciosas”



**Figura 5: Gráfico – Distribuição de vocábulos desconhecidos na Crônica 3**

Ocorreu nesta crônica uma significativa diferença no primeiro bloco de vocábulos em relação às crônicas 1 e 2. Aqui, um número bem maior de itens, cerca de 70% do total de itens da crônica, foi destacado por quase todos os informantes. Os demais itens estão divididos em 2 grupos menores, apontados como menos desconhecidos. Na crônica 3, os informantes demonstraram maior dificuldade com os significados dos vocábulos do que nas crônicas 1 e 2. Entretanto, apesar de muitos itens serem apontados como desconhecidos, ocorreu significativa sugestão de significados para muitos desses itens.

### Crônica 1: “Meter a língua onde não é chamado”

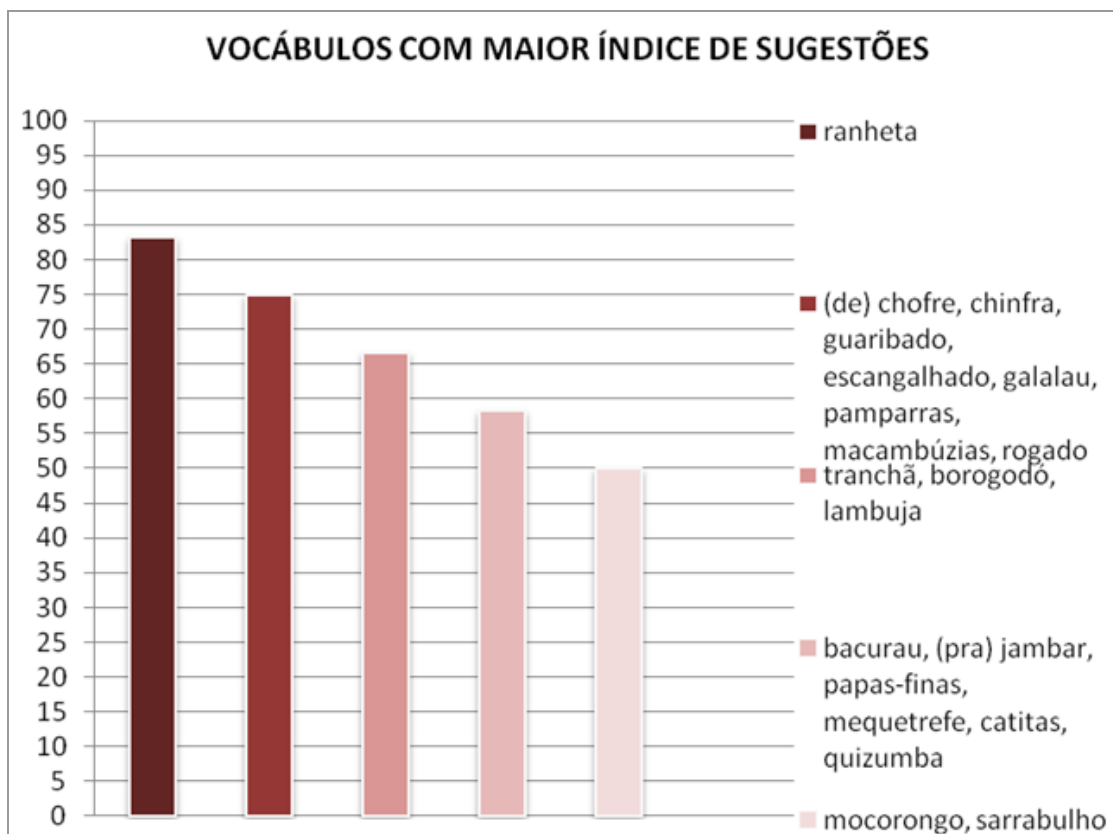


Figura 6: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 1

Os percentuais acima indicam os vocábulos que obtiveram uma maior inferência de significado dentre os 44 itens da crônica. Cerca de 45% do total de itens apontados como desconhecidos na crônica obtiveram inferências de significado entre 55% e 83%.

Os vocábulos apresentados no gráfico, apesar de bastante apontados como desconhecidos, obtiveram grande sugestão de significado porque os itens estão inseridos em contextos propiciadores do resgate do significado.

As estratégias de recuperação utilizadas foram variadas, o que demonstra que não há predominância de uma estratégia que facilite a recuperação de significados. Contudo, o contexto atrelado à experiência de mundo ainda é o fator de maior contribuição para o leitor na hora de inferir um significado para o item tido como desconhecido.



### Crônica 2: “Gosto que me enrosco de botar os bofes para fora”

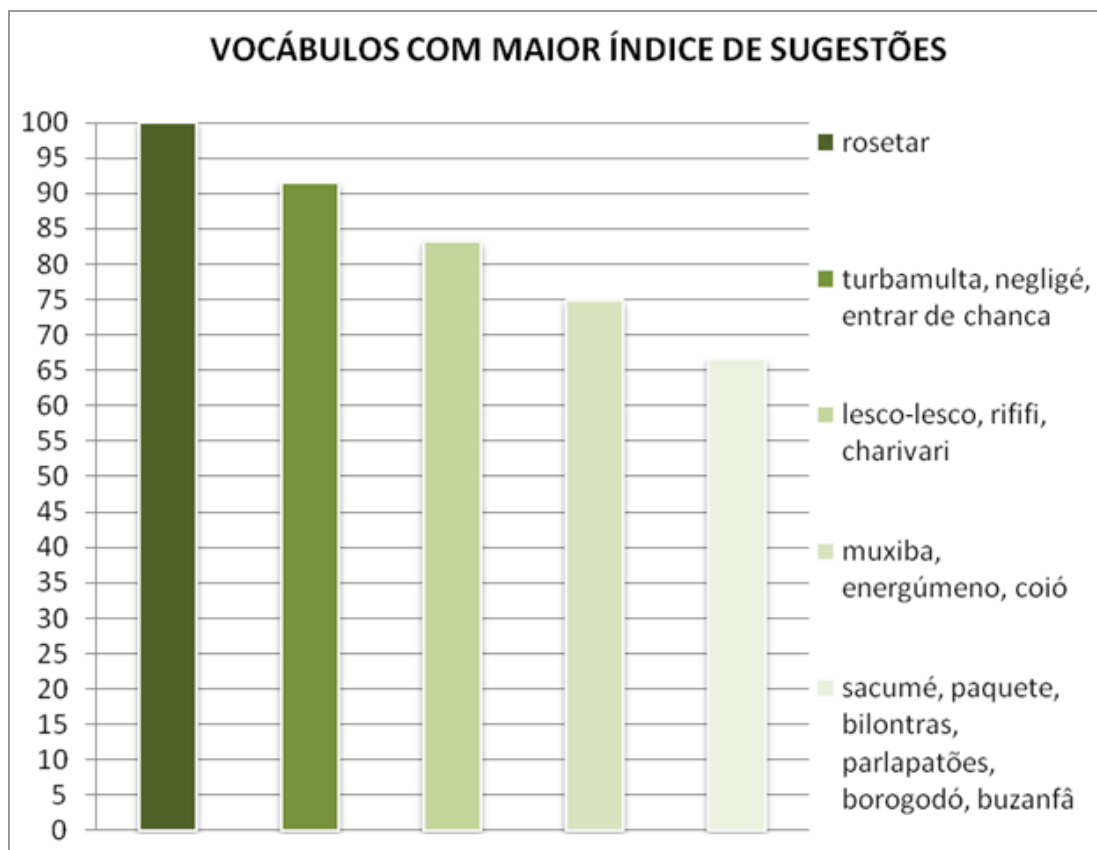


Figura 7: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 2

Os índices de sugestões na crônica 2 foram bem maiores em relação à crônica 1. Os informantes sentiram-se mais à vontade com os vocábulos e puderam sugerir significados com menor dificuldade, apesar de o número de palavras apontadas, dentre os 5 maiores níveis, ser menor do que na crônica 1. Dezesesseis itens, cerca de 35% do total, obtiveram inferências de significado entre 67% e 100%.

Semelhantemente ao ocorrido na crônica 1, os contextos em que estão inseridos os vocábulos da crônica 2 ajudaram os informantes a inferirem significados para tais itens. Outro fator que propiciou as sugestões, ou melhor, o resgate de significados, foi a familiaridade com os vocábulos, pois a grande parte dos informantes demonstraram já ter vistos pelo menos metade dos itens apontados no gráfico.

### Crônica 3: “As palavras emperiquitadas, sirigaitas deliciosas”

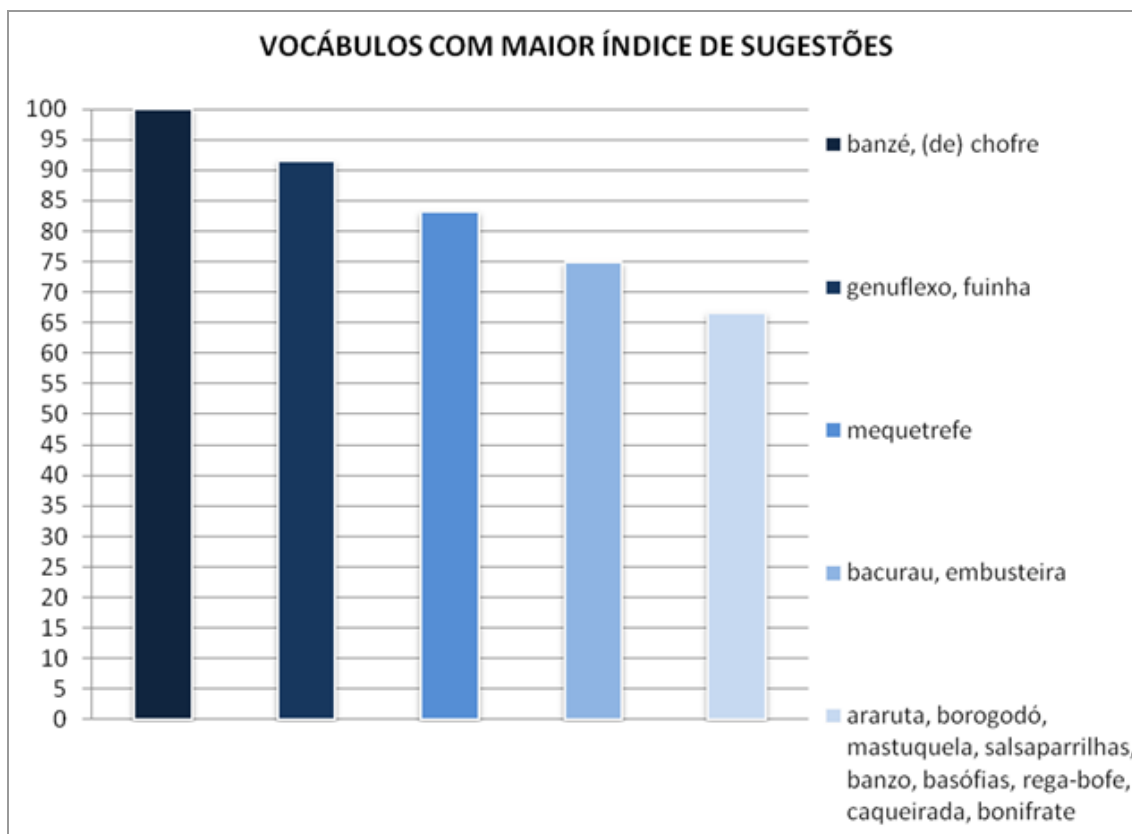


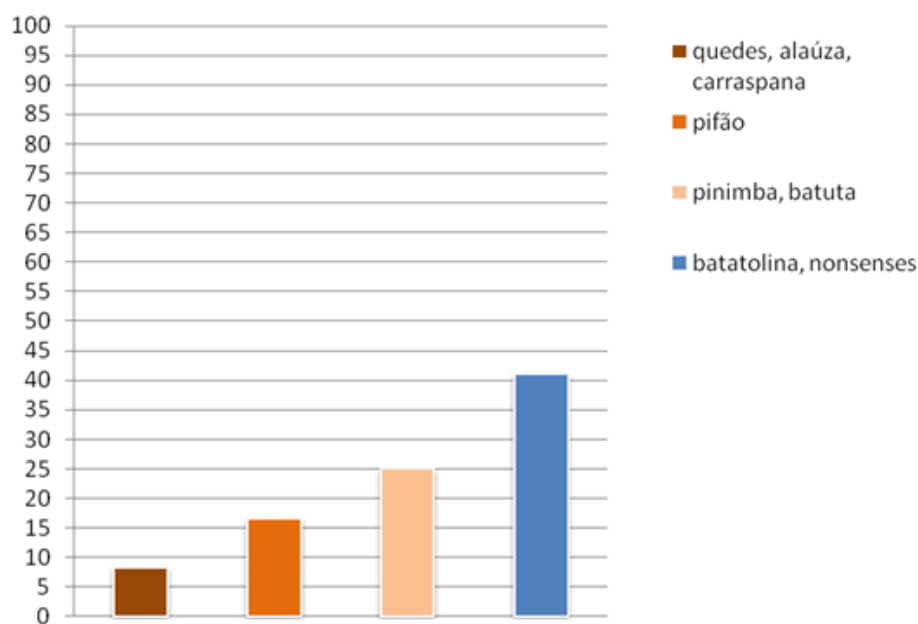
Figura 8: Gráfico – Vocábulos com maior índice de sugestões na Crônica 3

Na crônica 3, o número de vocábulos apontados como desconhecidos foi maior do que nas crônicas 1 e 2. Porém, os níveis de sugestões de significados foram bastante satisfatórios, pelo menos ao que se refere aos itens acima. Como na crônica 2, provavelmente, o que propiciou esse nível alto de sugestões foi o fato de os vocábulos já terem sido vistos antes, bem como o contexto.

Evidencia-se uma repetição de comportamento como a dos leitores da crônica 2. De igual forma, os 5 maiores níveis de sugestão estiveram entre 67% e 100%; um desses níveis alcançando apenas 16 itens de um total de 45. Aqui também não houve predominância de um tipo de estratégia que permitisse maior sugestão de significado.

### Crônica 1: “Meter a língua onde não é chamado”

#### VOCÁBULOS COM MENOR ÍNDICE DE SUGESTÕES

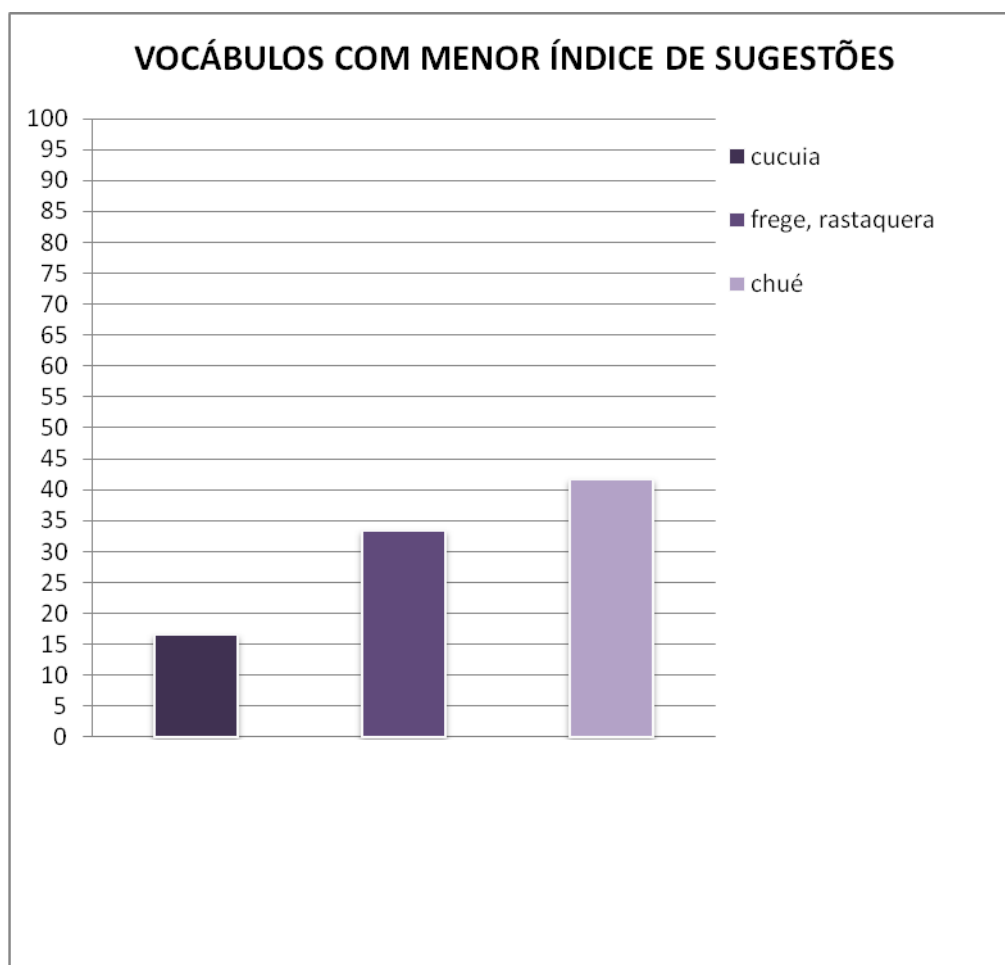


**Figura 9: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 1**

Os vocábulos que obtiveram menor índice de sugestões de significado variaram bastante nas três crônicas. Na crônica 1, os 8 itens acima foram apontados por 75% e 100% dos informantes (entre 9 e 12), e receberam sugestões entre 8%, 16%, 24% e 41%, equivalente a 1, 2, 3 e 4 sugestões, respectivamente.

Como ocorrido nas demais crônicas, a dificuldade para inferir um significado para estes vocábulos ocorreu devido a dois fatores basicamente: a obscuridade do contexto e o fato dos informantes ouvirem aqueles itens pela primeira vez. Entretanto, este comportamento não foi unânime entre todos os informantes que apontaram esses vocábulos, pois alguns, mesmo diante da dificuldade com as palavras, usaram a imaginação para sugerirem um significado.

### Crônica 2: “Gosto que me enrosco de botar os bofes para fora”

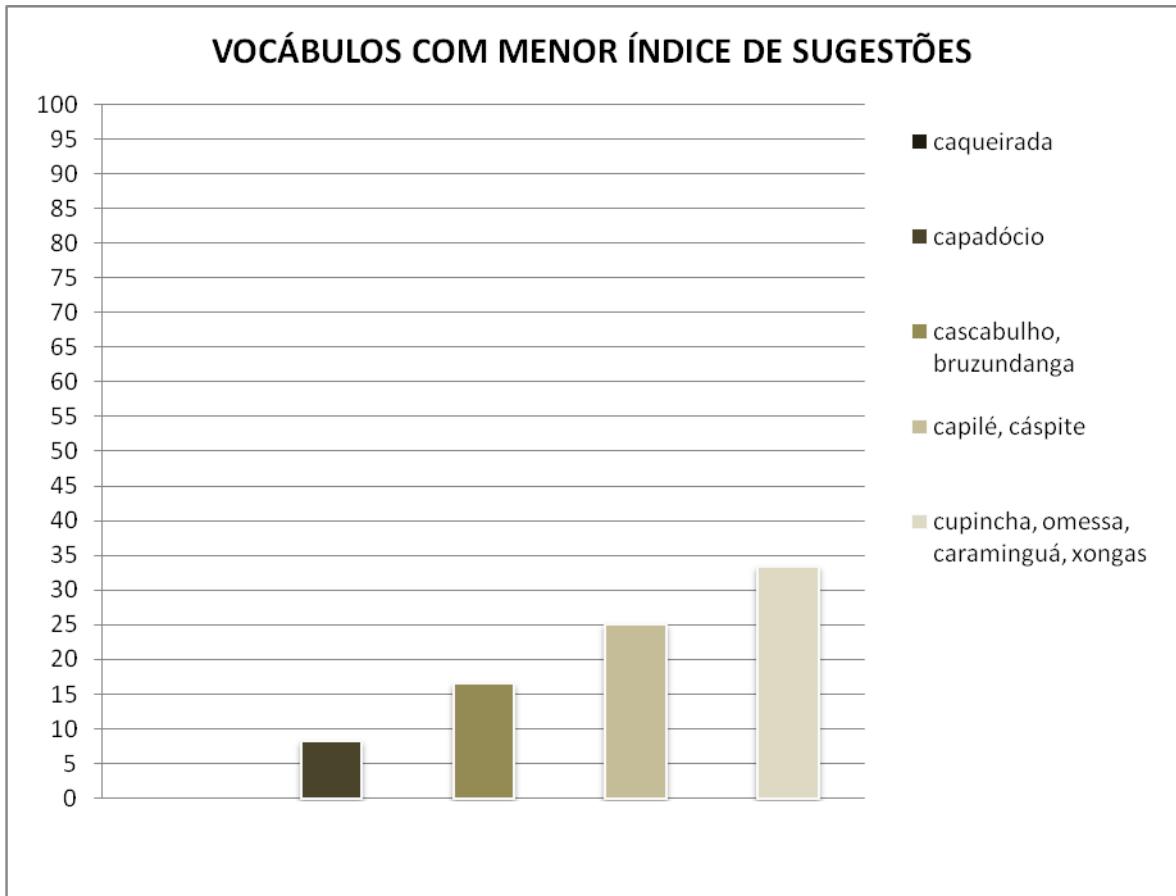


**Figura 10: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 2**

Os índices acima mostram os vocábulos que foram apontados por 67% e 100% dos informantes (8 e 12) e obtiveram os menores índices de sugestões, entre 16%, 33% e 41%. Apenas 4 itens receberam 2, 4 e 5 sugestões, respectivamente.

Nesta crônica, poucos vocábulos receberam baixa sugestão de significados. No geral, os informantes não tiveram muita dificuldade com os vocábulos, comparada às crônicas 1 e 3. O que ocorreu nesta crônica parece ter sido, na verdade, mais dúvida em relação aos vocábulos do que desconhecimento propriamente dito.

**Crônica 3: “As palavras emperiquitadas, sirigaitas deliciosas”**



**Figura 11: Gráfico – Vocábulos com menor índice de sugestões na Crônica 3**

Os índices na Figura 11 mostram os vocábulos apontados por 75% e 100% dos informantes (9 e 12) e que obtiveram os menores números de sugestões, entre 0%, 8%, 16%, 24% e 33%, equivalente a 0, 1, 2, 3 e 4 sugestões.

Em relação às crônicas 1 e 2, houve aqui um maior número de itens com os menores números de sugestões quando comparadas às anteriores, consequência de nesta crônica apresentar maior número de vocábulos destacados como desconhecidos pelos informantes.

Numa análise pormenor dos vocábulos acima, o contexto nos quais eles aparecem é obscuro, ou seja, a dificuldade na sugestão de significado para estes itens aconteceu principalmente porque a estrutura linguística nos quais eles estavam inseridos não remetia a nenhuma lembrança de significado. Dessa forma, os informantes se sentiram incapazes tanto de imaginar quanto de sugerir algum significado para os referidos itens.

## CRÔNICA 1: METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	1 – I. C., 28		2- E.O., 28		3 – M.R., 26	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>tranchã</i>	x	ultrapassada	x	antiquada, sem nexos	x	cafona
02. <i>galocha</i>	x	?	-		-	
03. <i>teteia</i>	x	menina	-		-	
04. <i>baratinha</i>	-		-		-	
05. <i>(devolver) de chofre</i>	-		x	de pronto	x	à altura
06. <i>bacurau</i>	x	besta, boba	x	xingamento	x	feia, ridícula
07. <i>chinfra</i>	x	sarro	x	onda	x	onda
08. <i>(botar) pra jambar</i>	x	?	x	quebrar	x	quebrar, lenhar
09. <i>quedes</i>	x	?	-		x	?
10. <i>papas-finas</i>	x	coisas	x	?	x	linguagem diferente
11. <i>buchos</i>	-		-		-	
12. <i>catiripapo</i>	x	tipo de agressão	-		-	
13. <i>guaribado</i>	x	arrumado	x	?	x	c/ força total
14. <i>mequetrefe</i>	x	canalha	x	?	x	?
15. <i>pinimba</i>	x	mesma linha de mequetrefe	x	?	x	?
16. <i>escangalhado</i>	x	quebrado, arrebitado	x	acabado	-	
17. <i>mocorongo</i>	-		-		-	
18. <i>chinfrim</i>	-		-		x	bacana
19. <i>galalau</i>	x	peessoa grande	x	chato	x	chato
20. <i>morrinha</i>	-		x	chata	-	
21. <i>pamparras</i>	x	música	x	à beça, bastante	x	forma extrovertida
22. <i>bololô</i>	x	embromação, conversa	x	?	-	
23. <i>ranheta</i>	x	filho, menino mal-criado	x	chato	x	menino, moleque
24. <i>espoletas</i>	-		-		-	
25. <i>estabanadas</i>	-		-		-	
26. <i>catitas</i>	-		x	ultrapassadas, do passado	x	desarrumada
27. <i>borogodó</i>	x	parte do corpo da mulher	x	?	x	mixuruca
28. <i>songamonga</i>	-		-		x	egoísta
29. <i>batatolina</i>	-		x	?	x	?
30. <i>pitêus</i>	-		-		-	
31. <i>lambisgoia</i>	-		-		x	?
32. <i>macambúzias</i>	x	largadas	x	esquecidas	x	antigas
33. <i>quizumba</i>	x	?	x	fechada	x	?
34. <i>alaúza</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>jururu</i>	x	?	-		x	fraquinha
36. <i>pimpão</i>	x	mesma linha de preguiçoso	x	?	x	?
37. <i>nonsenses</i>	x	?	x	?	x	difíceis de falar
38. <i>sarrabulho</i>	x	?	x	?	x	lugar estranho
39. <i>pião</i>	x	?	x	?	x	?
40. <i>pestana</i>	x	?	-		-	
41. <i>carraspana</i>	x	?	x	?	x	tirar...
42. <i>batuta</i>	x	?	x	?	x	proveito
43. <i>lambuja</i>	-		x	?	x	antigas, cafonas
44. <i>(fazer-se) de rogado</i>	-		x	importante, metido	x	besta

Quadro 2: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).

## CRÔNICA 1: METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	4 – T.V., 29		5 – N.S., 29		6 – T.M., 28	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>tranchã</i>	x		x	difícil	x	beleza, boa
02. <i>galocha</i>	-		-		x	+ ou -?
03. <i>teteia</i>	-		-		-	
04. <i>baratinha</i>	-		-		-	
05. <i>(devolver) de chofre</i>	x	de volta	x	dar o troco	x	na hora
06. <i>bacurau</i>	x	?	x	coisa ruim, xingamento	x	intrometida
07. <i>chinfra</i>	x	onda	x	sarro, curtição, rir	x	lasquinha
08. <i>(botar) pra jambar</i>	x	quebrar	-		x	arregaçar
09. <i>quedes</i>	x	?	-		x	charme
10. <i>papas-finas</i>	x	outros papos	-		x	palavras bonitas
11. <i>buchos</i>	-		-		-	
12. <i>catiripapo</i>	-		-		-	
13. <i>guaribado</i>	x	atordoado	x	mais novo, transformado	x	preparado
14. <i>mequetrefe</i>	x	ralé	x	desengonçado, lerdo, s/ graça	x	peessoa ruim
15. <i>pinimba</i>	x	?	x	idem de cima	x	?
16. <i>escangalhado</i>	x	bagunçado	x	mais velho, antigo	x	quebrado
17. <i>mocorongo</i>	x	maluco	-		x	velho
18. <i>chinfirim</i>	-		-		x	chato
19. <i>galalau</i>	x	chato	x	conversador, comenta tudo	x	abestalhado, idiota
20. <i>morrinha</i>	-		-		-	
21. <i>pamparras</i>	x	músicas	x	músicas, a maneira, o jeito	x	muito
22. <i>bololô</i>	-		-		x	enrolação
23. <i>ranheta</i>	x	criança	x	menino	x	mexerico, criança
24. <i>espoletas</i>	x	+ ou - ?	x	expressões	x	coisas antigas
25. <i>estabanadas</i>	x	+ ou - ?	-		-	
26. <i>catitas</i>	x	interessantes, carinhosas	x	pequenas	x	sujas
27. <i>borogodó</i>	x	fora de moda, estranho, esquisito	x	mistura, confusão	-	
28. <i>songamonga</i>	x	lerda, tapada	-		x	chata, antipática
29. <i>batatolina</i>	x	supimpa	x	expressão	x	?
30. <i>pitéus</i>	-		-		x	palavras que chamam
31. <i>lambisgoia</i>	-		-		-	
32. <i>macambúzias</i>	x	guardadas, escondidas	x	esquecidas	x	largadas
33. <i>quizumba</i>	x	feitiço	x	que rir, que curte	x	zuada, confusão
34. <i>alaúza</i>	x	?	x	que não usa	x	?
35. <i>jururu</i>	-		-		-	
36. <i>pimpão</i>	-		x	palhaço	-	
37. <i>nonsenses</i>	x	?	x	inocente	x	?
38. <i>sarrabulho</i>	x	?	x	espiga, sabugo de milho	x	passado, palavras antigas
39. <i>pião</i>	x	porrada	x	ligado ao pensamento	x	?
40. <i>pestana</i>	x	tirar um pedaço	-		-	
41. <i>carraspana</i>	x	?	x	pensar muito	x	?
42. <i>batuta</i>	x	?	x	matutar	x	?
43. <i>lambuja</i>	x	de graça	x	das antigas	x	de velho, das antigas
44. <i>(fazer-se) de rogado</i>	x	teimoso	x	desentendido	x	besta

Quadro 3: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B).

## CRÔNICA 1: METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	7 – E.J., 29		8 – M.C., 39		9 – M.V., 31	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>tranchã</i>	x	sem sentido	x	?	x	?
02. <i>galocha</i>	x	+ ou - ?	-		x	objeto
03. <i>teteia</i>	-		x	fofoqueira	-	
04. <i>baratinha</i>	-		-		x	carro pequeno
05. <i>(devolver) de chofre</i>	x	com raiva	x	?	x	prontamente, de imediato
06. <i>bacurau</i>	x	tipo de animal, cobra	x	?	x	?
07. <i>chinfra</i>	x	Onda	x	sarna	x	?
08. <i>(botar) pra jambar</i>	x	?	x	(pra) lá	x	?
09. <i>quedes</i>	x	?	x	?	x	?
10. <i>papas-finas</i>	x	?	x	?	x	homem que usa lábia, conversador
11. <i>buchos</i>	x	gordas, volumosas	-		-	
12. <i>catiripapo</i>	-		-		-	
13. <i>guaribado</i>	x	lembra do espanhol, beleza, bonita	x	mais preparado	-	
14. <i>mequetrefe</i>	x	joão ninguém	x	gente feia, coisa ruim	x	salafário, vagabundo
15. <i>pinimba</i>	x	significado semelhante a mequetrefe	x	?	x	?
16. <i>escangalhado</i>	x	enrolado, quebrado	x	fora do gancho	-	
17. <i>mocorongo</i>	x	velho	x	coisa feia	x	macambúzio, moribundo
18. <i>chinfim</i>	-		x	sem importância	-	
19. <i>galalau</i>	x	pessoa q fala muito	x	gente folgada	x	conversador
20. <i>morrinha</i>	x	lenta	x	parada, não anda	x	lenta
21. <i>pamparras</i>	x	festas	x	músicas	-	
22. <i>bololô</i>	x	dificuldade, complicação	-		-	
23. <i>ranheta</i>	x	pessoa que fala demais, fala besteira	x	filho	x	criança mal-criada
24. <i>espoletas</i>	x	coisa que não se usa mais	-		x	criança agitada
25. <i>estabanadas</i>	-		-		-	
26. <i>catitas</i>	x	cativante, emotiva	x	?	x	?
27. <i>borogodó</i>	x	mistura	x	?	x	rolo, namoro
28. <i>songamonga</i>	-		x	lerda	-	
29. <i>batatolina</i>	x	adjetivo negativo	x	falou certo, falou e aconteceu, é batata!	x	?
30. <i>pitéus</i>	x	+ ou - ?	x	palavras que não se sabe o significado	-	
31. <i>lambisgoia</i>	x	pessoa insignificante	x	coisa nojenta	-	
32. <i>macambúzias</i>	x	absolutas	x	esquecidas	-	
33. <i>quizumba</i>	x	?	x	?	x	?
34. <i>aláza</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>jururu</i>	-		-		-	
36. <i>pimpão</i>	x	alegre	-		x	largo, satisfeito
37. <i>nonsenses</i>	x	cheia de nó, amarrado	x	?	x	sem sentido
38. <i>sarrabulho</i>	x	coisa de comer	x	?	x	algo de comer
39. <i>pião</i>	x	?	x	?	x	?
40. <i>pestana</i>	-		x	?	-	
41. <i>carraspana</i>	x	?	x	?	-	
42. <i>batuta</i>	x	?	x	?	x	esperta, legal
43. <i>lambuja</i>	x	diferente	x	muito falada	x	coisa extra, bônus
44. <i>(fazer-se) de rogado</i>	x	envergonhado	x	sabido, intelectual	-	

Quadro 4: Crônica 1 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C).



## CRÔNICA 1: METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	10 – R.C., 34		11 – N.S., 38		12 – C.R., 36	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>tranchã</i>	x	complicado	x	?	x	?
02. <i>galocha</i>	x	gozação, zombaria	-		-	
03. <i>teteia</i>	-				-	
04. <i>baratinha</i>	-		x	mobilete, moto, fusquinha	-	
05. <i>(devolver) de chofre</i>	x	à altura	-		x	imediatamente
06. <i>bacurau</i>	x	coisa feia, gorda, peixe grande	-		-	
07. <i>chinfra</i>	x	onda	-		-	
08. <i>(botar) pra jambar</i>	x	mexer, rodar	x	quebrar	x	?
09. <i>quedes</i>	x	?	x	?	x	?
10. <i>papas-finas</i>	x	algo pequeno	x	roupas da moda	x	?
11. <i>buchos</i>	-		-		-	
12. <i>catiripapo</i>	-		-		-	
13. <i>guaribado</i>	x	modificado	x	metido	-	
14. <i>mequetrefe</i>	x	+ ou - ?	-		-	
15. <i>pinimba</i>	x	?	x	?	-	
16. <i>escangalhado</i>	x	espatifado, quebrado	x	com defeito	-	
17. <i>mocorongo</i>	-		x	feito	-	
18. <i>chinfim</i>	x	correto, certinho	x	simples	-	
19. <i>galalau</i>	x	mala, idiota	-		-	
20. <i>morrinha</i>	-		-		-	
21. <i>pamparras</i>	x	?	x	festa, evento	-	
22. <i>bololô</i>	-		-		-	
23. <i>ranheta</i>	x	indisciplinado	x	?	-	
24. <i>espoletas</i>	x	?	x	revólver	-	
25. <i>estabanadas</i>	-		x	atrapalhadas	-	
26. <i>catitas</i>	x	pequenina, miudinha	-		-	
27. <i>borogodó</i>	x	variedade, mistura	x	seios	-	
28. <i>songamonga</i>	-		x	desarrumada, feia	-	
29. <i>batatolina</i>	x	?	x	foqueira	x	?
30. <i>pitéus</i>	-		x	+ ou - ?	-	
31. <i>lambisgoia</i>	-		-		-	
32. <i>macambúzias</i>	x	isoladas	x	?	-	
33. <i>quizumba</i>	x	mal-humor	x	mal cheiro	x	+ ou - ? (bagunça)
34. <i>alaúza</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>jururu</i>	-		-		-	
36. <i>pimpão</i>	-		-		-	
37. <i>nonsenses</i>	x	+ ou - ? (inocente)	x	?	-	
38. <i>sarrabulho</i>	x	coisa embolada, atrapalhada	x	?	x	?
39. <i>pião</i>	-		-		-	
40. <i>pestana</i>	-		x	?	-	
41. <i>carraspana</i>	x	?	x	?	-	
42. <i>batuta</i>	x	?	x	?	-	
43. <i>lambuja</i>	x	difíceis, complexas	-		x	?
44. <i>(fazer-se) de rogado</i>	x	besta, inocente	x	mal entendido	-	

Quadro 5: Crônica 1 - Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (D).

## CRÔNICA 2: GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PARA FORA

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	13- I.C., 28		14 – E.O., 28		15 – M.R., 26	
	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>lero-lero</i>	-		-		x	?
02. <i>mas-mas</i>	-		-		x	?
03. <i>muxiba</i>	x	?	x	parecida com mixuruca	-	
04. <i>charivari</i>	x	confusão	x	?	x	banho, conjunto
05. <i>vai-da-vals</i>	-	-	x	à vontade	-	
06. <i>sacumé</i>	x	estilo musical	-		x	?
07. <i>lesco-lesco</i>	x	?	x	sem conversa	-	
08. <i>bololô</i>	-		x	confusão	-	
09. <i>energúmeno</i>	x	idiota	x	imprestável	x	sem utilidade
10. <i>paquete</i>	x	?	x	?	x	distraída
11. <i>turbamulta</i>	x	multidão	x	multidão	-	
12. <i>muxoxar</i>	-		-		-	
13. <i>macambúzio</i>	x	fofocas	x	chateado	x	invocado
14. <i>cocoroça</i>	x	chato	x	abestalhado	-	
15. <i>goró</i>	-		-		-	
16. <i>beleléu</i>	-		-		-	
17. <i>cucuia</i>	-		x	?	-	
18. <i>fuinha</i>	x	?	-		-	
19. <i>mocotó</i>	x	bunda	-		-	
20. <i>négligé</i>	x	vestido	x	tipo de roupa, vestido	x	tipo de roupa
21. <i>bilontras</i>	x	?	x	?	x	bonitos
22. <i>parlapatões</i>	x	?	x	?	x	atraentes
23. <i>biltres</i>	x	?	x	?	x	?
24. <i>neurastênica</i>	x	?	x	doença do sistema nervoso	x	doença neurológica
25. <i>faniquito</i>	-		-		-	
26. <i>fricote</i>	-		-		-	
27. <i>furrecas</i>	x	fracas	-		-	
28. <i>escalafobéticas</i>	x	?	x	?	x	cafonas
29. <i>(entrar) de chanca</i>	x	de vez	x	de gaiata	x	sem ser chamada
30. <i>fuzarca</i>	x	festa	-		-	
31. <i>frege</i>	x	festa	-		x	língua grande
32. <i>borogodó</i>	-		x	?	-	
33. <i>bambambã</i>	x	?	-		-	
34. <i>buzanfã</i>	x	bunda	-		x	bunda grande
35. <i>rififi</i>	x	conversa	x	agonia, confusão	x	confusão
36. <i>patota</i>	x	peessoa	-		-	
37. <i>rastaquera</i>	x	?	x	ruim	x	?
38. <i>tremelique</i>	-		x	estar nervoso	x	?
39. <i>muquirana</i>	-		-		-	
40. <i>embromação</i>	-		-		-	
41. <i>chué</i>	x	ênfase p/ embromação	x	?	-	
42. <i>perrengue</i>	x	amarrado	x	?	x	?
43. <i>rosetar</i>	x	namorar	x	transar	x	curtir
44. <i>balbúrdia</i>	x	confusão	-		-	
45. <i>coió</i>	x	iguinorante	-		-	
46. <i>muxoxo</i>	-		-		-	

Quadro 6: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).

## CRÔNICA 2: GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PARA FORA

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	16 – T.V., 29		17- A.P. A., 29		18 – E.F., 29	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>lero-lero</i>	-		-		-	
02. <i>mas-mas</i>	-		-		-	
03. <i>muxiba</i>	x	fuxico, conversa mole	x	rodeio para falar	x	chato
04. <i>charivari</i>	x	?	x	recurso, costume de palavras	x	confusão
05. <i>vai-da-valsas</i>	-		-		x	conversa + ou – lenta
06. <i>sacumé</i>	x	sabe como é?	x	sabe como é?	x	sabe como é?
07. <i>lesco-lesco</i>	x	conversa mole	x	conversa fiada	x	lero-lero
08. <i>bololô</i>	-		-		x	rolo, pegada, namoro
09. <i>energúmeno</i>	x	mentecápito, sem conhecimento	x	lerdo, abestalhado	x	sem utilidade, não serve
10. <i>paquete</i>	x	paquera	x	um pouco	x	de paquera
11. <i>turbamulta</i>	x	tumulto, confusão	x	público	x	arquibancada
12. <i>muxoxar</i>	-		-		x	cochichar
13. <i>macambúzio</i>	x	?	x	algo ligado a macumba	x	?
14. <i>cocoroca</i>	-		-		x	maluco
15. <i>goró</i>	-		-		x	papo
16. <i>beleléu</i>	-		-		x	besteira
17. <i>cucuia</i>	-		x	coisa longe	x	?
18. <i>fuinha</i>	x	cara feia, de bicho	x	sem valor, xingamento	x	picoinhas
19. <i>mocotó</i>	-		-		-	
20. <i>négligé</i>	x	+ ou - ? tecido	x	vestido	x	vestido
21. <i>bilontras</i>	x	tapados	x	coisa ruim	x	malhados
22. <i>parlapatões</i>	x	imbecis	x	?	x	homens grandes
23. <i>biltres</i>	x	abilolados	x	?	x	bobos
24. <i>neurastênica</i>	x	maluquice, coisa da cabeça	-		x	memória, algo haver com a mente
25. <i>faniquito</i>	-		-		x	?
26. <i>fricote</i>	-		-		-	
27. <i>furrecas</i>	x	+ ou - ?	-		x	fúteis
28. <i>escalafobéticas</i>	x	+ ou - ?	x	desorganizadas	x	sem sentido
29. <i>(entrar) de chanca</i>	x	de primeira	x	errado	x	de intrusa
30. <i>fuzarca</i>	x	+ ou - ?	-		x	papo, conversa
31. <i>frege</i>	x	+ ou - ?	-		x	?
32. <i>borogodó</i>	-		x	coisa gostosa, lugar ruim, coisa confusa	x	+ ou - ? “o ó do borogodó” coisa boa
33. <i>bambambã</i>	-		-		-	
34. <i>buzanfã</i>	-		x	alegria, festa	x	que ótimo, que bom
35. <i>rififi</i>	-		x	briga	x	grupinhos falando
36. <i>patota</i>	-		-		x	pessoas
37. <i>rastaquera</i>	x	comentário na surdina	x	tipo de conversa	x	?
38. <i>tremelique</i>	-		-		-	
39. <i>muquirana</i>	-		-		x	bestas, sem sentido
40. <i>embromação</i>	-		-		x	?
41. <i>chué</i>	x	?	x	vazia	x	?
42. <i>perrengue</i>	-		-		-	
43. <i>rosetar</i>	x	namorar, flertar	x	se esfregar	x	casar, namorar
44. <i>balbúrdia</i>	-		x	besteira	x	bagunça
45. <i>coiô</i>	x	tabaréu, agreste	-		x	besta
46. <i>muxoxo</i>	-		-		-	

Quadro 7: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B).

## CRÔNICA 2: GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PARA FORA

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	19- A.S., 28		20 - D.M., 30		21 - R.O., 29	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. lero-lero	-		-		-	
02. mas-mas	-		-		-	
03. muxiba	x	enrolação chata	x	?	x	sem graça
04. charivari	x	invenção	x	+ ou - ? algo regional	x	palavras antigas
05. vai-da-valsas	-		-		x	conforme a música
06. sacumé	x	sabe como é ?	x	sabe como é?	-	
07. lesco-lesco	x	papas na língua	x	vai e vem	x	sem querer, sem saber de nada
08. bololô	-		-		x	confusão
09. energúmeno	x	pessoa besta	x	coisa sem graça	x	?
10. pacote	x	?	x	paquera	x	?
11. turbamulta	x	pessoa besta	x	galera, grupo	x	pessoas, povo
12. muxoxar	x	dançar	x	se fechar, ficar triste	x	reclamar
13. macambúzio	x	moribundo	x	?	x	retado
14. cocoroca	x	doido, caduco	x	rabugento, chato	-	
15. goró	-		-		-	
16. beleléu	-		-		x	besteira
17. cucuia	-		x	?	x	?
18. fuinha	x	?	x	?	x	fofoca
19. mocotó	-		-		-	
20. négligé	x	vestido, marca de roupa	x	?	x	capa
21. bilontras	x	pilantra	x	mal caráter	x	pilantras
22. parlapatões	x	falastrão	x	trapalhão	x	atrabalhados
23. biltres	x	sanguessuga	x	cafajeste	x	bêbados
24. neurastênica	x	?	x	louca	x	neurótica
25. faniquito	-		-		-	
26. fricote	-		x	fresco	-	
27. furrecas	x	mirabolantes	x	fracas, fuleiras	x	tolas
28. escalafobéticas	x	?	x	escandalosas, exageradas	x	sem regras
29. (entrar) de chanca	x	sem medo, sem receio	x	de primeira	x	de vez
30. fuzarca	-		x	?	x	antiga
31. frege	x	bagunça	x	?	x	?
32. borogodó	x	mulher cheia de formas avantajadas	x	parte do corpo	x	mistura
33. bambambã	-		-		-	
34. buzanfã	x	bunda	x	demais	x	interessante
35. rífifi	x	confusão pequena	x	discussão	x	fofoca
36. patota	x	cabeça	-		x	língua
37. rastaquera	x	?	x	?	x	rasteiro, escondido
38. tremelique	-		-		-	
39. muquirana	-		x	traveco, travesti	x	contrária
40. embromação	-		-		-	
41. chué	x	?	x	?	x	errada
42. perrengue	-		-		x	?
43. rosetar	x	flertar	x	se envolver	x	conversar
44. balbúrdia	-		x	barulheira, barulho	x	agonia, confusão
45. coiô	x	besta	x	otário	x	idiota
46. muxoxo	x	?	-		-	

Quadro 8: Crônica 2 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C).

## CRÔNICA 2: GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PARA FORA

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	22 – C.N., 32		23 – A.F., 31		24 – A. M., 26	
	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado
01. lero-lero	-		-		-	
02. mas-mas	-		-		-	
03. muxiba	x	frívola, sem valor - mesma linha de mixuruca	x	inútil	x	coisa obscena
04. charivari	x	de qualquer coisa que vier pela frente	x	diversidade	x	variedade
05. vai-da-valsas	x	solta, leve	-		x	não se preocupar, ficar à vontade
06. sacumé	x	sabe como é?	-		x	+ ou - tipo de pergunta
07. lesco-lesco	x	sem analisar, sem pensar muito	x	conversa fiada	x	besteira
08. bololó	-		-		x	confusão
09. energúmeno	-		-		x	quem fez besteira, coisa q não é boa
10. paquete	x	nem dá motivo pra isso	x	nem que a vaca tussa, nem com muito esforço	x	algo que se use
11. turbamulta	x	multidão	x	acúmulo de gente, multidão desordenada	x	turma amontoada, multidão
12. muxoxar	x	falar algo ruim	x	?	x	+ ou - (descreve gesto com a boca)
13. macambúzio	x	?	x	?	x	?
14. cocoroca	x	velho chato	x	caduco	-	
15. goró	-		-		-	
16. beleléu	-		-		-	
17. cucuia	x	?	x	?	x	longe, distante
18. fuinha	x	coisa ruim	x	peessoa fonha	-	
19. mocotó	-		-		-	
20. négligé	x	langerie preta	x	saia	x	roupa
21. bilontras	x	s/ vergonha	x	?	x	?
22. parlapatões	x	canalhas	x	o que fala muito	x	?
23. biltres	x	pilantras	x	?	x	?
24. neurastênica	x	?	x	doida, louca, ligado a algo da cabeça	x	?
25. faniquito	-		x	?	x	coisa magra
26. fricote	-		-		-	
27. furrecas	-		x	?	-	
28. escalafobéticas	x	mesma linha estabanadas	x	?	x	atrapalhadas
29. (entrar) de chanca	x	?	x	ímpeto, c/ força, violência	x	com força
30. fuzarca	x	confusão	x	?	x	bagunça
31. frege	x	?	x	?	x	mesmo q fuzuê
32. borogodó	x	+ ou - ? "o ó do borogodó"	x	+ ou - ? "o ó do borogodó"	x	+ ou - ? é usado em muitas coisas
33. bambambã	-		-		-	
34. buzanfã	x	confusão	-		-	
35. rifici	x	conversa, diálogo	x	?	x	conversa crítica
36. patota	-		-		-	
37. rastaquera	x	?	x	?	x	?
38. tremelique	-		x	+ ou - ?	-	
39. muquirana	x	mulher fácil, vadia	x	+ ou - ? bloco de carnaval	-	
40. embromação	-		-		-	
41. chué	x	?	x	otário	x	fraca
42. perrengue	-		-		-	
43. rosetar	x	namorar	x	flertar, paquerar	x	enrabichar, flertar
44. balbúrdia	-		-		-	
45. coió	x	otário, besta	x	frouxo	x	bocó, besta
46. muxoxo	-		x	incômodo, queimação	-	

Quadro 9: Crônica 2 – Itens levantados, vocabúlos e sugestões dos informantes (D).

## CRÔNICA 3: AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	25 - N.S., 29		26 - T.V., 29		27 - T.M., 28	
	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>araruta</i>	x	biruta, maluca	x	?	x	coisa sem importância
02. <i>banzé</i>	x	confusão	x	confusão	x	confusão
03. <i>mequetrefe</i>	-		x	coitado, zé ninguém	x	peessoa ruim
04. <i>estrovenga</i>	x	acanhada	x	?	x	cafajeste
05. <i>borogodó</i>	-		-		x	+ ou - ?
06. <i>matusquela</i>	x	pensando o tempo todo	x	insistência, teimosia	x	costumeira
07. <i>debalde</i>	-		-		-	
08. <i>nefelibata</i>	x	algo fechado	x	?	x	ênfase para item anterior (debalde)
09. <i>socapa</i>	x	solta	x	?	x	ênfase para item anterior (debalde)
10. <i>sorrelfa</i>	x	sozinha	x	?	x	idem, de sobra
11. <i>(vir) de chofre</i>	x	pensamento certo, de pronto	x	de primeira	x	de montão ao pensamento
12. <i>cupincha</i>	x	pequena	x	?	x	?
13. <i>capilé</i>	x	moleque	x	?	x	?
14. <i>cabuloso</i>	x	estranho, feio	-		x	tenebroso
15. <i>bacurau</i>	-		x	ridícula, medonha	x	intrometida
16. <i>serelepes</i>	x	que anda, transita	-		x	alegre
17. <i>salsaparrilhas</i>	x	dançantes	x	gatinha, jeitosinha	x	?
18. <i>genuflexo</i>	x	inocente	x	pensativo	x	inocente
19. <i>embusteira</i>	x	reprimida	x	tonta	x	desengonçada
20. <i>beicho</i>	-		-		x	fim
21. <i>banzo</i>	x	banco, depósito	x	tempo	x	desleixo, falta de interesse
22. <i>basófiás</i>	x	significados	x	?	x	expressões, gírias
23. <i>omessa</i>	-		x	+ ou - ?	x	?
24. <i>anátema</i>	-		x	?	x	alienada, fora de contexto
25. <i>cáspite</i>	-		x	+ ou - ?	x	?
26. <i>rega-bofe</i>	x	trabalho	x	jogo	x	estudo
27. <i>sibaritas</i>	x	palavras	x	palavras	x	palavras
28. <i>obtemperar</i>	x	julgar	x	?	x	argumentar
29. <i>maçada</i>	-		-		x	mancada
30. <i>benelácito</i>	-		x	?	x	?
31. <i>pampas</i>	-		-		x	muito
32. <i>lambujem</i>	x	nas beiradas, sem posição	x	conversa mole	x	?
33. <i>boquiroto</i>	x	boca fechada	x	?	x	coisas feias
34. <i>cascabulho</i>	x	curioso	x	confusão	x	?
35. <i>caraminguá</i>	x	mirrado	x	casa indígena	x	coisa de índio
36. <i>caqueirada 1</i>	x	?	x	?	x	?
37. <i>caqueirada 2</i>	-		x	...e alguma coisa	x	...e pouquinho
38. <i>arrelia</i>	x	saída	x	'não me enche'	x	à vontade, solta
39. <i>bruzundanga</i>	x	linguagem afro: mistura, bagunça	x	?	x	?
40. <i>patacoada</i>	-		x	?	x	?
41. <i>xongas</i>	x	frouxas	x	?	x	coisa de gente besta
42. <i>capadócio</i>	x	proteção	x	?	x	?
43. <i>xaveco</i>	-		-		-	
44. <i>bonifrate</i>	x	representante	x	pessoa bem vestida	x	rapaz, cidadão
45. <i>fuinha</i>	x	crítica	x	preguiçosa	x	mediocre

Quadro 10: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (A).

## CRÔNICA 3: AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	28 – J.O., 27		29 – A.G. 36		30 – L.B., 36	
	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>araruta</i>	-		x	algo simples	x	ave
02. <i>banzé</i>	x	confusão, barraco	x	discussão, fuzuê	x	confusão, encrenca
03. <i>mequetrefe</i>	x	+ ou - ? surpreso	x	+ ou -?	x	fajuto, zé ninguém
04. <i>estrovenga</i>	x	?	x	?	x	estragante
05. <i>borogodó</i>	x	esquisita	x	coisa s/ significado, s/ importância	x	+ ou - ?
06. <i>matusquela</i>	x	centrada em um objeto	x	?	x	matuta
07. <i>debalde</i>	-		-		x	?
08. <i>nefelibata</i>	x	?	x	coisa em vão	x	?
09. <i>socapa</i>	x	?	x	idem -coisa em vão	x	?
10. <i>sorrelfa</i>	x	?	x	Idem -coisa em vão	x	?
11. <i>(vir) de chofre</i>	x	esclarecer	x	ao pensamento	x	a ficha caiu
12. <i>cupincha</i>	x	lembrou de cupim	x	?	x	meninice
13. <i>capilé</i>	x	?	x	?	x	cérebro
14. <i>cabuloso</i>	-		-		-	
15. <i>bacurau</i>	x	ignorante	x	ignorante, s/ conhecimento	-	
16. <i>serelepes</i>	-		x	?	x	s/ nenhum defeito
17. <i>salsaparrilhas</i>	x	peessoas granfinas, chiques	x	?	x	arrumadinhas
18. <i>genuflexo</i>	x	humilde	x	em reflexão	x	mulherengo
19. <i>embusteira</i>	x	cheia, gorda	x	?	x	gorda
20. <i>beíço</i>	-		-		-	
21. <i>banzo</i>	x	ironia	x	?	x	tirar de circulação
22. <i>basófiás</i>	x	besteiras	x	?	x	besteiras, bobagens
23. <i>omessa</i>	x	espanto, nossa!!	x	?	x	espécie de palavras
24. <i>anátema</i>	x	tem na bíblia, + ou - ? mentiroso	x	+ ou - ?	x	chateado com algo
25. <i>cáspite</i>	x	?	x	?	x	idem - chateado com algo
26. <i>rega-bofe</i>	x	bagunça	x	mistura de palavras	x	transação
27. <i>sibaritas</i>	x	simpatia, alegria	x	+ ou -? lembrou de sílabas	x	som
28. <i>obtemperar</i>	-		x	obter	-	
29. <i>maçada</i>	-		-		-	
30. <i>beneplácito</i>	x	costume	x	benefício	-	
31. <i>pampas</i>	x	demais	x	muito	x	em quantidade
32. <i>lambujem</i>	x	bagunça	x	saborear	x	sugestões
33. <i>boquirroto</i>	x	briguento	x	?	x	palavreado, gíria
34. <i>cascabulho</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>caramingá</i>	x	?	x	?	x	?
36. <i>caqueirada 1</i>	x	?	x	?	-	
37. <i>caqueirada 2</i>	-		x	?	x	alguns minutos
38. <i>arrelia</i>	x	agonia	x	?	x	gozação
39. <i>bruzundanga</i>	x	coisa muita, feia, estranha	x	?	x	?
40. <i>patacoada</i>	x	recatada, q fica na dela	x	coisa s/ nexo	x	qualquer coisa
41. <i>xongas</i>	x	algo horrível	x	?	x	idem - qualquer coisa
42. <i>capadócio</i>	x	?	x	?	x	?
43. <i>xaveco</i>	-		-		x	gozação
44. <i>bonifrate</i>	x	meliante, pessoa	x	entendedor do assunto	x	inocente, pode expiatório
45. <i>fuinha</i>	x	ridícula, baixo nível	x	limitado no conhecimento	x	preguiçoso

Quadro 11: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (B).

## CRÔNICA 3: AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	31 – A.L., 36		32– N.S., 38		33 – E.G., 29	
	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado	vocabulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>araruta</i>	x	fruta	x	ave	x	?
02. <i>banzé</i>	x	discussão, bagunça	x	confusão	x	escarcéu, tempestade em copo d'água
03. <i>mequetrefe</i>	x	alguém sem valor	x	algo que não presta	x	coisa quebrada, que não presta mais
04. <i>estrovenga</i>	x	coisa ruim	x	coisa ruim	x	sentido próximo dos itens anteriores
05. <i>borogodó</i>	x	coisa desajeitada	x	besteira, coisa banal	x	Bobagens
06. <i>matusquela</i>	x	repetida	x	?	-	
07. <i>debalde</i>	-		-		x	+ ou - ?
08. <i>nefelibata</i>	x	poesia	x	apelidos	x	?
09. <i>socapa</i>	x	textos que gosta de ler	x	idem - apelidos	x	?
10. <i>sorrelfa</i>	x	idem - textos que gosta de ler	x	idem - apelidos	x	?
11. <i>(vir) de chofre</i>	x	em mente	x	de pensamento	x	ao pensamento, à memória
12. <i>cupincha</i>	x	?	x	?	x	?
13. <i>capilé</i>	x	?	x	?	x	?
14. <i>cabuloso</i>	-		-		-	
15. <i>bacurau</i>	x	dificuldade	x	mulher feia	x	algo parecido com bruaca
16. <i>serelepes</i>	-		-		-	
17. <i>salsaparrilhas</i>	x	?	x	mulher bonita	x	tipo de mulher
18. <i>genuflexo</i>	x	pensativo	x	perplexo	x	perplexo
19. <i>embusteira</i>	x	desarrumada	x	maltratada	x	mulherão, mulher robusta
20. <i>beicho</i>	x	sumiço	x	?	-	
21. <i>banzo</i>	x	mudança da gramática	x	?	x	?
22. <i>basófiás</i>	x	assunto	x	palavras banais	x	?
23. <i>omessa</i>	x	se refere a uma pessoa	-		x	homem essa!
24. <i>anátema</i>	x	?	-		x	expressão de surpresa
25. <i>cáspite</i>	x	palavra italiana, advertência	-		x	+ ou - ?
26. <i>rega-bofe</i>	-		x	fofoca	x	?
27. <i>sibaritas</i>	x	?	x	?	x	?
28. <i>obtemperar</i>	-		x	?	x	?
29. <i>maçada</i>	-		x	vacilo	-	
30. <i>beneplácito</i>	x	nome de alguém	x	?	x	?
31. <i>pampas</i>	x	há tempo	-		x	há tempo
32. <i>lambujem</i>	x	?	-		x	besteira
33. <i>boquirroto</i>	x	?	x	?	x	?
34. <i>cascabulho</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>caraminguá</i>	x	?	x	?	x	?
36. <i>caqueirada 1</i>	x	?	x	?	x	?
37. <i>caqueirada 2</i>	x	e alguns minutos	-		x	e alguns minutos
38. <i>arrelia</i>	x	+ ou - ?	-		x	pessoa tímida, que se afasta
39. <i>bruzundanga</i>	x	?	x	?	x	?
40. <i>patacoada</i>	-		-		-	
41. <i>xongas</i>	x	?	x	?	x	?
42. <i>capadócio</i>	x	?	x	?	x	?
43. <i>xaveco</i>	-		-		-	
44. <i>bonifrate</i>	x	?	x	homem forte	x	?
45. <i>fuinha</i>	x	esquecido, casquinha	x	preconceituoso	x	besta, idiota

Quadro 12: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (C).



## CRÔNICA 3: AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

Joaquim Ferreira dos Santos

Itens lexicais levantados pelos informantes	34 – E.B., 28		35– A.J., 26		36 – I.T., 40	
	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado	vocábulo destacado	Sugestão de significado
01. <i>araruta</i>	x	confusão	x	mesmo sig. de café pequeno	x	?
02. <i>banzé</i>	x	barraco, confusão	x	confusão	x	atrapalhada
03. <i>mequetrefe</i>	x	chilique	x	sem valor, um qualquer	x	insignificante
04. <i>estrovenga</i>	x	?	x	?	x	algo estranho
05. <i>borogodó</i>	x	marco pessoal, estilo	x	de origem africana	x	linguagem popular, coloquial
06. <i>matusqueia</i>	x	?	x	doentia	x	insistente
07. <i>debalde</i>	-		-		x	?
08. <i>nefelibata</i>	x	?	x	?	x	?
09. <i>socapa</i>	x	?	x	?	x	?
10. <i>sorrelfa</i>	x	?	x	?	x	?
11. <i>(vir) de chofre</i>	x	veio ao ocaso, naquele momento	x	de repente, na hora	x	abundância, quantidade
12. <i>cupincha</i>	x	cair em si	x	?	x	?
13. <i>capilé</i>	x	idem - cair em si	x	?	x	?
14. <i>cabuloso</i>	-		-		-	
15. <i>bacurau</i>	x	mesma linha de bruaca	x	seca, fina	x	?
16. <i>serelepes</i>	-		x	?	x	engraçadas
17. <i>salsaparrilhas</i>	x	?	x	moça, rapariga	x	hortaliça
18. <i>genuflexo</i>	x	perplexo	x	?	x	?completamente...
19. <i>embusteira</i>	x	vem de busto	x	?	x	?
20. <i>beíço</i>	-		x	branco	x	beijo, lábios
21. <i>banzo</i>	-		x	peessoa mole	x	sociedade
22. <i>basófiás</i>	x	?	x	besteiras	x	paradigmas
23. <i>omessa</i>	x	?	x	?	x	?
24. <i>anátema</i>	x	+ ou -?	x	?	x	?
25. <i>cáspite</i>	x	surpreso	x	+ ou - ?	x	?
26. <i>rega-bofe</i>	-		-		x	lugar
27. <i>sibaritas</i>	x	?	-		x	?
28. <i>obtemperar</i>	-		x	?	x	discutir, discordar
29. <i>maçada</i>	-		-		x	bobeira
30. <i>benelácito</i>	x	comum	x	?	x	bem-querer
31. <i>pampas</i>	-		x	muito	x	?
32. <i>lambujem</i>	x	?	x	?	x	coisa sem importância
33. <i>boquiroto</i>	x	boquiaberto, pasmo	x	?	x	?
34. <i>cascabulho</i>	x	?	x	?	x	?
35. <i>caraminguá</i>	x	lembra ling. indígena	x	?	x	?
36. <i>caqueirada 1</i>	x	?	x	?	x	?
37. <i>caqueirada 2</i>	x	...lá pras tantas	x	...lá vai porrada	x	...e alguma coisa
38. <i>arrelia</i>	-		x	?	-	
39. <i>bruzundanga</i>	x	?	x	?	x	?
40. <i>patacoada</i>	x	?	-		x	esquisitice
41. <i>xongas</i>	x	?	x	?	x	?
42. <i>capadócio</i>	x	?	-		x	?
43. <i>xaveco</i>	-		-		-	
44. <i>bonifrate</i>	x	rapaz	x	?	x	?
45. <i>fuinha</i>	x	+ ou - ?	x	ignorante	x	mexeriqueiro

Quadro 13: Crônica 3 – Itens levantados, vocábulos e sugestões dos informantes (D).

## 4.1 ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO DE SIGNIFICADO

A partir da apresentação dos gráficos e quadros elucidativos, buscou-se perceber como os leitores fizeram para compreender o significado de um item que lhe parecia desconhecido. Com a observação do comportamento dos informantes diante desses vocábulos, foi possível perceber que Benveniste (1989, p. 70) tem toda razão quando diz:

A língua acaba por revelar, ainda que de maneira incompleta, a relação entre pensamento e fala, a qual é mediada pelas categorias mentais. Tais categorias não seriam contudo inflexíveis, mas parcialmente vulneráveis a fim de estabelecer/realizar o objetivo primordial da linguagem – A SIGNIFICAÇÃO.

Durante dos diálogos e da observação das entrevistas, foi notória a utilização de estratégias por parte do leitor a fim de recuperar ‘o’ ou ‘um’ significado de um item em desuso. Um tipo de comportamento mental era acionado para chegar a uma inferência que desse sentido a um vocábulo apontado como desconhecido.

A partir das informações apresentadas nos gráficos, partiu-se para a análise de como ocorreram as sugestões, ou seja, como e quando os informantes eram capazes de sugerir significados. Conforme foi possível perceber, as sugestões de significado para os itens tido com em desuso pareceram, à primeira vista, aleatórias. Entretanto, essas sugestões não se deram ao acaso. Os informantes se valeram de algumas estratégias de recuperação de significado, que, se não fosse a entrevista pessoal com os leitores-informantes, dificilmente se perceberia com detalhes como se comportaram frente a vocábulos em desuso.

Pelo menos seis tipos de estratégias foram percebidas nesta análise, as quais foram classificadas como: fonética, morfológica, sintática, contextual, intuitiva e conhecimento prévio. Tais estratégias foram observadas e descritas em nível quantitativo a fim de se validar a ocorrência dos fatos.

### 4.1.1 Estratégia fonética

Esse tipo de estratégia pareceu a mais elementar na hora de inferir um significado, pois consiste na associação do som de um vocábulo já conhecido com a formação sonora do item desconhecido. Essa tentativa de recuperação só foi perceptível porque alguns informantes, muitas vezes, pensaram alto, citando ou mencionando involuntariamente um outro item de

sonoridade igual ou semelhante ao item desconhecido, fazendo esse tipo de associação a fim de identificar alguma semelhança entre eles e compreender o significado. Muitos desses leitores-informantes não chegaram a sugerir definitivamente o vocábulo imaginado, pois, para eles, não se tratava do significado real.

Abaixo estão relacionados os vocábulos que se acredita ter seu significado associado a um outro pelo aspecto fonético.

### **Crônica 1:**

*Nonsenses* – associado a ‘inocente’ em duas sugestões das cinco que recebeu.

*Sarrabulho* – associado a ‘sabugo’ de milho; movido sobretudo pelo contexto “caia de boca num...”, que promove a inferência de um tipo de alimento. Possivelmente, o contexto também ajudou para esta sugestão.

### **Crônica 2:**

*Sacumé* – associado a ‘sabe como é’, em seis sugestões das oito que recebeu.

*Lesco-lesco* – associado a ‘lero-lero’.

*Muxoxar* – associado a ‘cochichar’.

*Fuinha* – associado a ‘picuinha’.

*Paquete* - associado a ‘paquera’, em duas sugestões das oito que recebeu.

*Parlapatões* - associado a ‘trapalhão’. Apesar da sugestão ter ocorrido no singular, acredita-se que, provavelmente, o informante fez a ligação com o plural ‘trapalhões’; ou ainda como sugeriu um outro informante, utilizando um sinônimo, ‘atrapalhados’.

*Bilontras* – associado a ‘pilantras’.

*Macambúzio* – algo ligado a ‘macumba’ – linguagem que lembrava algo do gênero. Provavelmente, nesta sugestão, mais de um tipo de estratégia foi utilizado, pelo fato de o informante fazer referência a uma linguagem que lhe lembrava algo ligado à palavra macumba, sendo que tanto a parte fonética quanto morfológica podem ter exercido influência na sugestão.

### **Crônica 3:**

*Bacurau* – associado ao alimento ‘acurau’.

*Genuflexo* – associado a ‘perplexo’, em três sugestões das onze que recebeu.

*Araruta* – associado a ‘fruta’, ‘biruta’, ‘maluca’.

*Cupincha* - associado a ‘cupim’.

*Arrelia* – associado a ‘agonia’.

*Embusteira* – associado a ‘besteira’.

*Basófias* – ‘besteiras/bobagens’; ‘palavras banais’; ‘besteiras’.

#### 4.1.2 Estratégia morfológica

Outra estratégia utilizada pelos informantes foi a fixação na composição morfológica do vocábulo. A fim de inferir o significado desconhecido, alguns informantes se valeram de seu conhecimento de, pelo menos, parte do vocábulo, para chegar a uma compreensão do todo. Assim como palavras são formadas a partir de outras palavras, é fácil depreender também que as palavras podem ser de natureza composta, ou seja, constituídas de mais de um elemento (BASÍLIO, 1999, p. 13). Ao se tomar por base essa ideia, deduz-se que os informantes partiram do conhecimento intuitivo de morfemas, afixos e raízes, para capturar o significado de alguns itens.

Os morfemas destacados dos itens abaixo indicam que parte dos vocábulos era conhecida dos leitores, com exceção do item *parlapatões* que se acredita ter sofrido outro tipo de influência além da estratégica morfológica.

##### Crônica 1:

*Songamonga* (songa + monga) – Neste vocábulo, por exemplo, dois informantes se utilizaram do morfema *monga* para sugerir ‘lerda/tapada’; ‘lerda’ como significado do item.

*Batatolina* – ‘falou certo...é batata!’ – *batat* + sufixo *ina* (sufixo indicador de naturalidade, origem).

##### Crônica 2:

*Neurastênica*: *neura* + *stênica* – ‘doença do sistema nervoso’; ‘doença neurológica’; ‘louca’; ‘neurótica’; ‘maluquice/coisa da cabeça’; ‘memória/algo haver com a mente’; ‘doida, louca, ligado a algo da cabeça’. Um alto índice de informantes aplicou este tipo de estratégia neste vocábulo. O significado sugerido, neste caso, teve influência direta do radical *neura* – relativo a estado mental.

*Parlapatões*: parla + pa + tões - *parla* ('falar' - italiano) + sufixo *tões* (indicador de intensidade, aumentativo). Apenas um informante fez a análise morfológica para este item, sugerindo um significado – 'o que fala muito'.

### **Crônica 3:**

*Embusteira*: em + bust + eira – 'cheia/gorda'; 'gorda'; 'mulherão/mulher robusta'; 'vem de busto'. Duas partes desse vocábulo serviram de influência para os informantes – o radical 'bust' (entendido como busto) e o sufixo 'eira' (indicação de indivíduos que exercem alguma atividade sistemática em relação ao objeto concreto); essa composição serviu de base para a formação da palavra. Todas as sugestões dadas remetem à significação básica dos morfemas.

*Omessa* – 'homem essa'. Também aqui mais de uma estratégia foi utilizada, a junção da estratégia fonética com a morfológica. Somente um informante conseguiu observar a composição do vocábulo por aglutinação, mesmo sem ter consciência do processo.

*Beneplácito* – bene + plácito - 'benefício'; 'bem-querer'. O prefixo *bene* levou à inferência desses significados, também iniciados pelo mesmo prefixo.

*Capadócio* – capa + dócio - 'proteção'. Provavelmente o morfema *capa* sugeriu ao informante a ideia de proteção.

### **4.1.3 Estratégia sintática**

A partir do conhecimento das relações sintagmáticas entre os vocábulos, na semântica lexical, notou-se o uso desse mecanismo em uma das estratégias de recuperação do significado. A estratégia sintática abarca uma estrutura que vai além da unidade lexical, pois a apreensão do significado foi diretamente relacionada a toda sentença. Além do conhecimento linguístico, é claro que a cultura na qual o indivíduo está inserido foi também importante para a inferência.

O contexto com estrutura sintática pré-conhecida, como no caso dos verbos e seus complementos, por exemplo, serviu de pista para que o leitor inferisse um significado para o termo tido como desconhecido.

### Crônica 1:

No trecho: “...pelo *desgramado que charlava numa baratinha*”, mesmo sem ter visto antes a palavra “baratinha”, todos os leitores conseguiram apreender o significado para o termo amparados pela estrutura ‘charlava numa...’.

“...*Tirando uma chinfra*” – ‘tirando uma onda’ obteve 5 sugestões das 9 que recebeu; as demais também seguiram essa linha: ‘tirando um sarro’ (2 vezes); ‘tirando uma lasquinha’(1 vez); ‘tirando uma sarna (1 vez)’.

“...*Botavam pra jambar*” – de igual forma, a estrutura *botavam pra* desencadeou outras formas já conhecidas, aparecendo: ‘botavam pra quebrar’ (4 vezes); ‘botavam pra arregaçar’; ‘botavam pra lá’ e ‘botavam pra mexer, rodar’.

“...*Eu devolvia de chofre*” – houve seis sugestões para esta estrutura; três seguiram o mesmo padrão da sentença: ‘devolvia de pronto’; ‘devolvia de volta’, ‘devolvia de imediato, prontamente,’. As demais seguiram o mesmo valor semântico: ‘devolvia à altura’; ‘devolvia na hora’; ‘devolvia imediatamente’.

“...*Reclamar do galalau que senta na sua frente...*” – nessa estrutura, o verbo reclamar pede complemento de valor semanticamente negativo. Este complemento ainda reforçado pela sentença posterior – “que senta na sua frente no cinema” – fez com que todos os leitores indicassem um significado de valor pejorativo para o termo *galalau*: ‘pessoa grande’; ‘chato’ (3 vezes); ‘conversador’ (2 vezes); ‘abestalhado’; ‘gente folgada’; ‘mala’.

### Crônica 2:

Um fato curioso se deu em relação a um dos itens apontados como desconhecido nessa crônica. O termo *negligé* foi apontado por 100% dos informantes, e cerca de 92% deles foram capazes de sugerir um significado, sem perceber se tratar de uma palavra estrangeira. Provavelmente a estrutura “vestida de...” tenha movido os informantes a destacarem o termo.

“...*Vestida de negligé preto*” – apesar do caráter um tanto quanto óbvio com referência à peça de roupa, as sugestões para “negligé” foram variadas, sem caber, contudo, com precisão sintática e semântica na estrutura: ‘vestido’; ‘tipo de roupa’; ‘tecido’; ‘capa’; ‘langerie’; ‘saia’.

“...*Entram de chanca*” – Também aqui se nota o suporte do verbo no momento de inferir um significado, sendo a estrutura com a preposição ‘de’ 4 vezes utilizada: ‘entram de vez’; ‘entram de gaiata’; ‘entram de primeira’; ‘entram de intrusa’, para 2 vezes de ‘sem’:

‘entram sem ser chamada’; ‘entram sem medo’, e 1 vez ‘com’: ‘entram com força’. Todas as sugestões seguem o mesmo raciocínio sintático-semântico.

Aconteceu também de não só o verbo possibilitar a inferência de um sentido, mas uma outra estrutura, também pré-conhecida, ajudar na sugestão do significado, como foi o caso do trecho “*deixa de trololó, sua bacurau*”. Mesmo sem ter ouvido antes a palavra “bacurau”, todos os leitores que sugeriram um significado se referiram ao termo como um xingamento, uma coisa ruim. Isso se deu provavelmente pelo amparo do pronome *sua*, além do reforço semântico da expressão anterior “*deixa de trololó*”.

### **Crônica 3:**

Ainda amparado pelo contexto de uma estrutura sintática pré-conhecida, o verbo foi um dos principais elementos, senão o principal, para o leitor realizar a inferência de um significado. Foi assim com o termo “*banzê*” e “*de chofre*”, apontados por 100% dos leitores, bem como obtendo 100% de sugestão.

“*Não vamos armar um banzê...*” – como nos demais casos, a estrutura verbal permitiu a inferência de um complemento já conhecido: ‘armar uma confusão’ (7 vezes); ‘armar um barraco’ (2 vezes); ‘armar uma discussão’ (2 vezes); ‘armar um escarcéu’; ‘armar uma atrapalhada’. Aqui, além da estrutura sintática, há o domínio da estrutura da expressão idiomática.

“*Foi aí que me veio de chofre*” – de modo semelhante ao ocorrido com esse item na crônica 1, os informantes aqui seguiram a mesma estratégia: ‘...me veio de pronto’; ‘...me veio de primeira’; ‘...me veio em mente’; ‘...me veio ao pensamento’; ‘...me veio de repente’.

Mesmo aqueles leitores que não utilizaram a mesma estrutura da sentença original para responder, disseram algo na mesma linha de raciocínio semântico, ainda facilitada pelo conhecimento da estrutura verbal que permitia um ou outro complemento, com essa ou aquela preposição.

O termo *caqueirada* foi citado 2 vezes na mesma crônica em contextos diferentes. Apontado por praticamente 100% dos leitores, no primeiro contexto “...apêndice do caqueirada”, nenhum dos leitores não foi capaz de sugerir um significado, enquanto no segundo contexto - “Dez e caqueirada” – a expressão fora apontada 9 vezes, tendo recebido 8 sugestões: ‘Dez e alguns minutos’ (3 vezes); ‘Dez e alguma coisa’ (2 vezes); ‘Dez e pouquinho’; ‘e lá vai porrada’; ‘lá pras tantas’. O termo caqueirada do segundo contexto pode ser interpretado graças à estrutura “Dez e...”, que remete à lembrança de horário, sendo o complemento de tempo impreciso.

#### 4.1.4 Conhecimento prévio

Muitas palavras são ouvidas, porém não armazenadas. Um dos fatores que leva o indivíduo a registrar na memória determinado vocábulo é a relação com seus interesses na vida. Isso foi perceptível em pelo menos 3 episódios, nos informantes 23, 27 e 35.

Durante os diálogos com os informantes, enquanto estes eram entrevistados, percebeu-se que sua formação cultural e individual também exerceu grande influência na hora de sugerir um significado. Para alguns, isso determinou o tipo de estratégia utilizada para apreender um sentido; como foi o caso, por exemplo, do informante 23, na crônica 2. Este leitor utilizou seu conhecimento prévio de uma palavra em língua estrangeira, ‘*parla*’ = falar, em italiano, associada a um sufixo em português, “ões” – indicador de intensidade, aumentativo, para compreender o vocábulo *parlapatões*. O interesse especial desse leitor por línguas estrangeiras ajudou-o a fazer uma inferência acerca do item – ‘o que fala muito’, pois associou os morfemas da palavra a fim de obter o significado. Aqui foi utilizada mais de uma estratégia, a do conhecimento prévio particular e a morfológica.

Este leitor foi o único a utilizar a estratégia do conhecimento prévio porque era também o único conhecedor desse fato, apesar de um outro leitor (19) ter sugerido um significado semelhante – ‘falastrão’, mas sem indicar a utilização dessa estratégia.

O informante 35 chamou atenção pela resposta mais segura dada para um vocábulo apontado como desconhecido pela maioria dos entrevistados, os quais deram sugestões bem distintas uma das outras. Esperava-se que este informante, inclusive de nível escolar menos avançado que os demais entrevistados, também não conhecesse o vocábulo “banzo”, como os outros participantes. Apenas a sugestão dele ‘pessoa mole’ e de um outro informante (27) ‘falta de interesse/desleixo’ condiz com o significado real da palavra.

Interessante notar, nestes informantes, a característica pessoal de traço lento, desinteressado, apático, de maior intensidade no informante 35, justamente como ele sugeriu para o item apontado. O informante 27, que também alcançou o significado real, possui traços semelhantes, porém não tão intensos quanto os do primeiro. Na verdade, esses dois leitores não apontaram na primeira leitura o item em questão, apenas quando indagados responderam com segurança, diferente dos outros 10 informantes desconhecedores do vocábulo.

Um terceiro informante também chamou atenção pelo comportamento frente a um item desconhecido. O vocábulo *salsaparrilhas* apontado por 100% dos informantes obteve, em



maior parte, sugestões por meio da estratégia contextual, com exceção do informante 36, único a responder tratar-se de uma ‘hortaliça’. O conhecimento prévio desse informante fez com que sugerisse um significado bem diferente dos demais entrevistados.

Esses três episódios demonstram a relevância dos interesses pessoais e dos conhecimentos prévios que cada um possui ao armazenar informações e correlaciona-las em suas leituras.

#### 4.1.5 Estratégia contextual

Este tipo de estratégia foi provavelmente a mais utilizada nas três crônicas, pois o fato de o mecanismo utilizado para a entrevista tratar-se de um texto escrito permitiu a recorrência à fonte sempre que o informante achava necessário.

Geralmente, o contexto propicia ao leitor a inferência de um significado quando diante de um item lexical desconhecido, sobretudo se este item é um adjetivo. O fato desta classe ter a função de caracterizar um item possibilitou à imaginação dos informantes trabalhar mais facilmente do que diante da classe dos substantivos, por exemplo, por ter a função de nomear. Foi este o caso de alguns vocábulos apontados nas três crônicas da pesquisa, e mais de 80% desses vocábulos obtiveram sugestões de significado.

##### **Crônica 1:**

*Tranchã* (“...a língua que se falava antigamente era tranchã”) – o contexto propicia a sugestão de um adjetivo qualquer para o item em desuso. Dos informantes que apontaram este vocábulo, 80% sugeriram um significado. Oito adjetivos diferentes foram sugeridos, sendo 3 deles no mesmo campo semântico: ‘ultrapassada’; ‘antiquada’; ‘cafona’; as demais sugestões foram: ‘esquisita’; ‘difícil’; ‘sem sentido’; ‘complicado’; ‘beleza/boa’.

Percebeu-se que as palavras em volta desse item, apontado como desconhecido, exerceram influência para os informantes na hora de inferirem um significado. A expressão “*nem todos entendem*” propiciou a sugestão ‘difícil, sem sentido e complicado’ e “*que se falava antigamente*” propiciou a sugestão de ‘ultrapassada, antiquada e cafona’.

Outros itens sofreram esta mesma influência, como foi o caso de “*escangalhado*”, que por causa da sentença posterior ao aparecimento do vocábulo – “nada escangalha mais, no máximo não funciona” –, os informantes foram capazes de sugerir algo. A princípio não

houve uma sugestão pronta, apenas quando, mais adiante, se depararam com a reiteração do termo *escangalha*, junto ao restante da sentença. Dos leitores que apontaram o item, 100% inferiram uma sugestão dentro de uma mesma esfera semântica, conforme se evidencia no quadro elucidativo: ‘quebrado’ (2 vezes); ‘acabado’; ‘bagunçado’; ‘mais velho’; ‘enrolado’; ‘fora do gancho’; ‘espatifado’; ‘com defeito’.

*Ranheta* – amparados pelo contexto onde aparece a palavra (“As mães costumavam passar sabão na língua do ranheta...”), os informantes sugeriram para este item os seguintes vocábulos: ‘filho/menino mal-criado’; ‘menino/moleque’; ‘criança’ (2 vezes); ‘menino’; ‘filho’; ‘criança mal-criada’; ‘indisciplinado’; ‘pessoa que fala demais’; ‘chato’. Como se pôde perceber, com exceção desses dois últimos termos, todos os demais estão dentro de um mesmo campo semântico – de criança.

*Catitas* – também aqui um vocábulo próximo ao item em questão exerceu influência em 4 sugestões das 7 recebidas, mesmo sem ser de forma geral. O diminutivo “palavrinhas” induziu a inferência de: ‘pequenas’; ‘pequenina/miudinha’, além de ‘cativante/emotiva’; ‘interessantes/carinhosa’, devido a uma das ideias expressas pelo diminutivo, além de coisa pequena, ser a associação de carinho.

*Macambúzias* – de todas as sugestões recebidas, esse item sofreu influência de pelo menos dois vocábulos no contexto a sua volta: “passado” e “abandonadas”, tendo como resultado dessa inferência as seguintes sugestões: ‘largadas’ (2 vezes); ‘esquecidas’ (3 vezes); ‘antigas’; ‘absolutas’; ‘guardadas’; ‘isoladas’.

*Batatolina* – houve uma inferência sugestiva deste item como “fofoqueira”, estímulo dado provavelmente pela sentença posterior: “*Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!*”.

### **Crônica 2:**

*Turbamulta* – aqui, dois vocábulos do contexto foram decisivos para a inferência do significado, sempre com referência ao acúmulo de pessoas, o verbo “grite” e a expressão *pula-pula*, tendo como sugestão mais citada a palavra ‘multidão’ (5 das 11 recebidas). Apenas 1 sugestão não fez referência ao acúmulo de pessoas – ‘pessoa besta’.

*Muxiba* – as sugestões dadas para esse item tiveram forte influência da onomatopeia anterior, *nenhenhén*, e do vocábulo posterior, “mixuruca”. As sugestões apresentadas foram: ‘frívola’; ‘sem valor’; ‘rodeio para falar’; ‘enrolação chata’; ‘sem graça’; ‘inútil’; além de uma citação indireta: ‘parecida com mixuruca’.

*Frege* – todas as 4 sugestões recebidas tiveram influência dos outros itens ao redor do vocábulo: “*vamos pois meter de novo a língua de fuzarca, frege ou fuzuê*”, como foi o caso da

sugestão ‘língua grande’ devido à influência de “meter de novo a língua” e as outras três sugestões: ‘mesmo que fuzuê’; ‘bagunça’; ‘festa’ tiveram a influência de fuzarca e fuzuê”.

*Coió* – todas as sugestões que esse item recebeu fizeram referência ao item anterior *pamonha*; além disso, a reiteração “mesmo” reforçou a inferência para sugerirem: ‘idiota’; ‘otário’; ‘frouxo’; ‘bocó’; ‘besta’; ‘ignorante’; ‘tabaréu’.

### **Crônica 3**

*Estrovenga* – apesar de apontado por 100% dos informantes, apenas cerca de 50% deles sugeriram um significado para o item. O termo ‘salafrário’ exerceu influência em algumas sugestões, como: ‘cafajeste’; ‘coisa ruim’ (2 vezes).

*Matusquela* – das 8 sugestões que recebeu, 7 fizeram referência direta ao item anterior *obsessão*, sendo as sugestões de significado: ‘doentia’; ‘insistente’; ‘insistência’; ‘pensando o tempo todo’; ‘costumeira’; ‘repetida’; ‘centrada em um objeto’.

*Bacurau* – pelo menos metade das inferências de significado sugerido pegaram gancho em *bruaca*: ‘ridícula’; ‘mulher feia’; ‘algo parecido com bruaca’; ‘mesma linha de bruaca’. Provavelmente a conjunção “ou”, que intercala os 2 termos, *bruaca* ou *bacurau*, tenha confundido o informante, que não pôde precisar se os 2 vocábulos se incluíam ou excluíam um ao outro.

*Salsaparrilhas* – das 8 sugestões, 5 sofreram influência da expressão “emperiquitadas na medida”, prevalecendo a ideia do feminino aliado, às vezes, à vaidade: ‘moça’; ‘gatinha/jeitosinha’; ‘pessoas granfinas/chiques’; ‘arrumadinhas’; ‘mulher bonita’; ‘tipo de mulher’; ‘moça/rapariga’.

*Lambujem* – este termo sofreu influência do item posterior a ele, ‘*balela*’, surgindo assim: ‘besteira’; ‘coisa sem importância’; ‘conversa mole’.

*Bruzundanga* – ‘linguagem afro: mistura/bagunça’. De forma semelhante ao ocorrido com macambúzio, este item foi associado a outros vocábulos, pela fonética, que lembravam a linguagem afro. A sugestão, porém, pode ter sido também movida pelo conhecimento de mundo.

Notou-se, durante a análise desta estratégia, a existência de um *paralelismo de compreensão*, em que muitos dos vocábulos apontados como desconhecidos, quando emparelhados em sequência, ou seja, citados um após outro, apenas separados por vírgula, têm seu significado tomado de um por outro, seja anterior ou posterior ao item em questão.

Essa relação entre os termos pode ser explicada pela teoria holística que defende a ideia de que os elementos tendem a interagir num determinado espaço. Dentro da perspectiva linguística, isso significa dizer que o significado de uma palavra é fundamentalmente relacional, ou seja, é uma questão de relações com outras palavras na língua, como acredita Cruse (1986).

#### **4.1.6 Estratégia intuitiva**

Conforme se nota na análise dos dados coletados, os itens amparados por um contexto mais claro obtiveram um maior número de sugestões, e, em média, na mesma linha de raciocínio, ou seja, os informantes sugeriram palavras de uma mesma esfera semântica. Os itens que apareceram em um contexto mais subjetivo ou que exigiram outros tipos de conhecimentos armazenados pelos leitores obtiveram sugestões bem diferentes, gerando polissemia.

Outros vocábulos bastantes destacados pelos informantes, inseridos em um contexto mais complexo, não tiveram sugestões tão lineares como os demais vocábulos apresentados anteriormente na estratégia contextual, que, aparentemente, pareceu mais propícia a uma apreensão de sentido. Os vocábulos mais apontados como desconhecidos apresentaram, conseqüentemente, uma maior dificuldade de inferência de significado, porém, ainda assim, houve sugestões. Estes vocábulos, na sua maioria, geraram polissemia, pois o fator mais preponderante para a sugestão do significado foi mesmo a intuição. Esta estratégia foi a única a permitir ao informante ampla possibilidade na inferência de um significado, por isso as sugestões dadas partiram de inferências bastante particulares dos informantes, sendo difícil determinar uma estratégia utilizada, bem como o porquê da escolha da sugestão dada, já que a experiência de mundo individual permite uma visão de significado diferente para cada indivíduo. Sendo assim, cabe dizer que a estratégia utilizada foi a própria intuição de cada um.

Conforme é possível comprovar no quadro elucidativo, os itens relacionados mais abaixo geraram um número maior de polissemia do que outros. Isto aconteceu devido o contexto permitir uma apreensão de significado em pelo menos duas das quatro dimensões: flexível e perspectivista, conforme acredita Silva (2006). Este fato está, também, de acordo com a teoria de Lakoff e Johnson (1987), a qual considera o experiencialismo bastante relevante porque preserva uma questão subjetivista importante acerca do sentido:

[...] a consciência de que o sentido é sempre sentido *para* uma pessoa. O que tem sentido para mim é uma questão do que é importante para mim. E o que é importante para mim não dependerá somente de meu conhecimento racional, mas também de minhas experiências passadas, de meus valores, de meus sentimentos *insights* intuitivos. O sentido não é pré-determinado; é uma questão de imaginação e uma questão de coerência construtiva. O sentido não é pré-determinado; é uma questão de imaginação e uma questão de coerência construtivista (LAKOFF e JOHNSON, 1987, p. 345).

### **Crônica 1:**

*Espoletas* – 5 sugestões diferentes para as 5 recebidas: ‘expressões’; ‘coisas antigas’; ‘coisa que não se usa mais’; ‘criança agitada’; ‘revólver’.

*Lambuja* – 6 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘antigas/cafonas’; ‘de graça’; ‘diferente’; ‘muita falada’; ‘coisa extra/bônus’; ‘díficeis/complexas’.

*Rogado* – 7 sugestões diferentes para as 9 recebidas: ‘importante/metido’; ‘besta’; ‘teimoso’; ‘desentendido’; ‘envergonhado’; ‘sabido/intelectual’; ‘mal entendido’.

### **Crônica 2:**

*Charivari* – 8 sugestões diferentes para as 10 recebidas: ‘confusão’; ‘banho/conjunto’; ‘invenção’; ‘algo regional’; ‘palavras antigas’; ‘recurso/costume de palavras’; ‘de qualquer coisa que vier pela frente’; ‘diversidade’.

*Fuinha* – 6 sugestões diferentes para as 6 recebidas: ‘fofoca’; ‘cara feia, de bicho’; ‘sem valor/xingamento’; ‘picoinhas’; ‘coisa ruim’; ‘pessoa fonha’.

*Bilontras* – 7 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘bonitos’; ‘pilantra’; ‘mal caráter’; ‘tapados’; ‘coisa ruim’; ‘malhados’; ‘sem vergonha’.

*Biltres* – 6 sugestões diferentes para as 6 recebidas: ‘sanguessuga’; ‘cafajestes’; ‘bêbados’; ‘abilolados’; ‘bobos’; ‘pilantras’.

*Parlapatões* – 7 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘atraentes’; ‘falastrão’; ‘trapalhão’; ‘imbecis’; ‘homens grandes’; ‘canalhas’; ‘o que fala muito’.

*Muquirana* – 5 sugestões diferentes para as 5 recebidas: ‘mulher fácil/vadia’; ‘bloco de carnaval’; ‘traveco/travesti’; ‘contrária’.

*Chué* – 5 sugestões diferentes para as 5 recebidas: ‘ênfase para embromação’; ‘otário’; ‘fraca’; ‘errada’; ‘vazia’.

**Crônica 3:**

*Araruta* – 7 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘biruta/maluca’; ‘coisa sem importância’; ‘fruta’; ‘ave’; ‘confusão’; ‘mesmo sig. de café pequeno’; ‘algo simples’.

*Estrovenga* – 5 sugestões diferentes para as 7 recebidas: ‘acanhada’; ‘cafajeste’; ‘coisa ruim’; ‘algo estranho’; ‘extravagante’.

*Banzo* – 8 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘banco/depósito’; ‘tempo’; ‘desleixo/ falta de interesse’; ‘mudança de gramática’; ‘pessoa mole’; ‘sociedade’; ‘ironia’; ‘tirar de circulação’.

*Rega-bofe* – 8 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘trabalho’; ‘jogo’; ‘estudo’; ‘fofoca’; ‘lugar’; ‘bagunça’; ‘mistura de palavras’; ‘transação’.

*Lambujem* – 6 sugestões diferentes para as 7 recebidas: ‘na beiradas/sem posição’; ‘conversa mole’; ‘besteira’; ‘bagunça’; ‘saborear’; ‘sugestões’.

*Boquirroto* – 5 sugestões diferentes para as 5 recebidas: ‘boca fechada’; ‘coisas feias’; ‘boquiaberto/pasmo’; ‘briguento’; ‘palavrado/gíria’.

*Arrelia* – 6 sugestões diferentes para as 6 recebidas: ‘saída’; “‘não me enche’”; ‘à vontade, solta’; ‘pessoa tímida, que se afasta’; ‘agonia’; ‘gozação’.

*Bonifrate* – 7 sugestões diferentes para as 8 recebidas: ‘representante’; ‘pessoa bem vestida’; ‘rapaz /cidadão’; ‘homem forte’; ‘meliante/pessoa’; ‘entendedor do assunto’; ‘inocente/bode expiatório’.

*Fuinha* – 11 sugestões diferentes para as 11 recebidas: ‘crítica’; ‘preguiçosa’; ‘mediocre’; ‘esquecido/casquinha’; ‘preconceituoso’; ‘besta/idiota’; ‘ignorante’; ‘mexeriqueiro; ridícula/baixo nível; ‘limitado no conhecimento’; ‘preguiçoso’.

Nesta última estratégia foram computados alguns itens que apareceram também em outras estratégias, como na fonética, por exemplo, *fuinha*, *araruta*, e na morfológica, *bonifrate*. O fato de esses itens serem considerados também aqui se dá pela junção do aspecto intuitivo das sugestões recebidas e do caráter polissêmico assumido pelos itens, diferentemente dos outros registrados aqui nas demais estratégias.

O termo “*borogodó*” aparece nas três crônicas, por isso receberá aqui uma consideração separada dos itens anteriores.

Na crônica 1, este item foi apontado por 10 dos 12 informantes, mas recebeu apenas 8 sugestões de significado: ‘parte do corpo da mulher’; ‘mixuruca’; ‘fora de moda/estranho’; ‘mistura/confusão’; ‘mistura’; ‘rolo/namoro’; ‘variedade/mistura’; ‘seios’.

Na crônica 2, foi apontado por 9 informantes e recebeu 8 sugestões: ‘mulher cheia de formas avantajadas’; ‘parte do corpo’; ‘mistura’; ‘coisa gostosa/lugar ruim/coisa confusa’; “o ó do borogodó”/coisa boa’; “o ó do borogodó””; “o ó do borogodó””; ‘é usado em muitas coisas’.

Na crônica 3, foi apontado por 10 informantes, tendo recebido 8 sugestões: ‘coisa desajeitada’; ‘besteira/coisa banal’; ‘bobagens’; ‘marco pessoal/estilo’; ‘de origem africana’; ‘linguagem popular/coloquial’; ‘esquisita’; ‘coisa sem significado/sem importância’.

No geral, o item recebeu mais de 15 sugestões de significado diferentes, o que evidencia o caráter polissêmico do vocábulo. É interessante notar a instabilidade semântica do *borogodó* não apenas no contexto das crônicas, mas no próprio termo em si, já que as respostas obtidas foram variadas, inclusive uma que sugeria ser o vocábulo “muitas coisas”.

Durante as entrevistas e após verificar as estratégias acima relacionadas, percebeu-se uma sutil diferença, estabelecida pelos próprios informantes, de forma inconsciente, entre sentido e significado. Algumas palavras pareceram familiar aos leitores e, mesmo sem saber exatamente o significado, eram capazes de captar um sentido, sem contudo sugerir um significado. Este comportamento foi registrado no quadro elucidativo com os sinais + ou – para referir-se a uma ideia imaginada pelo informante, mas não sendo capaz de pronunciar com palavras.

Esse fato acerca da captura de um sentido, mas não de um significado, pôde ser percebido, quando, na primeira leitura silenciosa pelo informante, este deixava de destacar algum item por lhe fazer sentido no momento. Já na segunda leitura, em voz alta pelo entrevistador, quando o informante era indagado acerca de certos itens, não respondia prontamente, pensava um pouco, dizia saber do que se tratava, mas não conseguia colocar em palavras suas ideias. Dessa forma, a compreensão do trecho da crônica em que aparece o vocábulo em desuso não fora comprometido.

O informante parece primeiramente procurar pistas no contexto imediato para poder sugerir, e se tem então dificuldade, parte para o armazenamento mental que possui, procurando fazer algum tipo de relação com os dados registrados. Quando não encontra nada, deixa de sugerir, e provavelmente apaga da memória o vocábulo que acaba de ouvir sem referência de significado.

Quanto às estratégias utilizadas pelos leitores, não se pode afirmar categoricamente que uma única estratégia de cada vez foi utilizada para a inferência. Houve uma provável

utilização por parte de algumas leitores, em alguns vocábulos, de mais de uma estratégia para se chegar a uma significação.

#### 4.2 O BOROGODÓ PERDIDO

A crônica se revela como um gênero literário que permite ao escritor brincar com sua fórmula, criando muitas vezes sua própria receita para tratar de um assunto qualquer, da forma que quiser. Joaquim Ferreira dos Santos também criou a sua receita e fez do “borogodó” o ingrediente indispensável para as suas composições, conforme ele próprio declarou:

Crie uma estranheza dessas com o molho ao seu gosto, despeje um pouco na palma da mão e veja como está o gosto. Há quem cozinhe uma crônica inteira só com as cebolas redondas da palavra “borogodó”. Escolha a sua. (Vai dar certo – Escreva usando as frutas e legumes da estação, *O Globo*, 21/07/08)

O grande tempero nas crônicas de Joaquim Ferreira dos Santos é mesmo o “borogodó”, além de outras palavras de um passado não muito remoto, que, juntas, formam um “estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua” (SANTOS, p. 127, 2005). A “obsessão matusquela” do autor perpassa por muitas de suas crônicas, e especialmente o ‘borogodó’, que a cada emprego, ganha uma conotação diferente.

Em outras publicações no jornal *O Globo*, foi possível encontrar o vocábulo:

Você me procurou por eu ter, tempos atrás, perpetrado meia dúzias de textos sobre a necessidade de se recuperar esses **borogodós** semânticos... (A língua afetiva, *O Globo*, 13/08/07).

O **borogodó** é a clareza da narrativa depois de se conseguir a informação com os que estiveram no lance, estudaram o caso. (‘Ai, ai..’, *O Globo* 5/5/08).

Uma crônica pode nascer de uma palavra, eu disse ao garoto enquanto desfolhava o caderninho azul, e dei como exemplo um texto surgido apenas com a intenção, o resto era detalhe, de encher seis mil toques em louvor à existência entre nós, e não deixar que morresse jamais, a palavra **borogodó** (SANTOS, 2005, p. 194).

No caso das três crônicas aqui em estudo, este item aparece em três contextos diferentes; sendo apontado por cerca de 85% dos leitores, no total de 29 destaques, com 24 sugestões de significados, 15 deles diferentes. Quanto ao significado do tão mencionado “borogodó”, este pode ser tudo e nada ao mesmo tempo, pois Joaquim Ferreira dos Santos dá



ao leitor a liberdade de criar ou resgatar um significado qualquer ao termo, tanto que lhe confira algum sentido. Conforme vê-se, então, abaixo:

O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos” (SANTOS, 2005, p. 121).

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, frege ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas.” (SANTOS, 2005p. 127).

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula... (SANTOS, 2005, p. 138).

Apesar de parecer bastante familiar aos informantes, ao menos foneticamente, como pôde ser notado neste estudo quando os leitores citavam já ter ouvido a expressão “o ó do borogodó” sem lembrar de um significado específico, o termo ainda é desconfortável para alguns. É um desconforto que não atormenta, não causa ansiedade, inquietação, pois não pareceu haver incômodo em nenhum dos leitores por não chegar a um significado preciso para o termo. Havia, contudo, uma significação latente para todos eles. Tal episódio remete a Benveniste (1989, p. 221), quando considerou dois aspectos importantes da linguagem – a forma e o sentido – citando uma frase de Heráclito em mensagem conferida ao senhor do oráculo de Delfos. A frase, como declara Benveniste (1989, p. 234), mostra-se límpida e misteriosa, ao mesmo tempo em que traduz exatamente o âmago mais profundo da linguagem: *Oute légei, oute kryptei, alla semaínei*: “ela não diz nem oculta, mas ela significa.” Esse parece ser exatamente o caso de ‘borogodó’ – quando ouvido distraidamente, possui um significado obscuro, entretanto, empregado em um contexto, possui algum sentido para o falante.

Pode-se dizer que a busca do borogodó perdido se deu em dois níveis, conforme foi possível observar na pesquisa: o nível macro, ou seja, sentencial, e o nível micro, voltado para a unidade linguística. A partir de uma ou de outra forma, o informante partiu para a busca do significado dos itens desconhecidos, devido ao desuso, baseado principalmente no que já conhecia sobre o termo. Porém, ainda uma outra estratégia foi utilizada quando não foi encontrada uma resposta nem no nível macro nem no micro – a pura imaginação ou intuição do falante. Essa intuição foi mais presente em uns do que em outros, e nas vezes em que a dúvida foi maior, o vazio preencheu o espaço do significado do vocábulo.

Como, então, decifrar o mistério da significação na mente humana?

Enquanto a Linguística tenta dar conta desse mistério, o autor das crônicas, Joaquim Ferreira dos Santos, recomenda: “...não há programação melhor para o grande rádio da vida do que misturar as estações. Não dar um chega pra lá no passado. Mas manter vivo, para sempre turbinado, o que nos é felicidade e borogodó” (SANTOS, 2005, p. 165).

## 5 CONCLUSÃO

O léxico é o alicerce de toda língua natural; é o banco de dados do qual os indivíduos se valem para estruturar as sentenças que permitem a comunicação. Entretanto, sabe-se que mesmo um único vocábulo, até mesmo isolado, é capaz de comunicar. Este fato pode ser relacionado ao que Pinker (2008, p. 18) chamou “zoom mental” ao se referir ao modo como a mente classifica a matéria em partes individuais, portadoras de significado. Assim como os períodos de um texto precisam ser interpretados para que haja compreensão, também o vocábulo precisa fazer sentido para que a significação aconteça na sua totalidade.

A relação que um falante nativo possui com seu léxico é extremamente natural e ao mesmo tempo misteriosa, pois muito pouco se sabe de como são armazenados, e acessados, os itens na estrutura mental do falante. Sua competência lexical lhe permite articular as palavras de uma tal forma, sem equívocos, que mesmo sem ter visto uma palavra antes é possível lhe atribuir um significado.

Sem dúvida, cada ser humano é singular; e essa particularidade influencia também a forma de perceber o mundo. Se essa percepção se dá basicamente por meio do léxico armazenado, conseqüentemente essa forma particular de compreender atinge de forma diferente os falantes na imaginação do significado, conforme observado na análise dos dados, quando foi constatado que a experiência individual de cada indivíduo exerceu grande influência na busca de um sentido/significado para os itens em desuso.

Diante de tão amplas percepções acerca do léxico e do significado, observadas a partir das entrevistas realizadas com leitores adultos, é notória a complexidade linguística analisada sob uma perspectiva mental, já que os estudos acerca do pensamento e ideias humanos são tão especulatórios. As correntes teóricas que se dedicam ao estudo do significado continuam com muito mais questionamentos do que respostas. Contudo, a Semântica Cognitiva tem conseguido uma maior credibilidade com os eficientes resultados que apresenta quanto às questões do comportamento do falante frente aos significados linguísticos, estes que são os constituidores básicos da comunicação entre seres humanos, pois considera a relevância do contexto cultural e cognitivo durante o processo de compreensão .

Durante as entrevistas, notou-se nos informantes desta pesquisa um comportamento semelhante frente às palavras em estudo. Ocorreu uma linearidade no que diz respeito aos resultados, pois as estratégias de recuperação de significado foram comuns entre os

informantes, além de ocorrência de sugestões de significado semelhantes. Por compartilharem uma mesma cultura e estarem expostos a experiências similares, os informantes se utilizaram de estratégias também semelhantes para sugerir significados retirados de um mesmo ambiente, fato esse que confirmou a concepção partilhada da língua e da cultura na qual se está inserido. O léxico, assim, como base de toda linguagem, termina por revelar como a cultura é percebida em conjunto.

A hipótese de que o falante possui um mecanismo mental que o levaria a fazer relações entre as palavras para descobrir seu significado foi confirmada na maioria das estratégias de recuperação do significado descritas na análise dos dados. As relações paradigmáticas exerceram papel fundamental para os informantes, no processo cognitivo de armazenamento e recuperação do léxico junto ao significado.

Pretendia-se trazer algum esclarecimento quanto à hipótese da categorização lexical, mas esta continua sendo uma grande incógnita para a Linguística, apesar dos variados estudos realizados nessa área. A Semântica Cognitiva, quem mais se dedica à análise da categorização, já apresentou indícios suficientes de que a categorização lexical existe de fato na mente do falante, entretanto, ainda não se pode provar como ela está realmente organizada.

O caráter interdisciplinar da Semântica Cognitiva mostrou-se relevante na análise dos dados desta pesquisa, pois tornou-se evidente a multiplicidade de fatores que interferem na constituição e compreensão do significado. Além disto, foram igualmente válidas as contribuições de estudiosos de outras correntes linguísticas mencionados neste trabalho.

Porém, as manifestações individuais também foram observadas no momento de destacar os vocábulos, utilizar as estratégias e sugerir significados. Nenhum informante destacou exatamente os mesmos vocábulos, usou as mesmas estratégias ou sugeriu os mesmos significados que outro; em um ou outro aspecto houve diferença de informante para informante. Isso demonstra que a individualidade psicológica do indivíduo também interfere na sua concepção de mundo e, conseqüentemente, na sua forma de compreender as palavras, sem contudo nenhum parecer original e único no processo partilhado pelo grupo.

Assim como, muitas vezes, os indivíduos criam uma palavra que não está disponível no uso para atender a uma necessidade em um enunciado, de forma semelhante o falante age diante de um vocábulo desconhecido, criando estratégias de recuperação na busca da compreensão de um item lexical. Ou seja, quando um vocábulo desconhecido, ou em desuso, aparece em um determinado enunciado, o falante procura pistas para compreender seu

significado. Procura no contexto imediato algo que lhe satisfaça o incômodo da incompreensão. Se não encontra, parte para outros recursos que a linguagem pode oferecer.

Nesse processo de recuperação de significado, seis estratégias foram encontradas, as quais denominam-se: fonética, morfológica, sintática, contextual, intuitiva e conhecimento prévio. Estas estratégias têm por base o conhecimento linguístico e cognitivo já analisados por diversas teorias da linguagem, algumas das quais consideradas aqui. No entanto, vale observar que uma única teoria não é capaz de dar conta de todas as questões levantadas acerca da relação de resgate e compreensão de itens lexicais em desuso.

Aparentemente, a relação entre uso e desuso de alguns vocábulos, não só no nível da forma mas do significado, se dá para alguns por meio da substituição, ou a partir da sinonímia; e, para outros, como apagamento. Esse fator parece ligado a uma condição estritamente particular dos indivíduos, que, a depender de sua história de vida, seus interesses, seus conhecimentos, registram ou apagam de sua memória uma ou outra palavra por um tempo indeterminado.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas permitem uma análise em uma dimensão muito mais ampla do que se propôs esta pesquisa, pois a riqueza do léxico e a flexibilidade do significado dão margem a diversos estudos. Porém, tendo em vista a limitação do tempo e a complexidade do objeto de investigação, realizou-se aqui apenas uma análise de um léxico específico – de itens em desuso – e do significado dos itens que compõem este léxico. Ou melhor, um estudo de como falantes se comportam diante de itens em desuso, supostamente desconhecidos, na apreensão de seu significado.

Desta forma, a pesquisa comprova que a dimensão na qual se encontra o significado é muito mais subjetiva e complexa do que se imaginava, pois ultrapassa o âmbito da Linguística. Esta esclarece apenas de modo parcial como o léxico aponta a relação palavra/significado. Fatores culturais e cognitivos exercem forte influência no entendimento do falante acerca dos itens lexicais, sendo, portanto, a interpretação pessoal, a partir de um contexto cultural, o principal mecanismo de acomodação de um significado, neste caso o significado de palavras em desuso.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000(1979).
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BELO, Fernando. *Epistemologia do sentido*. Entre filosofia e poesia, a questão semântica. Fundação Colouste Gulbenkian: Lisboa, 1991.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 200-210.
- BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria Linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. Trad. Aída Ferrás et al. São Paulo: EDUC, 1992.
- CALVINO, Italo; BARROSO, Ivo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas-SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COMPAGNON, Antonie. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge, England: University Press, 1986.
- CRUSE, D. A. *The Lexicon*. The Handbook of Linguistics. Org. Mark Aronoff e Janie Rees-Miller. Tradução e notas: Braulino Pereira de Santana. Blackwell, USA: Oxford, 2001.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- ECO, Humberto. *Interpretação e Superinterpretação*. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FAWCET, Fausto; LAUFER, Carlos; ABREU, Fernanda. Rio 40 graus. Intérprete: Fernanda Abreu. In: ABREU, Fernanda. **SLA2 - Be Sample**. Emi-Odeon Brasil, 1992. 1 CD (ca 40 min). Faixa 5.
- FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II*. São Paulo: Contexto, 2003.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEMPSON, Ruth M. *Teoria Semântica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Methafors We Live By*. Chicago-USA: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LEITE, Cecília et al. *New Journalism – 45 anos de verdade e ficção*. PRÊMIO EXPOCOM, 17., 2010, Campina Grande. *Anais...Campina Grande: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/expocom/EX23-0452-1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2010.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de Semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Ranis Fonseca de. Santo Agostinho e sua reflexão sobre o tempo. *Filosofia e Ciência*, São Paulo, ed. 33, 2009. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/edicoes/33/sumario.asp>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. 23. ed. São Paulo: Globo, 2004.

RAMANZINI, Haroldo. *Introdução à Linguística Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

RIFFATERRE, Michael. *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

RITA, Annabela. Semântica. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010. Disponível em: <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=266&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=266&Itemid=2)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios)

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Do Autor, 1965.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. "O humildificador é um exercício". Entrevista concedida a Paulo Lima. *Balaio de Notícias*, Aracaju, ed. 85, 11 dez. 2005-15 de jan. 2006. Disponível em: <<http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj85.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Cumequié!? *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 abr. 2007. Blog do Noblat. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2007/04/09/cumequie-53937.asp>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Em busca do borogodó perdido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 2006(1916).

SILVA, Augusto Soares da. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SVOROU, Soteria. *The Grammar of Space*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. (Typological Studies in Language 25)

TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. 2. ed. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4. ed. Trad. J. A. Osório Mateus: Lisboa, 1964.



# **ANEXOS**

## ANEXO A – Crônica “Meter a língua onde não é chamado”

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era tranchã, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia de chofre, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua bacurau."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma chinfra, botavam pra jambrar com quedes e outras papas-finas. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou guaribado para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o mequetrefe, a pinimba, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava escangalhado. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mcorongo. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai

da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do galalau que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às pamparras a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do ranheta que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas catitas, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O borogodó, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? Batatolina. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, macambúzias e abandonadas, como quizumba, alaúza e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito

passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e nonsenses como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num sarrabulho com assistência na porta, um pifão de tirar uma pestana do caramba, uma carraspana batuta. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de lambuja, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de rogado – estique.

**ANEXO B – Crônica “Gosto que me enrosco de botar os bofes pra fora”****GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA**

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-Iero e mas-mas. Não amolar com nhenhém muxiba, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita charivari de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enrosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, sacumé?, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem lesco-Iesco e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o energúmeno tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de pacote e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a turbamulta grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar macambúzio – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela

bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, cucuia, fuinha, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de négligé preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns bilontras. Parlapatões. Biltres. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira neurastênica, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e escalafobéticas que entram de chanca, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, frege ou fuzuê que seja, no borogodó delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que bu-zan-fà!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum rififi, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu rastaquera, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação chué, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer rosetar mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo!*? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o

timing certo.

Eu seria pamonha demais, coió mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

**ANEXO C – Crônica “As palavras emperiquitadas, sirigaitas deliciosas”.**

**AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS**

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de araruta. Não vamos armar um banzé por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. Mequetrefe. Fuzuê. Salafração. Estrovenga. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando borogodó como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão matusquela que tenho por debalde, nefelibata, à socapa, à sorrelfa e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio de chofre a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de cupincha, de botar a mão na consciência, de capilé, de tentear e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou bacurau entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, salsaparrilhas emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui genuflexo, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou embusteira. Todas necessitadas apenas de se



ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do banzo moderno de agregar transparência e outras basófitas ao papo.

Omessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse rega-bofe com nossas doces sibaritas.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu beneplácito, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem às pampas que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar lambujem, balela, boquirroto e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como cascabulho, caraminguá e apêndice do caqueirada. Assim:

Que horas são? Dez e caqueirada. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. Arrelia. Bruzundanga. Embromar. Patacoada. Xongas. Capadócio. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem

fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o bonifrate, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteção – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser fuinha e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Seleção de palavras por crônica e por colaborador e

### METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar **galocha**, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela **tetéia** da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia de chofre, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, **catiripapo**, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormitar, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um

completo mococongo. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem **bololô**, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas catitas, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? Batatolina. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e **jururu**, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos

manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma **pestana** do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de lambuja, repetir mamãe das antigas, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de rogado – estique.

(I.C., 28 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com quedes e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário.

Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mocosinho. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está **morrinha**. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem **bololô**, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(E.O., 28 anos)

### METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua



aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava escangalhado. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mocosoro. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo **chinfim**, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às pamparras a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As

mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que **songamonga**? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface **lambisgóia**, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e **jururu**, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das

antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(*M.R., 26 anos*)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o mequetrefe, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormitar, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no

máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto **às pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas estabnadas**. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que **songamonga**? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa

língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma **pestana do caramba**, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras **de lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(T.V., 29 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam pra jambrar com quedes e outras papas-finas. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as

botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mcorongo. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinqüentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas** estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que

songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras **de lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(N.S., 29 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar **galocha**, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinqüentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo **chinfrim**, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem **bololô**, sem



querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas** estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O borogodó, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que **songamonga? Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros **pitéus** sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa

idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras **de lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(T.M., 28 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar **galocha**, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, papudo?!". "Ora, vá lambar sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – **buchos**. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a

mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está **morrinha**. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem **bololô**, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas** estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros **pitéus** sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface **lambisgóia**, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria

novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de **rogado** – estique.

(E.J., 29 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela **tetéia** da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lambar sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens,

tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinqüentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo **chinfrim**, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está **morrinha**. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas

não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que **songamonga**? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros **pitéus** sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface **lambisgóia**, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiosincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma **pestana do caramba**, uma **carraspana batuta**. Essa idiosincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de **rogado** – estique.

(M.C., 39 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar **galocha**, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgremado que charlava numa **baratinha**, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia de **chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou guaribado para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava escangalhado. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai

da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está **morrinha**. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às pamparras a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival linguístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas** estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, macambúzias e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito



passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, **pimpão** e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um **pifão** de tirar uma pestana do caramba, uma carraspana **batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de rogado – estique.

(M.V., 31 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar **galocha**, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, **papudo?!"**. "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia **de chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua **bacurau**."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma **chinfra**, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o **mequetrefe**, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mcorongo. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinquentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo **chinfrim**, reclamar do **galalau** que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e **endívias**, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas** estabanas. Eram palavrinhas **catitas**, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL,

Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um pifão de tirar uma pestana do caramba, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras **de lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça **de rogado** – estique.

(R.C., 34 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua

aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa **baratinha**, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia de chofre, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua bacurau."*

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma chinfra, botavam **pra jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chisparam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou **guaribado** para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o mequetrefe, a **pinimba**, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormitar, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava **escangalhado**. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo **mocorongo**. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinqüentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo **chinfirim**, reclamar do galalau que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às **pamparras** a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As

mães costumavam passar sabão na língua do **ranheta** que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas **espoletas estabnadas**. Eram palavrinhas catitas, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O **borogodó**, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que **songamonga**? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros **pitéus** sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, **macambúzias** e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e **nonsenses** como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um pifão de tirar uma **pestana do caramba**, uma **carraspana batuta**. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de lambuja, repetir mamãe das antigas

e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de **rogado** – estique.

(N.S., 38 anos)

## METER A LÍNGUA ONDE NÃO É CHAMADO

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Azeite, não é meu parente! Nem todos entendem, mas a língua que se falava antigamente era **tranchã**, era ou não era?

As palavras pareciam todas usar galocha, e eu me lembro como ficava cabreiro quando aquela tetéia da rua, sempre usando tank colegial, se aproximava com a barra da anágua aparecendo, vendendo farinha, como se dizia. Só porque tinha me trocado pelo desgramado que charlava numa baratinha, ela sapecava expressões do tipo "Conheceu, *papudo*?!". "Ora, vá lamber sabão", eu devolvia de **chofre**, com toda a agressividade da época. "Deixa de trololó, sua bacurau."

Era tempo do onça total. As garotas, algumas tão purgantes que pareciam eternamente de chico, não davam esse mole de escancarar o formato do V-8 sob a saia, e os homens, tirando uma chinfra, botavam pra **jambrar** com **quedes** e outras **papas-finas**. Eu, hein, Rosa?! Tanto quanto o telefone preto, a geladeira branca e o sebo para passar no couro da bola número 5, essas palavras foram sendo consideradas como as garotas feias de então – buchos. Aconteceu com elas, as palavras, o mesmo que ao Zé Trindade – empacotaram, bateram as botas. Tomaram um cascudo, levaram sopapo, catiripapo, e chispavam do vocabulário. Uma pena.

A língua mexe, pra frente e pra trás, e assim como o bacana retornou guaribado para servir de elogio nos tempos modernos, pode ser que breve, na legenda de uma foto da Carolina Dieckmann, os jornais voltem a fazer como diante da Adalgisa Colombo outrora. Digam que ela tem it, que ela é linda, um chuchu. São coisas do arco da velha, vai entender?! Não é só o mistério da ossada da Dana de Teffé que nos une ao passado. Não saberemos nunca, também, quem matou o mequetrefe, a pinimba, o tomar tenência e o neca de pitibiribas, essas delícias vocabulares que, enxotadas pelo bom gosto gramatical, picaram a mula e foram dormir, como ursos no inverno, numa página escondida do dicionário.

Outro dia eu disse para as minhas filhas que o telefone estava escangalhado. Morreram de rir com esse maiô Catalina que botei na frase. Nada escangalha mais, no máximo não funciona. Me acharam, sem usar tamanho e tão cansativo polissílabo, um completo mocorongo. Como sempre, estavam certas. Eu tenho visto mulheres de botox, homens que escondem a idade, tenho visto todas as formas de burlar a passagem do tempo, mas o que sai da boca tem data. Cuidado, cinqüentões, com o ato falho de pedir um ferro de engomar, achar tudo chinfrim, reclamar do galalau que senta na sua frente no cinema e a mania de dizer que a fila do banco está morrinha. Esse papo, por mais que você curta música techno e endívias, denuncia de que década você veio.

Acho maneiro que a Sônia Braga volte, curto às pamparras a Emilinha vendendo CD na praça. Mas por que não dar uma linguada no passado? Sem querer amolar, sem bololô, sem querer fazer arte, sem querer, em tempos já tão complicados, trazer mais angu de caroço para a vida das pessoas, eu torço, quer dizer, tenho a maior queda por um revival lingüístico. As mães costumavam passar sabão na língua do ranheta que falava palavrões. De vez em quando, todos sofremos essa limpeza e perdemos palavrinhas tão gostosas quanto aquele mingau de sagu com uma banana caramelada no meio. Será o Benedito?! Ninguém merece.

Da mesma maneira que se foi, parece que para sempre, o crescer a barba como sinônimo de passar vergonha, às vezes dá-se a ressurreição de uma dessas espoletas estabanas. Eram palavrinhas catitas, todas do tempo em que as moças ficavam incomodadas mas não dormiam de touca. O borogodó, por exemplo, tem tudo para ser um novo mantra de felicidade solar com seus redondos abertos e femininos. Seria uma coqueluche semântica, qual é o pó?! Por que não?! Se a bossa nova voltou, se a boca-de-sino também, por que não a moda da língua retrô? Haverá adjetivo mais correto para aquela vizinha sonsa do 302 do que songamonga? **Batatolina**. Ô mulherzinha pra gostar de um bafafá!

Essas palavrinhas das antigas, verdadeiros pitéus sonoros, podiam formar o MSL, Movimento das Sem Língua, e exigir assentamento no papo do dia-a-dia ao lado de pamonhas, patas chocas do tipo disponibilizar, fidelizar, maximizar e outras gaiatas que andam fazendo uma interface lambisgóia, totalmente lengalenga, na fala cotidiana. Ficaria, como se diz, um mix contemporâneo.

Uma língua bem exercida é metida, jamais galinha morta. É feita de avanços e recuos, e se isso parece reclame de algum filme apimentado, digamos que, sim, pode ser. Língua, seja qual for, é erótica. Dá prazer brincar com ela. Uma lambida no passado envernizaria novamente palavras que estavam lá, macambúzias e abandonadas, como **quizumba**, **alaúza** e

jururu, expressões da pá virada como na maciota, onde é que nós estamos! e ir para a cucuia. Certamente, por mais cara de emplastro Sabiá que tenham, elas dariam uma viagrada numa língua que tem sido sacudida apenas pelo que é acessado do cybercafé e o demorô dos manos e das minas.

Meter a língua onde não se é chamado pode ser divertido. Lembro do Oscarito passando a mão na barriga depois de botar pra dentro uma feijoada completa e dizer, todo preguiçoso, pimpão e feliz, "tô com uma idiossincrasia!". Estava com o bucho cheio, empanturrado de palavras gordas, compridas e nonsenses como um paio de porco. É o banquete que eu sugiro. Troque essa dieta de alface americana de palavra transgênica, que anda na moda mas não vale um caracol. Caia de boca num **sarrabulho** com assistência na porta, um pifão de tirar uma pestana do caramba, uma carraspana batuta. Essa idiossincrasia vai fazer sentido.

Se alguém, depois de ouvir todas essas palavras de **lambuja**, repetir mamãe das antigas e, amuado, gritar menino, dobre a língua, não se faça de rogado – estique.

(C.R., 36 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscos é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas ta-



canhos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar **macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, cucuia, **fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo **mocotó!** Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no borogodó delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu **bambambã!** Que **bu-zan-fà!**

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a **patota**, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar

que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, **perrengue** invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa **balbúrdia** gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo!*? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(I.C., 28 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-Iero e mas-mas. Não amolar com nhenhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enrosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no **vai-da-valsá**, sacumé?, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquo, arrumar o maior **bololô** com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar **macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, **cucuia**, fuinha, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, frege ou fuzuê que seja, no **borogodó**

delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que bu-zan-fà!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho **tremelique**, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, **perrengue** invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, coió mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(E.O., 28 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de **lero-Iero** e **mas-mas**. Não amolar com nhenhém muxiba, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscó é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsá, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem lesco-Iesco e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a turbamulta grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar **macambúzio** – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, cucuia, fuinha, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, **frege** ou fuzuê que seja, no borogodó delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fâ!**

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho **tremelique**, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação chué, **perrengue** invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo!*? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, coió mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária

e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(M.R., 26 anos)

### GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscó é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsá, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de,

atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar **macambúzio** – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, cucuia, **fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram **de chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no borogodó delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que bu-zan-fâ!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum rififi, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o



vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo!*? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(T.V., 29 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscos é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas ta-canhos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para

passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquo, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a muxoxar **macambúzio** – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de **goró**, todo mundo falando beleléu, **cucuia**, **fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira neurastênica, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, frega ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fâ!**

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam

assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa **balbúrdia** gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, coió mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(A.P. A, 29 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do

Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enrosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no **vai-da-valsá, sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas ta-canhos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior **bololô** com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de **goró**, todo mundo falando **beleléu, cucuia, fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras. Parlapatões. Biltres. Jilós**. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um **faniquito**, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram **de chanca**, como

se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fâ**!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a **patota**, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras **muquirana**, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. **Embromação chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa **balbúrdia** gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(E.F., 29 anos)

**GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA***Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-Iero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscos é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascas o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela

bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, cucuia, **fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de fuzarca, **frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fã**!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a **patota**, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete

do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o **muxoxo** de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(A.S., 28 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, **sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.



Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando **beleléu, cucuia, fuinha, desmilinguida** e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras. Parlapatões. Biltres. Jilós.** É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um **fricote**, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca, frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fâ!**

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras **muquirana**, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma

maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa **balbúrdia** gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!?! De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(D.M., 30 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-Iero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enrosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no **vai-da-valsá**, sacumé?, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior **bololô** com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando **beleléu, cucuia, fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras. Parlapatões. Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram **de chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca, frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fâ!**

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no

meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a **patota**, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras **muquirana**, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, **perrengue** invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa **balbúrdia** gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

**(R.O., 29 anos)**

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-Iero e mas-mas. Não amolar com nhenhêném **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enrosco é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no **vai-da-valsá, sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o energúmeno tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, **cucuia**, **fuiinha**, desmilínguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um faniquito, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que **bu-zan-fã**!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras **muquirana**, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo*!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária

e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(C.N., 32 anos)

### GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscos é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no vai-da-valsas, sacumé?, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-lesco** e derrubando os paradigmas tanchos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior bololô com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o energúmeno tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de,

atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele **cocoroca** tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando beleléu, **cucuia**, **fuinha**, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras**. **Parlapatões**. **Biltres**. Jilós. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um **faniquito**, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias **furrecas**, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que bu-zan-fã!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu **rastaquera**, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho **tremelique**, depois de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras **muquirana**, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, **perrengue** invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o



vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, *papudo!*? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o **muxoxo** de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(A.F., 31 anos)

## GOSTO QUE ME ENROSCO DE BOTAR OS BOFES PRA FORA

*Joaquim Ferreira dos Santos*

Aliás e não obstante, como eu estava dizendo. Meter a língua onde não se foi chamado é esticar a dita cuja cheia de palavrinhas antigas e deixar de lero-lero e mas-mas. Não amolar com nhenhém **muxiba**, mixuruca e xarope. É soltar o verbo como se fosse um bife do Lamas. No capricho.

Esticar a língua na maciota é se valer de todo o baita **charivari** de expressões que fomos deixando pra trás, mais ou menos lá onde o Judas perdeu as botas. É deixar de lado essa prosa cheia de nove horas, cheia de dedos desses otários metidos, gente que paga a maior goma para falar alavancar e customizar, achando que isso é coisa de quem tomou tenência na vida. Ora, vão pentear macaco, seus convencidos! Conversa mole pra boi dormir!

Gosto que me enroscos é de botar os bofes pra fora. Deixar a língua no **vai-da-valsá, sacumé?**, metendo bronca, ora aqui ora ali, sem **lesco-Iesco** e derrubando os paradigmas tancanos de que as palavras, como o bambolê e o óleo de fígado de bacalhau, foram feitas para

passar. Eu te proponho nós nos amarmos, nos entregarmos e ainda por cima, por obséquio, arrumar o maior **bololô** com esse papo pancada.

Ou quantos discursos mais desses serão necessários ainda até que se reinstaure na língua praticada a evidente beleza sonora de anunciar que fulano, ou que sicrano, ou que beltrano, infelizmente, não virá. Que o **energúmeno** tá boroco xô! Ou seja, garotada, o cara da pá virada tá totalmente down.

Eu sei que um bom menino não faz pipi na cama, que uma boa menina não fica falada nem se de **paquete** e sei acima de tudo que um bom cronista, por mais que lá de baixo a **turbamulta** grite "pu-Ia, pu-Ia", um bom cronista nunca deve repetir o truque sob o risco de, atendidos os pedidos, diante do corpo estendido no chão, alguém passe a **muxoxar macambúzio** – ih, caramba, olha aquele cocoroca tantã azucrinando de novo com a parada da língua retrô!

Para alguns pode parecer que é fogo na roupa, de lascar o cano. Que ganhar o ordenado assim é sopa no mel. Mas, se vale a pena ver de novo as novelas da Globo, a leitora Cecília Pontual Romano quer ver de novo todo mundo, seja manteiga derretida ou aquela bruaca cheia de goró, todo mundo falando bebeléu, **cucuia**, fuinha, desmilinguida e o que mais couber nesse estrogonofe de letrinhas que lembra a mãe dela, a minha escola, a nossa rua.

De uma mulher gostosa, boas pernas, dizia-se possuidora de um tremendo mocotó! Era uma uva. Vestida de **négligé** preto, era supimpa. O rapaz não tinha bíceps, mas muque. Era um pão, embora quase todos sofressem de espinhela caída. Uns **bilontras. Parlapatões. Biltres. Jilós**. É um tipo de memória verbal que foi sendo demolida do patrimônio comum da mesma maneira **neurastênica**, um **faniquito**, um fricote, que fizeram com o Monroe da Cinelândia. São ideias furrecas, estabanadas e **escalafobéticas** que entram de **chanca**, como se um quarto-zagueiro fossem, no joelho da nacionalidade.

Vamos, pois, meter de novo a língua, de **fuzarca**, **frege** ou fuzuê que seja, no **borogodó** delas. Feche os olhos e sinta o peso da bilabial explodindo sonora a boca do balão: tem bububu no bobobó! É bárbaro! Meu bambambã! Que bu-zan-fã!

Ao contrário do Morro do Castelo, que caiu em 1922 mas se deixou registrar em milhares de fotos, algumas dessas palavras sequer foram dicionarizadas – e não adianta, no meio de algum **rififi**, quando estiver esculhambando geral com a patota, você ficar repetindo para os seus filhos que eles são garganta, ó, só gogó. Eles têm todo o direito de não acreditar que ainda há pouco, não só à boca pequena, não só num sururu rastaquera, todos falavam assim. Eles vão ter um treco de tanto rir e você, depois de gastar tamanho tremelique, depois

de chamá-los de entupidos, é que vai ficar no ora veja.

À bangu, tá me entendendo? À neném, saca?

Língua também brinca de moda. É mais fácil, para um garoto de 15 anos, enfiar um piercing nela do que enfiar ela nas palavras muquirana, estrupício, desengonçado e encasquetar. Fazer o quê, mano maluco? As novas gerações ouvem essas palavras e, da mesma maneira que avaliam o mocotó das certinhas do Lalau, acham que eram apenas senhoras gordas. Embromação **chué**, perrengue invocado e o escambau a quatro.

É bem provável que se a vovó disser pára de se enrabichar por aquela porqueira, e o vovô responder que a oferecida quer **rosetar** mas não é com ele – é bem possível, e com toda a razão, que o netinho ponha ordem nessa balbúrdia gritando ei, óia o auê aí, ô!

Não se quer, de jeito nenhum, folgar com a evolução semântica. Seria de amargar, forçar a natureza do português. O vestido trapézio foi esquecido, é natural que tenha acontecido o mesmo com o conheceu, papudo!? De vez em quando, porém, tire uma onda. Da mesma maneira que o rock toda hora vai ao túmulo do Elvis e pega um fio de ideia no topete do cara, o papo deveria brincar também com essas sonoridades supimpas. É preciso apenas o timing certo.

Eu seria pamonha demais, **coió** mesmo, se chegasse com a corda toda para a estagiária e achasse que teríamos um cacho se lhe elogiasse a tribal no cóccix com o sussurrar galante uau. Broto, ficou um estouro.

A língua, quando mexe e muda de lugar, você sabe, aí é que aumenta o prazer. Brinque com a memória dela. E que ninguém venha com o muxoxo de azia, não é minha tia. Língua é mãe.

(A.M., 26 anos)

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus.

Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. Mequetrefe. Fuzuê. Salafório. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando borogodó como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por debalde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de **cabuloso**, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou bacurau entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófias** ao papo.

Omessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos

sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu beneplácito, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem às pampas que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e caqueirada. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. Patacoada. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

---

## AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando borogodó como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperquitadas na medida, prontas para o

nhenhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófi**as ao papo.

**Omessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia!** Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem às pampas que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. **Patacoada**. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa

nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(T.V., 29)

### AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por de balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os



textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de **cabuloso**, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um **beijo** nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófiás** ao papo.

**Onessa! Anátéma! Papagaio! Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sorefugidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia. Bruzundanga.** Embromar. **Patacoada. Xongas. Capadócio.** Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(T.M.,28)

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de araruta. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que

andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por de balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófiás** ao papo.

**Onessa! Anátema! Papagaio! Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu

Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e caqueirada. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. **Patacoada**. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(J.O., 27)

## AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperquitadas na medida, prontas para o nhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma

vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófiás** ao papo.

**Omessa! Anátema!** Papagaio! **Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse rega-bofe com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. **Patacoada**. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(A.G., 36)

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafatório. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por **debalde**, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas

obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou bacurau entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófiás** ao papo.

**Onessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia!** Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu beneplácito, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do caqueirada. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá



vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia. Bruzundanga.** Embromar. **Patacoada. Xongas. Capadócio.** Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. **Xaveco** coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(L.B., 36)

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre

os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por de balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um **beijo** nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófi**as ao papo.

**Omessa! Anátema!** Papagaio! **Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse rega-bofe com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse

paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. Patacoada. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de araruta. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafatório. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por de balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o

nhenhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um **beijo** nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófias** ao papo.

Omessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que **maçada**, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem às pampas que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar lambujem, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e caqueirada. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. Arrelia. **Bruzundanga**. Embromar. Patacoada. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(N.S.,38)

### AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão matusquela que tenho por **debalde**, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas

obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófi**as ao papo.

**Onessa! Anát**ema! Papagaio! **Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá

vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia. Bruzundanga.** Embromar. Patacoada. **Xongas. Capadócio.** Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(E.G., 29)

## AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe.** Fuzuê. Salafrário.



**Estrovenga.** Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por de balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas serelepes, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhênhem gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um beijo nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do banzo moderno de agregar transparência e outras **basófias** ao papo.

**Onessa! Anátema! Papagaio! Cáspite! Blasfêmia!** Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse rega-bofe com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de obtemperar contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo,

falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem às pampas que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. Arrelia. **Bruzundanga**. Embromar. **Patacoada**. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o loteação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(E.B., 28)

## AS PALAVRAS EMPERQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de **araruta**. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafração. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por balde, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentar e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperquitadas na medida, prontas para o

nhenhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um **beijo** nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófras** ao papo.

**Omessa! Anátema! Papagaio! Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse rega-bofe com nossas doces sibaritas.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que maçada, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. **Arrelia**. **Bruzundanga**. Embromar. Patacoada. **Xongas**. Capadócio. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a substância reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(A.J., 26)

### AS PALAVRAS EMPERIQUITADAS, SIRIGAITAS DELICIOSAS

*Joaquim Ferreira dos Santos*

O homem é o produto de suas obsessões. Acho que foi Nelson Rodrigues quem disse. Ou pode ter sido o Nelson traduzido pelo Arnaldo Jabor. Não sei. Não vem ao acaso. Café pequeno. Biscoito de araruta. Não vamos armar um **banzé** por causa disso. Eia. Sus. Sigamos.

O homem é o produto de suas obsessões, está redito, é eu pensei nisso depois que o telefone tocou e do outro lado da linha era o querido Maurício Sherman, um dos ombros sobre os quais se ergueu a televisão no Brasil. Ele me pedia a cópia de um punhado de textos que andei perpetrando sobre palavrinhas e expressões antigas. **Mequetrefe**. Fuzuê. Salafrário. **Estrovenga**. Pata choca. Essas coisas. Sei que palavras e plumas o vento leva. Se ninguém registrar as primeiras, elas se escafedem como as segundas. Pegam um golpe de ar, um vento encanado, e babau. Ficamos com a língua cada vez mais pobre, parecendo um cachorro sem plumas e sem poesia.

Os redatores do “Zorra total”, o programa de humor da Rede Globo, estão bolando um personagem que só fala usando **borogodó** como vírgula e, claro, Maurício Sherman, meu eterno diretor do Teatrinho Trol, se lembrou da obsessão **matusquela** que tenho por **debalde**, **nefelibata**, à **socapa**, à **sorrelfa** e afins. Fê-lo bem em telefonar e eu, honrado, mandei-lhe os textos. Foi aí que me veio **de chofre** a sabedoria de que o homem é o produto de suas

obsessões. Lembrei de **cupincha**, de botar a mão na consciência, de **capilé**, de tentear e principalmente de cabuloso, essa delícia de que mamãe, para meu pasmo ignorante, tantas vezes me acusava, e agora vejo, com razão.

Achei uma maldade que essas palavrinhas e expressões maravilhosas, deixadas de fora nas outras vezes em que naveguei nessa geringonça semântica, não realizassem a vocação natural de todas elas – um dia serem eternizadas num bom jornal de família.

Vivo das palavras. Com essas lembranças procuro assoprar no cangote de cada uma a certeza de que não há qualquer bruaca ou **bacurau** entre elas. Todas lindas, fofas, uvas, aviões, boazudas **serelepes**, **salsaparrilhas** emperiquitadas na medida, prontas para o nhenhenhém gostoso com os verbos de sua afeição. Eu, aqui **genuflexo**, me declaro mais uma vez por todas enrabichado. Nenhuma desmilinguida ou **embusteira**. Todas necessitadas apenas de se ajustarem às novas vírgulas. Aos períodos curtos do texto esperto. Não seria justo deixar que ficassem na poeira dos dicionários e nos apagões das memórias. Era só o que me faltava. Dar um **beijo** nas minhas palavrinhas. Deixar que azulassem de nossas falas, vítimas do **banzo** moderno de agregar transparência e outras **basófi**as ao papo.

**Onessa! Anát**ema! Papagaio! **Cáspite!** Blasfêmia! Felizmente, eu percebi que não estou sozinho nesse **rega-bofe** com nossas doces **sibaritas**.

Nelson Rodrigues, com quem aprendi apostar nas minhas obsessões e a pedir licença para ir ao reservado, me compreenderia o tirocínio. No máximo, ele pediria menos sofreguidão na hora de **obtemperar** contra os fariseus no templo vernacular. Nelson, tenho pra mim, diria: “Calma que o Brasil é nosso, seu Joaquim!”

Sherman, antes de desligar o telefone, pediu que eu parasse de ser trouxa com esse paradigma jornalístico de precisar apresentar sempre um assunto novo. Que **maçada**, não é seu Joaquim? Fogo na roupa! E aqui estou, com seu **beneplácito**, sem qualquer ineditismo, falando mais uma vez do que me deu na telha e na libido intelectual.

Roberto e Helena Cortes de Lacerda são outros que fecham comigo. Acabam de chegar às livrarias com um Dicionário de Provérbios e sabem **às pampas** que palavras melosas não temperam sopa. Devem adorar **lambujem**, balela, **boquirroto** e botar lenha na fogueira. Aprendi com eles que caxumba no pescoço dos outros não dói, e como o pescoço diante da folha em branco é o meu, tenho certeza que também me liberariam para exercer outra vez a obsessão maldita e clamar para que não morram maravilhas como **cascabulho**, **caraminguá** e apêndice do **caqueirada**. Assim:

Que horas são? Dez e **caqueirada**. De quando são essas palavras? Mil novecentos e lá

vai fumaça. Quanto eu estou levando para exaltá-las? Acredite. Nem um peru.

Achei, com companhias tão ilustres, que estava liberado para não picar a mula dessa frente de batalha que eu inventei e aqui chamo de novo a radiopatrulha para proteger nossas queridas. Arrelia. **Bruzundanga**. Embromar. **Patacoada**. **Xongas**. **Capadócio**. Essas palavras que pelas mãos de Maurício Sherman vão dar um gás no humor da televisão podem funcionar no papo cotidiano como uma gemada naquela base, com muita noz-moscada e canela.

Podem trazer a sustança reconstituente de uma Caracu com ovo no capricho, batida com casca e tudo no liquidificador. Fortalecem a língua. Vai por mim. Xaveco coisa nenhuma.

Não é uma onda de araque, nem se quer tirar casquinha de defunto já no osso. Sou do tempo em que ficar indignado era bom – e aqui vai bronca. Perdemos o prezo por esse bem fundamental, a língua que se fala e nos dá unidade civil. Bagunçaram o coreto. Levaram a Amazônia, levaram nossos jogadores, a Bebel Gilberto, e agora, se bobear, vai-nos, por ignorância, a língua também. Os jovens, u-hu, têm preguiça de ir além de um dissílabo. O presidente da República, por mais machista que seja o **bonifrate**, não devia saber exatamente o que falava outro dia quando chamou as mulheres de desaforadas. Chofer do nosso dicionário bateu com o lotação – e me deu outro gancho para voltar ao assunto.

Se até as palavras ficaram desgovernadas, é hora de deixar de ser **fuinha** e dar uma olhada no passado dessas sirigaitas maravilhosas.

(I.T., 40)

## GLOSSÁRIO

**alaúza** – B *infrm.* m.q. LAÚZA[...]ver sinonímia de assuada (1 ajuntamento de pessoas armadas para fazer desordem 2 confusão de pessoas, ger. em luta; arruaça, motim 3 desordem barulhenta; algazarra, balbúdia 4 vaia, apupo [...].

**anátema** – 1 REL sentença de maldição que expulsa da igreja; excomunhão 2 *p. ext.* reprovação enérgica; condenação, repreensão, maldição, execração; que ou aquele que foi atingido por anétema; excomungado. [...]

**araruta** – 1 *ANGIOS* erva da fam. das marantáceas, de folhas ovadolanceoladas, flores esbranquiçadas e frutos indeiscentes(...)2 *ALIM* fécula branca e nutritiva, extraída do rizoma dessa planta, muito us. em alimentação [...]

**arrelia** – 1 amofinação, apoquentação 2 falta de paciência; pressa, sofreguidão 3 contenda, rixa, desavença 3.1 conflito entre muitos; rolo, confusão, refrega. [...]

**bacurau** – 1 *ORN B design.* comum à várias aves caprimulgiformes [...] de plumagem muito macia e vôo silencioso [...] 2 *B infm.* pessoa que tem o hábito de só sair à noite 3 *PE* cova de carvão vegetal [...] 4 *RJ obsl.* indivíduo de cor negra [...]

**balbúrdia** – 1 desordem barulhenta; vozeria, algazarra, tumulto 2 situação confusa; trapalhada, complicação [...]

**banzé** – *infrm* dança africana [...] *p. ext.* B festa popular com danças ao som de viola 3 clamor de vozes; algazarra [...] 4 situação em que é perturbada a ordem; banzé-de-cuia, confusão, tumulto [...]

<sup>2</sup>**banzo** – 1 processo psicológico causado pela desculturação, que levava os negros africanos escravizados, transportados para terras distantes, a um estado inicial de forte excitação, seguida de ímpetos de destruição e depois de uma nostalgia profunda, que induzia à apatia e, por vezes, à loucura ou à morte 2 *p. ext.* afetado por tristeza ou por um infortúnio; que revela abatimento; desgostoso [...].

**basófia** (bazófia) – 1 vaidade exarcebada e infundada; vanglória, presunção 2 m.q. *FANFARRICE* 3 *CUL* ensopado feito com sobras de comida 4 *CUL P m.q.* ovos nevados [...]

**batatolina** – não dicionarizada

**batuta** – *MÚS* 1 bastão delgado, em geral de madeira leve, com que os regentes dirigem as orquestras, bandas, coros etc. *B infm.* 2 de caráter excepcionalmente bom; excelente, primoroso [...] 3 que ou aquele que é capaz, hábil, perito em um mister [...] 4 que ou aquele que é confiável, amigo, camarada 5 que ou aquele que é decidido [...]

**beicho** – 1 m.q. *LÁBIO* 2 *p. ana.* parte ou objetosemelhante a um lábio; rebordo; ressalto revirado como um lábio[...] 3 *p. ana.ant.* lugar por onde se entra; meio de acesso de introdução [...] **dar o b.** *fig.* m.q. *PASSAR O BEIÇO* [...]



**beleléu** – B *infrm.* morte; desaparecimento; malogro **ir para ob.** B *infrm.* **1** perder a vida; falecer **2** reduzir-se a nada; sumir **3** fig. não ter êxito; gorar / **mandar para o b.** B *infrm.* **1** tirar a vida a; matar **2** fazer desaparecer **3** fig. não continuar (algo), desistir [...]

**beneplácito** – **1** expressão de consentimento; abonação; concordância, aquiescência **1.1** aprovação régia, de autoridade, de instância superior etc., mediante despacho [...] boa vontade, intenção benigna [...]

<sup>1</sup>**bilontras** – **1** que ou quem age com esperteza, freq. sem honestidade, mas apresentando tê-la; espertalhão, finório, velhaco **2** que ou aquele que é dado a conquistas amorosas **3** que ou aquele que costuma frequentar bordéis **4** pessoa sem importância, João-ninguém [...]

**biltres** – que ou quem age de forma vil; canalha, infame [...] *p. ext.* da designação ‘indivíduo das ordens mendicantes, de orig. controv. [...]

**bololô** – B *infrm.* m.q. *BOLO* (‘briga’, ‘confusão’, ‘concentração’) [...]

**boquirroto** – que ou quem não consegue guardar segredos; indiscreto, boca-rotta [...]

**borogodó** – B *infrm.* **1** atrativo pessoal irresistível [...] **2** afeto, carinho/ voc. considerado expressivo.

**bruzundanga** – B **1** coisa de pouca serventia ou inútil; insignificância, ninharia **2** amontoado de coisas inúteis ou de escassa serventia; **3** falta de ordem; confusão, barafunda **4** linguagem confusa, difícil de entender; algaravia **5** coisa malfeita, mal realizada **5.1** comida mal preparada, de aspecto nojento **6** garrafa de feitiçaria; mezinha.

**buzanfá** – RJ *infrm.* conjunto das nádegas; bunda [...]

**cabuloso** – B *infrm.* **1** que traz ou tem azar; azarento **2** que aborrece; maçante **3** desagradável, antipático **4** complicado, obscuro.

**capadócio** – **1** relativo à Capadócia, província central da Ásia Menor [...] **2** pej. que ou aquele que é pouco inteligente; ignorante, burro **3** B que ou quem é impostor; trapaceiro, charlatão **4** B pej. que ou quem tenta enganar outros dando-se ares importantes **5** B pej. que ou quem tem modos de canalha [...]

**capilé** – **1** calda ou xarope feito com suco de avenca **2** bebida refrescante que se faz ao misturar essa calda com água **3** *p. ext.* PB refresco de frutas com água e açúcar **4** p. ana. CE *infrm.* p. us. bebida alcoólica feita de polpa de tamarindo e aguardente [...]

**caqueirada** – **1** quantidade de caqueiros **2** *p. ext.* amontoado de trastes velhos, sem serventia **3** pancada com caqueiro **4** *p. ext.* pancada, choque, batida **5** fig. [...] **6** B *infrm.* m.q. BOFETADA **7** ant. arremedo de luta com arremesso de cacos, durante o entrudo.[...]

**caraminguá** (caraminguás) – B *infrm.* **1** pertences de pouco valor que se levam em viagem **2** mobiliário de casa modesta; tarecos **3** dinheiro em espécie [...] ‘s.m. cesto, arca, caixa, canastra onde o índio guardava seus pertences. [...]

**carraspana** – *infrm.* **1** bebedeira, pileque **2** repreensão, reprimenda **3** P gripe forte [...]

**cascabulho** – **1** casca de vários frutos e sementes, esp. a das castanhas e da glande dos carvalhos **2** fig. coisa de pouca importância **3** B obsl. estudante de preparatórios ou humanidades **4** B N.E quantidade de cascas **5** B N.E. maçaroca de milho [...]

**cáspite** – exprime admiração ou espanto, ger. com um pouco de ironia ou com tom jacosso; bom, caramba [...]

<sup>1</sup>**catita** – **1** que ou quem se veste bem e/ou tem elegância **2** bonito, atraente, bem vestido, bom [...] **3** MAR mastro próximo do painel de popa, onde se iça a vela em algumas embarcações miúdas **4** pequena vela latina [...] **P 7** exprime aprovação, admiração; ótimo, excelente, lindo [...]

**chanca** – **1** *infrm.* pé grande, feio **2** p. ana. VEST sapato grande e tosco; abarca **3** VEST P calçado rústico com sola de madeira; tamanco **4** FUT B a chuteira ou a sua sola **5** p. ext. TRM m.q. PERNA DE PAU **6** p. ana. pej. perna masculina comprida e magra[...]

**charivari** – **1** barulho ensurdecedor; barulheira **2** manifestação ruidosa; gritaria, alvoroço **3** estado de tumulto; balbúrdia, confusão **4** MÚS cacofonia musical [...]

**chinfra** – B *infrm.* **1** sensação física e/ou psíquica muito agradável; barato, curtição, onda **2** orgulho vão; pose; empáfia [...] **tirar uma c.** B *infrm.* dar-se ares de [...]

**chinfrim** – **1** ordinário, reles, que não presta (diz-se de coisa) **1.1** *infrm.* pej. de escasso valor; ordinário **1.2** p. ext. de mau gosto [...] **2** muito barulhento, confuso *infrm.* **3** grande confusão, balbúrdia, algazarra [...] **4** B *infrm.* reunião alegre, m.q. ARRASTA-PÉ..

**chofre** – **1** golpe ou choque repentino **2** LUD pancada do taco na bola de bilhar **3** VEM tiro súbito e próximo na ave que levanta vôo / **de c.** **1** de forma súbita; repentinamente **2** em cheio; de chapa [...]

<sup>1</sup>**chué** – **1** ruim ou de pouco valor; ordinário, reles [...] **2** sem cuidado; desleixado **3** sem graça, feioso **4** sem viço ou em mau estado; surrado, gasto **5** reduzido a pouco; escasso **6** p. ext. fraco, doentio [...]

**cocoroca** – B **1** ICT m. q. CORCOROCA (‘designação comum’) **2** MÚS em bandas, saxorne alto; cachorrinha B *infrm.* **3** diz-se de ou indivíduo quadrado, muito preso aos padrões tradicionais **4** diz-se de ou pessoa velha, caduca.

**coió** – **1** ICT B peixe teleósteo escoperniformes...encontrado na costa do Atlântico, em fundos de areia, cascalho e recifes [...] **4** B *infrm.* assobio característico, dirigido a uma mulher como galanteio ou provocação amorosa **5** palhoça de um só cômodo [...] **6** diz-se de ou indivíduo tolo, ridículo, bobo [...]

<sup>2</sup>**cucuia** – malogro, fim de algo / **ir para c.** B *infrm.* **1** malograr, fracassar na realização de alguma coisa; reduzir a nada **2** morrer, ir para o beleléu [...]

**cupincha** – B *infrm.* indivíduo com quem se tem amizade, companheirismo; camarada.

**debalde** – em vão, inutilmente; em balde [...]

**embusteira** – que ou o que se vale de embustes, logros, mentira; impostor [...]

**energúmeno** – **1** obsl. possuído pelo demônio; possesso **2** *p. ext.* indivíduo que, exaltado, grita e gesticula excessivamente **3** fig. indivíduo desprezível, que não merece; boçal, ignorante [...]

**escalafobética** – **1** que se concentra de maneira excêntrica, esquisita, extravagante **2** que demonstra falta de jeito, de aprumo, de elegância; desengonçado, desconjuntado, maljeitoso [...]

escangalhado – que foi danificado, desarranjado ou arrebitado [...]

**espoleta** – ARM **1** ant. escorva das bocas-de-fogo **2** pequeno artefato que recebe o impacto da agulha e serve para inflamar a carga de pólvora dos projéteis das armas de fogo; estopilha **3** fig. B *infrm.* pessoa irrequieta, agitada, ativa, rápida **4** mexeriqueiro, leva-e-traz **5** intrigante a serviço de um poderoso **6** indivíduo servil, bajulador [...]

**estabanada** – **1** agitado, tresloucado, extravagante no modo de ser, na forma de expressão **2** *p. ext.* descuidadoso, desatencioso, desajeitado na maneira de fazer as coisas; desastrado [...]

**estovenga** – **1** B N.E. coisa complicada, esquisita, fora do comum, estrupício **2** BA foice de dois gumes e de pequena proporção, us. na agricultura [...]

**faniquito** – *infrm.* pequeno fanico; chilique, fricote [...]

<sup>2</sup> **frege** – B *infrm* **1** barulho de vozes acoroladas; discussão, gritaria **3** reunião, festa de aspecto ruim, de má aparência **2** desavença entre pessoas; briga, confusão, discórdia [...]

**fuinha** – MASTZOO **1** pequeno mamífero carnívoro [...] indivíduo avaro; sovina **3** indivíduo muito magro **4** pessoa que gosta de intrigas, fofocas, indivíduo mexeriqueiro [...]

**furreca** – B *infrm.* **1** de pequeno ou nenhum valor; insignificante, reles **2** gasto pelo uso; velho [...]

**fuzarca** – B *infrm.* **1** diversão ou festividade, grande e agitada, envolvendo muitas pessoas, música, bebida, brincadeira; farra, folia, pândega, troça **2** *p. ext.* bagunça, confusão, desordem [...]

**galalau** – B *infrm.* homem de estatura elevada; galalão, galerão [...]

**galocha** – **1** objeto de borracha que se calça por cima dos sapatos ou das botas para protegê-los do contato com a água **2** AGR vara ou broto que nasce do enxerto; guia **3** MAR dispositivo metálico de caixa e roldana que se prende na borda ou amurada do navio, através do qual laboram; **4** MATER obsl. certo prego us. em construção naval [...]

**genuflexo** – que ajoelhou; ajoelhado [...]

**guaribado** (*guaribada*)- RJ SP *infrm.* ato ou efeito de **guaribar** [...] – RJ SP *infrm.* **1** AUTOM preparar um carro para que desenvolva maior velocidade que os outros de sua série; envenenar **2** AUTOM preparar o motor e /ou a carroceria de um carro em mau estado de

modo a enganar um comprador **3** *p. ext.* ajeitar, arrumar ou acomodar de maneira apressada e superficial [...]

**jambar** – não dicionarizado

**lambisgóia** – **1** pessoa (esp. mulher) magra, sem graça e antipática **2** pessoa (esp. mulher) afetada, pretenciosa **3** pessoa (esp. mulher) mexeriqueira, intrometida [...]

**lambuja** – **B 1** lucro ou vantagem em jogo, aposta ou negócio **2** aquilo que se ganha ou dá além do estipulado; quebra **3** gorjeta, propina [...]

**lambujem** (lambugem)- **1** ato de comer gulodices **2** guloseima, lambarice **3** resto de comida deixada nos pratos **4** *B m.q.* LAMBUJA [...]

**lesco-lesco** – *B infm.* trabalho pesado e diário; a dura fainha de todos os dias [...]

**maçada** – **1** golpe dado com maço ou maça; maçadura **2** *p. ext.* golpe desferido com um instrumento qualquer de agressão; cacetada, bordoada **3** *p. met.* sova de pancadas, surra **4** *infrm.* situação ou atividade que enfada, aborrece; importunação **4.1** conversa enfadonha; lengalenga **5** *B infm.* situação embaraçosa, adversa, mau negócio [...]

**macambúzia** (o) – **1** que, por temperamento ou circunstancialmente, se mostra triste, taciturno, tristonho **MOÇ 2** jovem guardador de gado [...]

**matusquela** – RJ. C.-O. que ou quem não é bom da cabeça; doido [...]

**mequetrefe** – *infrm.* indivíduo intrometido, dado a meter-se no que não é de sua conta; enxerido **2** indivíduo de caráter duvidoso; patife, mariola, biltre **3** indivíduo sem importância, inútil, insignificante; borra-botas, João-ninguém [...]

**mocorongo** – **1** RJ mulato escuro **2** ES RJ SP *pef.* indivíduo roceiro, de pouca instrução e modos rústicos; caipira; tabaréu; indivíduo natural de Santarém PA; santareno [...]

**morrinha** – **1** VET sarna epidêmica que acomete o gado [...] **4** *infrm.* qualquer doença sem gravidade ou indisposição física mais ou menos passageira **5** *B* cheiro, odor desagradável, repugnante, fedor, catinga **6** chuva fina, chuvisco **7** *B* sentimento melancólico; tristeza [...] **8** *B* indisposição para agir, preguiça, prostração **9** *B infm.* couro de animal que ainda não se abteu **10** *B infm.* aguradente de cana; cachaça **11** que ou quem é ou se mostra lento, vagaroso nas ações [...] que ou quem é ou se mostra desagradável, maçante **14** que ou aquele que se revela grande apego ao dinheiro [...]

**muquirana** – ENT *B m.q.* piolho [...] BS.E *infrm.* **2** *p. ana.joc.* que ou aquele que se mostra maçante, aborrecido; indivíduo enfadonho, chato **3** que ou aquele que se mostra sovina; avarento, mesquinho [...]

**muxiba** – *B infm.* carne magra; pelanca **2** *fig. infm.* mulher velha e/ou muito feia; bucho **3** ALIM carne magra e cheia de nervos us. para alimentar animais, esp. cães **5** que ou quem é apegado ao dinheiro; avarento, usurário, unha-de-fome[...] *B pej.* **4** seios magros e caídos [...]

**muxoxar** – *B* dar beijos; fazer carícias **2** *B ANG* soltar estalo(s) com a língua [...]

**nefelibata** – **1** que ou quem vive na nuvens **2** fig. pej. que ou o que não obedece às regras literárias (diz-se de escritor) **3**. *p. ext.* pej. que ou quem é muito idealista, vive fugindo da realidade [...]

**négligé** – VEST fm. robe feminino de tecido fino e transparente, ger. adornado de rendas ou folhos [...]

**neuratênica** (o) – **1** relativo a neurastenia **2** que ou aquele que padece de neusrastenia **3** *p. ext. infrm.* que ou aquele que se enraivece com facilidade, irritadiço [...]

**nonsense** – **1** frase, linguagem, dito, arrazoado etc. desprovido de significação ou coerência; absurdo, disparate **1.1** CINE LIT filme ou escrito que recorre a elementos surreais, a situações ilógicas, absurdas etc. **2** conduta contrária ao bom senso [...]

**obtemperar** – **1** argumentar com humildade e moderação; ponderar [...] **2** pôr-se de acordo; assentir, aquiescecer [...]

**omessa** – não dicionarizada

**pamparras** – PE **1** de ótima qualidade; excelente **2** muito saboroso, gostoso às **p.** B *infrm.* m.q. À PAMPA [...]

**pampas** – B **1** que tem qualquer parte do corpo de cor diferente daquela predominante (diz-se de cavalo) **2** que tem cara branca (diz-se de animal); [...] à **pampa** ou às **pampas** B *infrm.* em grande quantidade ou intensidade; à beça; às pamparras [...]

**papas-finas** – não dicionarizado

**paquete** – **1** MAR obsl. navio mercante a vapor que prestava serviço de correio e transportava mercadoria e passageiros **2** MAR B embarcação a vela do rio São Francisco; leoba [...] **4** B *infrm.* menstruação **5** P. m.q. CONTÍNUO ('empregado') RS **6** vestido com elegância [...]

**parlatão** (ões) – que ou o que se vale de embustes, de contar mentiras e vantagens; fanfarrão [...]

**patacoada** – **1** dito ou ação ilógica; disparate, tolice **2** gracejo desabusado; brincadeira, chocarrice **3** vaidade ridícula; bazófia **4** B dito mentiroso; lorota [...]

**patota** – B **1** trapaça no jogo; batota **2** artifício empr. para levar (alguém) ao erro; burla, logro, trapaça **3** *infrm.* grupo de amigos; turma [...]

**perrengue** **1** B *infrm.* que ou o que é frouxo, pusilânime, covarde **2** B *infrm.* que ou o que é lerdo, desalentado **3** B *infrm.* que ou o que é teimoso, birrento **4** RS diz-se de ou cavalo que sofre de manqueira crônica **5** RJ *infrm.* discussão, bate-boca, altercação [...] **6** B *infrm.* situação complicada, difícil de ser resolvida [...]

**pestanda** – **1** ANAT m.q. CÍLIO **2** COST tira costurada a uma peça de vestuário e guarnecida de casas para abotoamento em que os botões ficam oculto [...] **tirar uma p.** *infrm.* dormir um pouco; dormir [...]

**pifão** – *infrm.* m.q. *BEBEDEIRA* (‘embriaguez’) [...]

**pimpão** – **1** m.q. *FANFARRÃO* **2** que ou aquele que é vaidoso **3** que ou aquele que se mostra afetado no vestir; garrido, janota [...]

**pinimba** – B *infrm.* m.q. *PINIMA* (‘birra’)

**pitéus** -**1** *infrm.* iguaria saborosa **2** CUL PE m.q. *GALOPEADO* (‘guisado’) [...]

**quedes** **1** (quede) expressão interrogativa significando que é de, onde está; cadê [...] **2** (que) tipo de calçado de lona, us. por desportistas [...]

<sup>2</sup>**quizumba** – RJ *infrm.* conflito em que se envolvem numerosas pessoas; confusão [...]

**ranheta** – que ou aquele que é mal-humorado, intolerante, dado a reclamar de tudo [...]

**rastaquera** – indivíduo que chama a atenção por seus gastos luxuosos; rasta **2** relativo ao rastaquerismo **3** que procura ostentar riqueza exibindo-se com gastos excessivos; rasta **4** B *infrm.* rude, ignorante [...]

**rega-bofe** – **1** festa em que ger. há farturas de comidas e bebidas **2** p. ext. qualquer festa, pândega, folia [...]

**rififi** – [fr., lit. ‘refrão’] B *infrm.* conflito, confusão que envolve várias pessoas [...]

**rogado** -**1** que se rogou **2** a quem se dirige rogativa [...]

**rosetar** – MG B S. machucar (cavalgadura) com a rosta da espora; esporear **2** B *infrm.* divertir-se muito; brincar, folgar, pagodear **3** B *infrm.* divertir-se libidinosamente [...]

**salsaparrilha** – ANGIOS **1** desig. comum às plantas do gen. *Smilax*, da fam. das esmilacáceas, com raízes aromáticas, us. como tempero ou como medicinais [...]

**sarrabulho** – **1** sangue de porco coagulado **2**. p. met. CUL iguaria portuguesa que se prepara com esse sangue, miúdos, gordura e pedaços de carne de porco, tudo condimentado apropriadamente e ensopado *cf. sarapatel* **3** matança de porcos e atos dela decorrente **4** fig. falta de ordem; confusão, moxórdia, bagunça [...]

**serelepe** – **1** MASTZOO SP m.q. *CAXINGUELÊ* [...] **2** fig. que ou aquele que é esperto, vivo, buliçoso **3** que ou aquele que é faceiro, gracioso, atraente [...]

**sibarita** – **1** realatvo à Síbaris, antiga cidade da Luâna, na magna Grécia [...] ou o seu natural ou habitante **2** diz-se de ou pessoa dada aos prazeres físicos, à voluptuosidade e à indolência, a exemplo dos antigos habitantes de Síbaris que, muito ricos, tinham fama de cultivar esses hábitos [...]

**socapa** – **1** qualquer coisa us. para disfarçar (-se); máscara, disfarse **2** fig. ação de enganar maliciosamente; fingimento, dissimulação, manha à s. de maneira furtiva ou disfarçada, sem que se veja; dissimuladamente [...]

**songamonga** – **1** *infrm.* pessoa sonsa e disfarçada **2** ant. mula de médico [...]

**sorrelfa** – **1** dissimulação silenciosa para enganar ou iludir; sonsice, socapa [...] **2** diz-se de ou pessoa matreira, manhosa, dissimulada; sorrelfo **3** diz-se de ou pessoa mesquinha, avarenta à s. sorratamente, dissimuladamente; de sorrate, à socapa [...]

**tetéia** – **1** brinquedo de criança; dixe **2** berloque, enfeite **3** objeto gracioso e delicado B *infrm.* moça atraente, graciosa; chuchu [...]

**tranchã** – B que age ou soluciona de modo categórico; peremptório, incisivo, decisivo **2** *infrm.* obsl. firme em seus princípios, propósitos ou atitudes **3** *infrm.* obsl. palavra-ônibus que qualifica pessoas ou coisas com atributos positivos: bonito [...]

**turbamulta** – m.q. *TURBA* ('multidão, multidão em desordem') [...]

**vai-da-valsã** – B *infrm.* ausência de palnejamento ou despreocupação quanto ao futuro; caos, desorganização [...]

**xongas** – B *infrm.* coisa nenhuma; nada [...]